LUIZ DE MAGALHÃES

O
BRAZILEI
SOARES

COM UMA CARTA-PREFACIO
DE
EÇA DE QUEIROZ

PORTO
ANTIGA LIVRARIA CHARDRO
Lugan & Genelioux, editores
MDCCCLXXXVI

O

BRAZILEIRO SOARES

LUIZ DE MAGALHAES

POESIA

Primeiros versos (1878-1880).

As Navegações, poemeto (1881).

Odes e Canções, novas poesias (1880-1883).

A seguir:

D. Sebastião, poema.

ROMANCES & NOVELLAS

O brazileiro Soares, novella (1886).

A seguir:

Contos. Volume I.

LUIZ DE MAGALHÃES

O BRAZILEIRO SOARES

ROMANCE ORIGINAL

COM UMA CARTA-PREFACIO

DE

EÇA DE QUEIROZ

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

Lugan & Genelioux, editores

MDCCCLXXXVI

LOAN STACK

Meu caro Luiz de Magalhães.

Quando V. no anno passado me leu o esboço do BRASILEIRO SOARES, o que n'elle logo me prendeu foi a originalidade, larga e rigorosa, com que estava modelada a figura do seu Joaquim Soares da *Boa Sorte*. E todavia se ha um «typo» de que o Romance e o Theatro, em Portugal, tenham usado immoderadamente é, decerto, esse lavrador Minhoto, enriquecido e vestido de panno fino, a que nas aldeias se chama o *brasileiro*!

Ha mais de trinta annos, em novella, em drama, em poemeto, o Romantismo (ou antes o Maneirismo Sentimental que entre nós representou o Romantismo) tem utilisado o *brasileiro* como a encarnação mais engenhosa e a mais comprehensivel da sandice e da materialidade. Sempre que o enredo, como se dizia n'esses tempos vetustos em que as Musas viviam, necessitava um ser d'animalidade inferior, um boçal ou um grotesco, o Romantismo lá tinha no seu poeirento deposito de figuras de papelão, recortadas pelos Mestres, o *brasileiro* — já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na lingoagem mais bronca os sentimentos mais sordidos. Bastava só collar-lhe na nuca um nome bem plebeu, arranjar-lhe uma aldeia d'origem que cheirasse bem a curral, atiral-o para o meio de paginas tremulas e regadas de lagrimas, — e elle começava logo a ser bestialmente burlesco e a enojar os delicados.

N'isto, os Mestres do Romantismo não pro-

cederam, originariamente, por animosidade contra uma classe cujos modos, gostos, interesses, lhe repugnassem: obedeciam d'instincto a um Idealismo nevoento, á theoria da Alma profundamente separada do Corpo, e á consequente divisão dos «typos» litterarios em Ideaes e Materiaes, segundo elles personificavam o Sentimento, cousa nobre e alta da Vida, ou representavam a Acção, que ao Romantismo apparecera sempre como cousa subalterna e grosseira. Ora em Portugal o homem que mais evidentemente symbolisava a Acção aos olhos turvos do Romantismo — era esse labrego, que, largando a enxada, embarcava para o Brasil n'um porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho, — e annos depois voltava de lá, na Mala Real, com botas novas de verniz, grisalho e jocundo, a edificar um palacete, a dar jantares de leitão ao abbade, a tramar eleições e a ser barão...

E note V. que este mesmo cavador endinheirado commovia o Romantismo até á Elegia, quando elle era ainda o *triste emigrante*, pa-

rando uma derradeira vez na estrada, para ouvir o ruido do açude entre as carvalheiras da sua aldea; quando elle era o pobre embarcadiço, de noite, no mar gemente, encostado á borda da escuna *Amelia*, erguendo os olhos chorosos para a lua de Portugal...

Apenas voltava porém, com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão, — o *saudoso emigrante* passava logo a ser o *brasileiro*, o bruto, o reles, o alvar. Desde que elle deixara de soluçar e ser sensivel, para labutar duramente de marçano nos armazens do Rio, o Romantismo repellia-o como creatura baixa e soez. O trabalho despoetisara o triste emigrante. E era então que o Romantismo se apossava d'elle, já rico e *brasileiro*, para o mostrar no livro e no palco, em caricatura, sempre material, sempre rude, sempre risivel, — não por um justo odio social contra um inutil que engorda, mas por aversão romanesca ao burguez positivo, videiro e ordeiro, que não lê versos, que se occupa de cambios, só olha a lua quando ella

annuncia chuva, e só repara em Beatriz e Elvira quando ellas são roliças e faceis.

Em contraste com este «materialão» estava o homem de poesia e de sonho, magro, altivo, malfadado, eloquente, e «trazendo (como diziam a serio os estylos d'então) um inferno dentro do peito». Este permanecia pobre, ou desdenhava lyricamente o dinheiro: a sua occupação especial e unica era a Paixão: por elle as mulheres pallidas, todas de branco, iam chorar, agarradas ás grades dos mosteiros. Nos finaes d'actos, elle, só elle lançava, n'um gesto sombrio, «as palavras sublimes», dolentemente sublinhadas pelos violoncellos, ao rumor dos prantos abafados. O *brasileiro*, esse dizia as sandices, que nas farças mais francas eram tambem sublinhadas — com um estoiro sobre o tambor.

Estes dous typos, insipidamente falsos como generalisação, pareciam ainda mais postiços, mais distantes da vida e da realidade, como factura. O homem ideal era invariavelmente um grande boneco esguio, com longos e tristes bigodes de

crepe, uma agoada de amarellidão na mascara de cera sempre contrahida de amargura, e umas luvas brancas que elle torcia na tortura perpetua do seu atro destino: por dentro, para lhe dar uma apparencia d'alma, mettia-se-lhe, ao acaso, como se machuca a palha para dentro dos Judas d'Alleluia, um molho secco de phrases lacrimosas e balofas.

O homem material, o *brasileiro*, esse consistia n'um outro boneco, achamboado, tosco, com um collete amarello, pellos nas orelhas, e joanetes — os immensos joanetes que o Romantismo, de pé pequeno, nunca deixava d'accentuar, com um traço de sarcasmo e asco. Este boneco por dentro não tinha nada, nem phrases, nem palha.

E o curioso, meu caro Luiz, é que, de todos os typos habituaes do nosso romance romantico — só o *brasileiro* tem origem genuinamente portugueza, de raiz. O homem fatal e poetico; a mulher de negros cabellos revoltos que perde; a mulher de pestanas baixas que salva; o arro-

gante fidalgo, com longos nomes e hostil ao seculo; o padre risonho que bemdiz e affaga — todos esses vieram importados de França: e as suas dôres, as suas descrenças, os seus murmurios d'amor, tudo chegou pelo paquete, e pagou direitos na Alfandega, misturado aos couros inglezes e ás peças de panno Sedan. O nosso Romantismo não é responsavel por essas gentis creações d'além dos Pyrineos. Ellas já aportavam ao Tejo e ao Douro, assim falsas e mal feitas, fóra da natureza e da verdade. O Romantismo acolhia-as com uma submissa reverencia provinciana: e assim as mandava imprimir á Casa Moré e á Casa Roland, taes como as recebia, traduzindo-lhes apenas em vernaculo os martyrios e os jubilos.

O *brasileiro*, porém, era só nosso, todo nosso, d'este solo que pisamos, castiço e mais originalmente portuguez que a chalaça e a louça das Caldas. Mais que nacional, era local. Era do Minho, como o vinho verde. Ora o Romantismo que sendo triste amou sempre essa provincia

verde-triste, encontrava lá o *brasileiro* constantemente, na feira, na romaria, na egreja, na varzeà, na villa. No mirante caiado d'amarello, que elle avistava entre as ramadas, èstava tomando o fresco o *brasileiro :* na caleche forrada de reps azul, que elle cruzava na estrada e que o empoeirava, vinha o *brasileiro*, de perna estendida. Muitas vezes o Romantismo (incoherencias inevitaveis da vida terrestre) jantava com o *brasileiro.* Assim, profusamente, acotovelando por essa provincia brasileiros innumeraveis, vira-os de todos os feitios exteriores: seccos, obesos, de barba, rapados, miudinhos, espadaúdos, calvos, guedelhudos, fracos, e fortes como os bois de Barroso. Vira-os, homens varios, com as varias, multiplas qualidades humanas: bons e velhacos, ridiculos e veneraveis, generosos e torpes, finos e suinos... Que importa!

O Romantismo deduzira uma vez do seu odio á Acção e ao «homem que sua» um typo symbolico de brasileiro gordalhufo e abrutado — e assim o apresentava invariavelmente, im-

placavelmente, em novella, em drama, em poema, como se não houvesse existido jámais senão aquelle *brasileiro*, e fosse tão impossivel mostral-o sem os attributos de materialidade que o individualisavam, como é impossivel pintar Marte sem a sua armadura, ou contar Tiberio sem esboçar Capreia ao longe, nas brumas do mar... O brasileiro da rua a cada passo desmentia o brasileiro do livro? Que importa! O bom Romantico não cuida da rua: se é um Mestre marcha altivamente, com os olhos alçados ás nuvens; se é um discipulo segue cautelosamente, com os olhos attentos ás pegadas dos Mestres.

Extraordinarios, estes Romanticos! E bem sympathicos, — os primeiros, os grandes, os que tinham talento e uma veia soberba — com este inspirado, magnifico desdem pela natureza, pelos factos, pelo real e pelo exacto! Os discipulos, esses, louvado seja Nosso Senhor, são bem pêcosinhos, e bem chochinhos!

Ora V., caro amigo, nascido já fóra do Romantismo (que a nós, mais velhos, nos enternece

com uma patria abandonada), tendo aprendido a lêr em Flaubert, como nós aprendemos a lêr em Lamartine, faz uma coisa bem simples, que revoluciona a velha novella, hoje rara, mas ainda cultivada por alguns retardatarios, no meio da evolução naturalista, com a lugubre puerilidade de quem está espetando rosas de papel no meio de um jardim de maio cheio de roseiras em flôr. Querendo estudar um *brasileiro*, n'um romance, V. faz isto, que é tam facil, tam util e que nenhum dos antepassados da Litteratura quiz jámais fazer: abre os olhos, bem largos, bem claros, e vae de perto olhar para o *brasileiro*, para um qualquer, que passe n'um caminho, em Bouças, ou que esteja á porta da sua casa, na Guardeira, com o seu casaco d'alpaca. E immediatamente reconhece, que elle, como V. e como o seu visinho, é um homem, um méro homem, nem ideal nem bestial, apenas humano: talvez capaz da maior sordidez, e talvez capaz do mais alto heroismo: podendo bem usar um horrivel collete de seda amarella, e podendo ter por baixo d'elle o mais nobre, o

mais leal coração: podendo bem ser ignobil, e podendo, porque não? ter a grandeza de Marco Aurelio!...

Aquelle que V. encontra na Guardeira, o Joaquim da *Boa Sorte*, era excellente, candido, casto, trabalhador, verdadeiro, magnanimo, d'alma forte e amante. E V. muito simplesmente, muito rigorosamente, tendo de o contar como o viu e como o sentiu, commette esta audacia pavorosa, que vae fazer praguejar de colera os veteranos do Idealismo: dá ao antigo grotesco, ao *brasileiro*, todas as qualidades de coração que pertenciam exclusivamente, pelo dogma do Romantismo, ao homem pallido, ao homem de poesia e de sonho...

E como procede com sinceridade, desenhando do natural, V. conserva a este brasileiro, que ama e soffre, toda a sua *realidade material* — não se julgando forçado, por o ter sentido capaz d'emoção e tormento moral, a dar-lhe todos os attributos poeticos, a plastica macilenta

e languida que o Romantismo considerava inseparavel da dôr e da paixão.

Não comprehendendo que um gordo e um rubicundo podesse amar — o novellista romantico faria logo o pobre Joaquim da *Boa Sorte* magro como um Lara, de bigodes tristes: e nunca mais o deixaria comer consoladamente o seu leitão! Dos labios do Joaquim, tornados convulsos, penduraria cachos de palavras gementes : e, para o preparar ao seu fim tragico, não lhe permittiria mais que elle se occupasse, honesto e pacato, da sua fabrica de papel, trazendo-o sempre, de pagina em pagina, a olhar tôrvamente as pedras dos cemiterios, ou a torrente que referve entre rochas... Isto, está claro, se por uma concessão inverosimil o Romantismo, um dia, permittisse ao *brasileiro*, ao *torna-viagem*, ao seu bôbo encartado, ter um coração humano, e batendo humanamente.

V. porém não vio assim o bom Joaquim da *Boa Sorte*. E apesar d'esse *brasileiro* ter real-

mente, mais que qualquer homem de poesia, «um inferno dentro do peito», V. conserva-o, no livro, como elle lhe appareceu na Guardeira, bebendo regaladamente o vinho fresco, com um casaco mal feito, e suissas mal cortadas! Sim, V. esquecido da Rethorica, nossa mãe commum, chega a esta monstruosidade: tem um heroe que ama ardentemente, que morre d'esse amor, e que usa grossas suissas! Assim tu és, mocidade irreverente e revolta, que não respeitas nem os velhos ideaes, nem as velhas regras, nem as velhas barbas — taes como os Mestres as cortavam na face dos seus heroes, para glorificação d'elles ou para sua humilhação!

O seu livro, caro Luiz, tem a realidade bem observada e a observação bem exprimida — as duas qualidades supremas, as que se devem procurar antes de tudo na obra d'Arte, onde outr'ora se admirava principalmente a imaginação e a eloquencia. Mas V. faz além d'isso, com o seu Brasileiro Soares, uma verdadeira rehabilitação social.

Entre nós os romances, mesmo falsos e distantes da natureza, teem uma influencia lenta nos costumes, e mais lenta, mas bem perceptivel, na formação das ideas. Nós somos, como meridionaes, uma raça imitadora e copista: domina-nos sempre a tendencia a repetir e a gosar, em nós mesmos, os modos de ser e os modos de sentir dos personagens que nos sensibilisaram nos livros admirados e relidos. O «homem poetico», por exemplo, produziu outr'ora por esse comprido reino, desde Melgaço até Faro, innumeraveis homens poeticos, de attitude e de palavra. Hoje quasi desappareceram, n'esta vasta maré positiva da Democracia e da Industria: mas ainda existem, aqui e além, solitarios e tristonhos, como em certos adros antigos onde se estabeleceu uma fabrica, se ergue ainda, esquecido, um cypreste. Não é raro, em villas tristes de provincia, encontrar ás trindades, caminhando só, rente ao muro do cemiterio, um moço pensativo e guedelhudo, embrulhado n'um chale manta: é um derradeiro *homem poetico*, que antes de re-

colher á assembleia, a lêr os jornaes da Capital, anda alli a espairecer sombriamente, vendo só em torno a si, vendo só fora de si, um mundo que desmorona.

Por outro lado, parallelamente a estes modelos dados á provincia, o romance ajudou a formarem-se certos criterios consagrados. E assim succedeu que esse *brasileiro* do Romantismo, apparecendo constantemente, em novella e drama, soez e faceto — conseguio crear, n'uma sociedade que não conhecia o brasileiro da realidade, a ideia de que todo o homem que voltava do Brasil, com dinheiro e brilhantes na camisa, era irremediavelmente um boçal, um burlesco. Pouco a pouco, formou-se assim uma larga corrente d'antipathia social pelo *brasileiro*: não se comprehendia que elle podesse ter elevação no sentimento, nem gosto nas maneiras, nem cultura no espirito: e de antemão se concluia que a sua figura devia reproduzir, em fealdade chavasca, a grosseria interior. O *brasileiro*, segundo esta lenda, tornava-se a columna da Estupidez, o es-

teio da Banalidade: elle era o popularisador do feio e do reles: era elle que maculava as veigas bucolicas do Minho com os seus palacetes rebocados de verde-gaio; era elle que introduzia a «immoralidade» nas nossas aldeias, virginaes como as da Arcadia, no tempo de Theocrito. O *brasileiro* apparecia como uma nodoa escandalosa no suave idyllio portuguez!... E assim uma creação convencional da ironia romantica chegou a envolver toda uma classe de cidadãos n'um descredito que, se já não dura tão intenso e tão acre, ainda se arrasta em todos esses numerosos espiritos que, tendo uma vez formado laboriosamente uma ideia, não a mudam, não a corrigem, por indolencia, por impotencia, e sobretudo por indifferença pela exactidão das ideias.

V. portanto, indo buscar o *brasileiro* a esses limbos da caricatura disforme para o fazer reentrar na natureza, e na partilha commum do bom e do mau humano; revestindo-o, pela verdade observada, de todas as excellencias moraes de

que o despira, systematicamente, a calumnia romantica; mostrando no antigo typo do Bruto a possivel existencia do Santo— executou uma verdadeira rehabilitação social. V. desbrasileirou o brasileiro, humanisando-o: e como todo aquelle que, com um tranquillo despreso das convenções, faz uma obra de Verdade, V. elevou-se insensivelmente a esse feito mais raro, e melhor, que se chama uma Boa Acção.

Bristol, 21 de maio de 1886.

Eça de Queiroz.

A

EÇA DE QUEIROZ

meu mestre e meu amigo

I

Joaquim Soares fôra para o Brazil aos quinze annos.

Seu pae, lavrador em Bouças, tinha na Bahia um irmão, que ia fazendo fortuna. A esta familia dos Soares, na Guardeira, sua aldeia natal, chamava o povo os *Soares da boa sorte*. Com effeito, filhos de um jornaleiro da quinta da Car-

denha, todos prosperaram e enriqueceram. O pae de Joaquim Soares, rendeiro de uns pequenos bens quando casára, conseguiu ao fim de vinte annos de trabalho comprar a herdade que cultivava, e ficou proprietario de umas terras que, bons por maus annos, davam de vinte a trinta carros de pão. Um irmão d'este, com a ajuda do snr. morgado da Cardenha, fez-se padre e ficou sendo o capellão da casa. O terceiro foi para o Brazil á aventura; porém com tanta felicidade que, pouco tempo depois, morrendo-lhe um patrão que não deixára filhos, casou com a viuva d'este, cujo negocio de seccos e molhados tinha uma certa importancia entre o pequeno commercio da Bahia. Era tudo gente remediada.

Joaquim Soares foi, pois, para casa d'esse tio, como marçano. Ao tempo da

sua partida, quando os paes o foram despedir a bordo da galera *America*, elle era um minhoto atarracado, de largos hombros, biceps de athleta, thorax saliente, e o pescoço curto e grosso, como o dos valentes bois do Barroso. A cara tinha a expressão vulgar e trivial da raça: más feições, muito cabello n'uma grenha aspera e curta, e esses dentes pequenos, eguaes e solidos do camponio, que parecem feitos para rilhar a codea da brôa. Era trigueiro e feio: a barba mal lhe apontava; sobre o labio grosso negrejava apenas a farrusca do buço pennugento; mas no seu olhar havia um não sei quê de bondade infantil, que attenuava o aspecto desagradavel d'essa face quasi alvar — de nariz chato e arrebitado, com narinas de *bulldog*, de bocca grande, fendida rectamente,

e de enormes bochechas de uma saude exhuberante de sanguineo.

Na Bahia o tio Manoel explorou-o como um escravo. O rapaz era de uma bondade, de uma submissão, que o recommendavam muito especialmente ao seu egoismo especulador. Assim todo o duro serviço da loja lhe caíu ás costas, e a cada instante via-se ao fundo da baiuca o vulto do pobre marçano, curvado, derreado, transportando aos hombros os grossos fardos de generos.

Mas um dia chegou-lhe finalmente o tempo de ganhar. Subira um posto: era já caixeiro. O tio deu-lhe então um quarto melhor, tirou-o do vão de escada infecto e escuro onde o alojára até ali. E foi esse o seu primeiro dia alegre n'aquella longa clausura d'annos, passados no fundo sombrio do armazem, como n'um carcere

onde o amarrasse a grilheta do trabalho. A vida sorria-lhe um momento, e mal se imagina a viva commoção, a alegria sincera, com que elle guardou no escaninho da arca a primeira moeda de prata que recebeu do tio. Até lhe parecia que a grosseira imagem lythographada de S. Joaquim, seu patrono, que a mãe collára no interior da tampa, ao guardar-lhe a roupa, tinha abençoado com um sorriso esse primeiro tropheu da sua lucta pela riqueza!

Cousa d'um anno depois, o tio, que já soffrera em tempo um leve ameaço de paralysia, sentiu-se perturbado uma tarde, ao erguer-se da meza. Custava-lhe a fallar, e todo o lado direito insensibilisára-se de repente. Um medico, chamado á pressa, confirmou a hemiplegia, dando porém esperanças de melhoras. Comtudo durante alguns dias foi difficil comprehender-lhe

a falla entaramelada, e teve de recolher-se ao quarto, abandonando de todo a loja, cuja direcção ficou a cargo de Joaquim Soares, então seu primeiro caixeiro. Esta gerencia durou mais d'um mez; mas em todo esse tempo não houve a menor alteração no movimento commercial da casa. Nem bulhas entre os marçanos, nem queixas ou reclamações dos freguezes, nem irregularidades de escripturação. Tudo em perfeita ordem, tudo no mais escrupuloso e completo arranjo. A marcha habitual d'aquelle negocio rotineiro, sem as aventuras da alta especulação, continuou monotonamente sob a gerencia de Joaquim Soares. E n'esta administração de poucas semanas, n'algumas compras importantes, n'algumas vendas por junto a commissarios que iam mercadejar ao interior, o rapaz mostrou uma disposição pratica para o

commercio, alliada a um tal espirito de probidade, que fez pasmar o Lucas Pinto, negociante de pannos crús e chitas, amigo intimo de Manoel Soares, e por este encarregado de deitar os olhos sobre os negocios mais importantes da casa, entabolados ou resolvidos por seu sobrinho.

Mudou subitamente, depois d'isto, a attitude do tio para com elle. Manoel Soares ficára arrasado, soffrendo sempre, movendo-se a custo, tomado a miudo d'esses accessos de irritação que a immobilidade forçada produz nos genios activos. Não podia quasi sair do quarto, e gradualmente foi abandonando toda a gerencia do negocio ao sobrinho, que começou então a mandar no estabelecimento como verdadeiro patrão. A loja prosperava, as vendas por grosso e as commissões ao interior cresciam, a ponto de ser preciso

abrir novos armazens para o negocio de exportação que a casa começava agora a fazer.

Naturalmente Joaquim Soares esperava ser o herdeiro do tio; mas no seu espirito bondoso, recto e modesto, isto não era uma ambição: era uma simples probabilidade dos acasos da vida e da ordem natural das cousas. O tio estava viuvo e sem filhos: os seus unicos herdeiros eram os irmãos — o padre e José Soares, o pae de Joaquim. Estes iam em bom caminho de fortuna e achavam-se ha muitos annos separados do irmão: Joaquim Soares contava pois com toda a casa, como que por um dever de affecto e até de reconhecimento da parte do tio.

Entretanto o velho Soares, recolhido ao quarto, pregado a uma cadeira como a um potro de martyrios, peiorava com

os annos. Era apenas a sombra do que fôra, e a sua existencia esmorecia lentamente como uma luz que se extingue. Um dia sentiu-se peior, e percebeu que morria. Quando o sobrinho veio ao quarto, á noite, depois de fechada a loja, disse-lhe em voz sumida, mas sem commoção e com a maior frieza:

— Isto está por pouco... Naturalmente não passo d'esta noite... Se eu morrer, toma conta no que por ahi encontrares. Cautela com os amigos... Ha ahi um testamento na minha secretária particular... Não confies as chaves a ninguem.

Joaquim Soares quiz ficar ao pé d'elle. O velho recusou seccamente.

— E' escusado. Vae deitar-te.

De manhã encontraram-no morto na cama. Expirára como vivera, unicamente

comsigo, desligado de todos os corações e de todos os carinhos—sem um beijo respeitoso e algumas lagrimas quentes nas suas mãos geladas.

Joaquim Soares, só depois de dispôr todas as cousas para o enterro do tio, pensou no testamento. Comtudo, á sua abertura perante as testemunhas legaes, sentiu-se abalado por uma extranha vibração nervosa. Teve um palpite, um palpite repentino de uma grande desillusão. Mas serenou immediatamente, seguro no seu desinteresse e na paz da sua consciencia honesta.

O testamento era laconico: uma pagina apenas de papel sellado, onde depois do longo cabeçalho do estylo se consignavam estas simples disposições:

«Deixo todo o activo e passivo de meu negocio, mais todos os papeis de credito

e dinheiros á ordem, e tudo quanto em minha casa fôr encontrado, bem como a dita casa e todas as mais propriedades e bens que possuo, a Manoel Ribeiro Antunes, filho de Ricardina Antunes, d'esta cidade da Bahia, e presentemente residindo no Rio de Janeiro, o qual reconheço por meu filho, e constituo meu unico e universal herdeiro, com a obrigação dos seguintes legados:

a Lucas Pinto, meu antigo companheiro, o meu relogio d'oiro e corrente;

a meu sobrinho e caixeiro Joaquim Soares, como lembrança dos bons serviços que prestou ao meu negocio, os meus botões d'oiro de camisa.»

E mais nada!

Ao principio Joaquim Soares ficou como assombrado. Ignorava completamente que seu tio tivesse um filho natu-

ral—segredo absoluto, que nunca suspeitára. Sentiu então um primeiro movimento de revolta. Dôze annos de dedicação, de trabalho violento e continuo, de zelo, de cuidados, de sacrificios pessoaes, com um ordenado miseravel—tudo isto pago com uns botões de oiro que não chegariam a valer duas moedas fôrtes! E nem uma expressão de sincera estima, de gratidão, de affecto! Nem no ultimo dia da sua vida uma palavra ou gesto, que lhe traduzissem um sentimento qualquer da parte do homem, a quem elle sacrificára durante tanto tempo o avanço do seu futuro commercial!...

Mas depois reflectiu. Pensou no facto da existencia de um filho, nos deveres da paternidade, nos direitos da filiação... E em pouco tempo na sua alma bondosa e indulgente, sempre aberta á piedade e

sempre prompta á resignação, o acto do tio mostrou-se-lhe sob um outro aspecto: era o cumprimento de um dever, a acceitação de uma responsabilidade. E por isto explicava a seccura apparente, a indifferença affectiva do tio nos ultimos momentos: não o quizera illudir sobre a sua sorte no testamento; sacrificára o coração ás exigencias do dever moral!... E foi cheio de lagrimas que, antes do sahimento, se debruçou sobre o esquife para lhe beijar pela ultima vez a mão.

II

Lucas Pinto procurou-o ao outro dia de manhã cedo.

Joaquim Soares, todo vestido de preto, com collarinhos de merino, appareceu-lhe de physionomia abatida—muito pallido e os olhos inchados e vermelhos de chorar. Estava no escriptorio, fazendo a correspondencia.

— Você já trabalhando, Soares?! — disse o negociante ao entrar.

Era um homemsinho magro e sumido, de raros pellos russos, olhar azul d'uma mobilidade desconfiada e cubiçosa, nariz adunco, e a espinha curvada da assiduidade á carteira. Havia um mixto de covardia e inveja na sua face cadaverica, onde a physionomia oscillava entre a expressão do medo e da perfidia—esse aspecto classico dos avarentos, de feições seccas e amarellentas, como as effigies cunhadas no oiro das suas moedas. Agitava-lhe o peito uma tosse secca e aspera, que se confundia ás vezes com o seu riso entrecortado, sem expressão de alegria; e as mãos, d'uma magreza esqueletica, tinham nos dedos uma curva de garra, uma crispação rapace — como a de um milhafre que descobre a presa. Sordido, com

uma velha sobrecasaca puída e coberta de nodoas, uns enormes sapatos, empoeirados ou enlameados segundo a estação, e na cabeça encasquetado um grande chapeu de palha gorduroso e sebento, o Pinto das chitas arrastava-se de loja em loja, nas visinhanças do seu estabelecimento, apoiando-se a um guarda-sol de gancho, imprevisto e traiçoeiro, salteando os segredos do commercio, escutando á porta dos escriptorios antes de entrar. Uns temiam-no, outros odiavam-no. E elle com a sua cubiça de usurario e o seu prazer de tyrannisar e ter na mão a vida alheia, insinuava-se, offerecia os seus serviços para os negocios que surprehendia ou adivinhava, e, uma vez cravada a garra nos bens das suas victimas, martyrisava-as com todas as pequenas oppressões mesquinhas da agiotagem — os vexames de

hypothecas, penhoras, citações, protestos de lettras—rejeitando com inflexivel dureza rogos, supplicas ou propostas d'accommodação. Engulira assim os primeiros lucros de emprezas nascentes, muito negocio em prosperidade, muita pequena fortuna accumulada nas luctas de um commercio honesto. Era riquissimo, mas chorava-se sempre; e o seu negocio das chitas, rotineiro e mediocre, era a mascara humilde com que disfarçava a sua alta condição monetaria na aventura d'esse latrocinio legal da usura.

—Você já trabalhando, Soares?—perguntou o velho.

—E não tenho pouco que fazer, snr. Pinto, respondeu o caixeiro. Ha dois dias que não vejo a correspondencia; ha ahi facturas e encommendas a aviar... E depois o testamento do tio põe-me ás cos-

tas uma enorme responsabilidade... Não sabe nada? Pois ahi o tem. Leia.

O Pinto leu avidamente. Ao meio do testamento empallideceu, soltou um *oh!* d'assombro e fitou o caixeiro.

— Leia, repetiu este sereno.

O usurario correu tremulo as ultimas linhas. No fim deixou caír o papel sobre a carteira de Joaquim Soares, com um ar abatido e desconcertado.

— Ora esta, Soares! murmurou entre dentes. Quem se lembraria d'isto? quem pensaria tal de um homem como seu tio? Que traição, amigo!...

E realmente o Pinto considerava uma traição este testamento do seu velho companheiro, porque Soares tinha sido, de todos os pequenos commerciantes da Bahia, o unico que conseguira prender a estima do avarento. Esperto, manhoso, egoista,

soubera-o evitar. E no fundo o Pinto sentia uma certa admiração por esse homem d'um sagaz instincto de raposa, que escapára ás malhas da sua rede de agiota, d'esse homem que vivera sempre explorando os outros, com um poder de dominação insinuante e uma previdencia velhaca, pouco vulgares. Em mais de uma occasião o Pinto fôra o instrumento das suas manhas. Elle alugava-o pelo resultado financeiro do negocio, e atraz da porta via os seus rivaes esperneando na ratoeira do terrivel prestamista. Entendiam-se, no fim de contas; mas no intimo d'essa ligação apparente os seus egoismos, duros e asperos como pedras, não se fundiam nem ligavam. Assim, morto o homem, na alma do Pinto accordavam os instinctos da sua eterna fome de oiro, e encolhido, desconfiado, appro-

ximava-se ao cheiro do espolio, com a sua marcha obliqua de hyena que presente um cadaver.

Não tendo conseguido apanhar o tio, lançava agora as suas vistas sobre o sobrinho recem-ricaço.

Aquella leitura deu-lhe em cheio no coração, como um tiro á queima-roupa. E tremulo, pallido, o olho azul com uma scintillação de odio impotente, resmungava entre dentes palavras soltas de desapontamento.

—O filho... o filho da Ricardina. Ora quem se lembrava já do filho... E era d'elle?!... ah! ah! (casquinava a sua risada secca). D'elle, ou d'outro... vão lá sabel-o. Um bandalho de porta aberta... Este testamento é uma traição, Soares!

Mas Soares, ignorante de toda a in-

triga em que o Pinto o iniciava por estas expressões soltas e que lhe revelára o testamento, instou para que o esclarecesse:

—Explique-me isto, snr. Pinto. Quem é esta gente, este filho, esta Ricardina Antunes? que segredo era esse tão guardado, que nunca o suspeitei, vivendo ha tanto tempo na companhia do tio?

—Cousas velhas... rapaziadas, respondia o outro com azedume. E' no que dão as asneiras d'outro tempo. Sirva-lhe de lição, a você que é moço.—Foi ha bons vinte e seis annos essa historia; uma amigação dos diabos com uma mulher que para ahi houve, uma desavergonhada d'uma viuva que vivia com todo o mundo. Soares era um babado com mulheres; mas, como esperto, foi sempre por ellas que se fez gente.—Isto aconteceu antes do casamento.

E com difficuldade, emendando-se a cada instante, lá reconstituiu a historia d'esses amores do seu amigo.

Fôra uma ligação trivial com uma pobre mulher perdida, viuva d'um velho funccionario do imperio, que em paga de mil infidelidades lhe legára uma fortuna rasoavel. Soares aproveitando-se da sua conhecida fraqueza, d'essa facilidade com que ella recebia todos os homens como uma femea roida pelo cio, atracou-a uma vez á má-cara com a brutalidade d'um soldado em dia de saque. A mulher cedeu, receosa, vencida por aquella imposição violenta; e durante annos elle explorou-a dissipando-lhe os ultimos vintens, para a abandonar porfim, com um filho, quando morrendo o seu velho patrão, o Souza, lhe sorriu o plano de apanhar-

lhe o espolio casando-se com a mulher, uma velha ignobil, quasi demente, de quem depois ficou herdeiro. Abandonada, a Ricardina saíu da Bahia com o filho, seguindo um outro homem, e lá morreu por longe deixando o pequeno ao desamparo. Soares nunca quiz saber d'elle. Muitos annos depois, comtudo, viu o seu nome firmando artigos e poesias em varios jornaes do Rio. O rapaz, que começára a vida como typographo, desenvolvera ao contacto dos livros e dos trabalhos d'officina um talento litterario promettedor. Mas o pae, homem bronco e practico, que a respeito de lettras só admittia as de cambio, convenceu-se logo de que o filho déra n'um *gazeteiro*, n'um pelintra, e votou-lhe desde então um profundo desprezo, sobre o desamor que já

lhe consagrava. E se algum assomo de remorso lhe feria a consciencia, resmungava sempre enfastiadamente:

— Ora... que se arranje! Não estou para sustentar malandros...

Foi esta historia, cheia de episodios e peripecias, que o Lucas contou, já com grandes hiatos de falhas de memoria, já com os pequenos detalhes que muitas vezes surgem no espirito repentinamente, depois de annos de um completo esquecimento.

O que elles não souberam porém explicar — foi o reviramento subito dos sentimentos do velho Soares para com esse filho natural. Talvez um conselho secreto de amigo? talvez um remorso ao presentir um fim proximo? talvez uma transigencia de catholico medroso receando um juizo supremo, e combinando o seu

egoismo de vivo com a sua salvação de morto, em detrimento do pobre sobrinho que o servira como escravo?... — Não percebiam, não penetravam esse mysterio.

— Mas que trapalhada, Soares! exclamou o Lucas Pinto n'um visivel descontentamento.

— Não ha trapalhada nenhuma, snr. Pinto, respondeu serenamente o caixeiro. Tudo se reduz a eu participar ao herdeiro o fallecimento de meu tio e as suas disposições. Depois elle que venha tomar conta do que lhe pertence...

— E cumprir os grandes legados!... concluiu o Pinto com azeda ironia. Na verdade, Soares, sempre ambos mereciamos mais alguma cousa a seu tio... Deus lhe perdoe á memoria, mas não é por este testamento que elle ha de entrar no

céu... Foi um grande ingrato, na verdade...

Joaquim Soares levantou-se tranquillamente e disse, d'um modo firme, n'uma voz em que transpareciam vibrações de sincera dôr:

—Ó snr. Pinto, ainda não ha um dia que o corpo de meu tio deixou esta casa, que era sua, e eu exijo que, boa ou má, a sua memoria seja respeitada aqui, como se elle fosse vivo. Meu tio tinha bens, e portanto o direito de dispôr d'elles como quizesse. O que mandou será cumprido.

—Mas esquecer-se assim de você, que foi aqui o seu escravo durante doze annos... esquecer-se de mim...

—Basta, snr. Pinto! tornou um pouco mais exaltado Joaquim Soares. Peço-lhe o favor de não insistir em tal ponto. O procedimento de meu tio é o de um

homem de bem: acceitou uma responsabilidade... os encargos que lhe resultavam de um passo errado. Este testamento absolveu-o do antigo desleixo dos seus deveres de pae, absolveu-o das suas culpas e dos seus erros. Repito que ha de ser fielmente cumprido, em tudo o que depender de mim. Para recordação da sua memoria basta-me a lembrança que me deixou... Não tenho alma de invejar o pão alheio, nem ponho preço á minha amisade como ás saccas de café...

— Mas, homem, olhe ao menos para si, dizia Lucas Pinto desnorteado. Que diabo! Não seja creança, homem!... Você tem vinte e sete annos e por unica fortuna o bem de Deus! Que quer você fazer, Soares? Quer recomeçar todo o seu trabalho, ficar na piolheira do balcão? ser para ahi um burro de carga toda a vida?

Não seja creança, já lh'o disse... Trate de si, homem, trate de si...

— Que trate de mim?! interrogou Joaquim Soares, sem comprehender o sentido das palavras do seu visinho. Mas é o que vou fazer: trabalhar por minha conta, procurar capitaes com o credito que tenho, estabelecer-me...

O negociante de pannos fitou-o com firmeza e com esse olhar de profunda analyse, da analyse implacavel que dão a experiencia da realidade e a educação da lucta brutal dos interesses.

— Isso é o sonho de vocês todos! Estabelecerem-se... estabelecerem-se!... Creancices, amigo! Se você visse o que eu tenho visto, se conhecesse como eu o negocio, não se prendia n'essas teias d'aranha. Isto de commercio vae uma desgraça! Não se dá um passo; não se sáe

da cepa torta, Soares. Conte-me d'isso a mim, que ha quarenta annos me vejo mettido n'esta vida Olhe o que eu tenho andado: ganho apenas para comer, meu amigo, apenas para comer... E este é o negociosinho certo, a pingadeira de todos os dias. Porque lá essas altas emprezas da moda — lerias! Veja você o que por ahi vae: quebras e mais quebras... Não se entra para isto sem fundos, Soares, sem fundos proprios, porque o credito — olhe que isto é verdade—não passa d'uma invenção do diabo: serve só para tentar e para perder. Fundos proprios, Soares: este é que é o caminho seguro!... Sem isto nada.—Eu sempre pensei que seu tio o deixasse herdeiro, e vinha propôr-lhe um pequeno negocio. Assim... só lhe digo que pense na sua situação e que se decida quanto antes... sem perder tempo...

— Que me decida a que, senhor? perguntou o caixeiro meio intrigado, meio duvidoso, na sua ingenua boa-fé, sobre o sentido d'aquella advertencia.

Lucas Pinto fez uma pausa. O seu olhar tomou uma vivacidade mephistophelica. A cubiça, a febre do oiro, a rapacidade ingenita do seu caracter, como que lhe saltavam da vista em chispas infernaes. Dir-se-ia o Tentador n'uma prosaica encarnação de burguez patife.

— Homem, sejamos francos! continuou, passado um instante. A vida tem necessidades que você desconhece, na sua boa-fé de rapaz — necessidades a que não se resiste, Soares... O mundo é assim, e não fui eu que o fiz. — Não seja tolo, não deixe fugir as occasiões!... Olhe que mais tarde arrepende-se. Bem sei que se falla, se diz... etc. e tal. Lerias, lerias, amigo,

historias! Palavriado dos que não podem — e nada mais! Todos somos o mesmo, bem no fundo, creia isto; e mais tarde ou mais cedo vimos a cahir na realidade das cousas... Se você visse o mundo como um homem, sabe o que fazia?...

Soares, cada vez mais perplexo, fitava-o, mudo, com um aspecto de idiota, de pé e as mãos apoiadas sobre a banca. O sangue affluia-lhe apopleticamente ás faces.

Lucas Pinto media as doses do veneno que pensava infiltrar no juizo do caixeiro. Suppunha-o um pobre diabo fraco, inexperiente e malleavel. E por lhe desconhecer a obscura hombridade, a intima energia moral, contava com um triumpho n'esta traficancia, proposta quasi a descoberto, sem a sapa lenta e cautelosa das longas intrigas. Porisso aclarava o seu

pensamento, desmascarando o conselho, abandonando gradualmente o tom vago e sybillino do seu discurso.

— Se você visse o mundo como um homem, sabe o que fazia?... Ia-se prevenindo...

Outra pausa.

— Sim, ia-se prevenindo... Deixe-se de contos: não seja creança. (Uma tosse secca agitou-lhe o peito). Veja se é de justiça que, depois de servir tantos annos seu tio, fique para ahi sem um real, sem nada de seu proprio para começar a vida... E o outro de que elle nunca fez caso, e a quem nem o seu nome quiz dar, ha de vir aqui e, sem mais rasões, metter ás algibeiras os contos de reis que você juntou trabalhando como um mouro; porque a verdade é que esta casa só foi casa depois que

o negocio lhe começou a correr pelas mãos...

— Mas então entende que eu devo intentar um processo contra o herdeiro?...

— Um processo! que ideia! Um processo, sim... mas summario! De que lhe valia a você uma questão nos tribunaes? Está ahi o papel legal registrado nas notas de um tabellião. O que se não sabe é o total da fortuna, o que se não conhece é o dinheiro que ahi está dentro, nem o movimento da casa... Papeis, lettras, propriedades, tudo isso está nos livros dos bancos e dos negociantes, nos registros publicos. A escripturação da casa e o cofre, porém, estão na sua mão... É ter a faca e o queijo!... Ande, homem, não seja tolo. Veja as cousas como ellas são... Que diabo! A vida tem d'estas necessi-

dades, o commercio tem d'estes casos, como já lhe disse... Você não conhece o mundo.

Cego d'uma colera negra, quasi perdido de cabeça, o pacifico Joaquim Soares oscillava entre a indignação da sua honradez e a tibieza do seu animo. Decomposto de feições, rugiu esta pergunta, n'um tom cavo de raiva surda, onde ia toda a sua repugnancia á tentação abjecta do traficante:

— O senhor aconselha-me que roube!...

— Que roube! Bem digo eu que você é creança!... Roubar a quem? a seu tio, que está morto? ao rapaz que não tem nada?... Homem essa é boa!...

Este ponto de vista de uma subtileza cynica sobre um tão miseravel crime, des-

norteou de todo o espirito fraco do bom caixeiro.

Lucas Pinto pensou-o dobrado e vencido, e julgou conveniente aproveitar o momento.

— Soares, a cousa faz-se entre nós, sem que o mundo o saiba... Um geitinho aos livros, uma sangria á burra e ninguem fica mal... O rapaz não perde, pois que ninguem perde o que não tem; e de resto muito lhe fica, todo o negocio, todas as lettras, propriedades... Seu tio só precisa agora da misericordia de Deus... Você escusa de se acabar mais tempo n'essa vida de negro que tem levado... e eu pelo meu conselho só lhe peço que me ajude n'um negociosito que nos póde render bom dinheiro...

Era muito. Joaquim Soares tremia,

pallido, livido, da indignação que o dominava. Percebera, por fim, a manobra do seu visinho e ás ultimas palavras d'elle, fóra de si, como um louco furioso, deitou-lhe ao pescoço as suas grossas mãos cabelludas e duras e levou-o adeante de si até á porta do escriptorio, contra a qual o entalou.

A colera explosia-lhe em insultos entrecortados.

—Ah! seu desavergonhado!... E isso não é roubar!?... Olhe que o desfaço, seu grande canalha!

—Aqui d'el-rei! gritava Lucas Pinto. Respeite um velho, Soares!....

—Eu aqui não respeito ninguem, seu grande ladrão!...

E brutalmente afocinhou-o sobre uma cadeira. Como todos os homens sem habitos de pugilato, sem arte de lucta, ba-

tendo apenas no impeto da colera, os seus golpes eram incertos e tinham o ridiculo dos ataques das creanças ou das mulheres: arranhava, arrepelava, dava pontapés!

Ao reboliço accudiram os marçanos, que estacaram perante aquella scena, mal abriram a porta. Com a presença d'elles Soares como que veio a si, e de um empurrão atirou o Pinto contra a parede, perto da qual elle caíu de costas no sobrado.

— Rua, seu canalha! rugia o caixeiro. Rua! nem mais um instante n'esta casa... Fuja, que eu perco-me... Fuja, olhe que o mato!...

E impellido por outra onda de colera crescia para o velho que, medroso, correu para a rua, escapando-se atravez da mercearia—grunhindo e com as mãos nas faces feridas e pisadas.

— Para a loja! já para a loja! Quem

os mandou cá metter o nariz? gritou este aos marçanos que correram, intimidados, atraz do visinho das chitas.

E meio desafogado, mas tremulo e nervoso, passeou por muito tempo de mãos nos bolsos, atravez do gabinete, murmurando insultos e exclamações...

Duas horas depois elle mesmo deitava ao correio uma carta dirigida ao herdeiro de seu tio, annunciando-lhe esse testamento inesperado que o enriquecia.

Nas poucas linhas d'essa carta, ia o epilogo laconico e simples d'um grande acto de honestidade, d'uma victoria, obscura mas heroica, sobre as tentações diabolicas do oiro.

E no emtanto o pobre homem sentia-se como sob o peso d'um remorso — só por ter ouvido as palavras venenosas do avarento...

III

Passaram-se annos, muitos annos...

Pelo Brazil, ora n'uma, ora n'outra terra, Joaquim Soares labutou rijamente pela fortuna, atirando-se ao trabalho de cabeça baixa, indo buscar o lucro onde quer que elle estivesse, pondo ao ganho e á posse do dinheiro a exclusiva condição da sua intransigente probidade.

Activo, com uma segura disposição para o negocio, pôz de parte o commercio localisado e entregou-se a emprezas de commissão que lhe permittiam um começo de vida quasi sem capitaes. Comprava aqui, vendia acolá, dirigia transacções a distancia, tomava empreitadas de fornecimentos, carregações, transportes maritimos — de maneira que a sua vida tornou-se n'uma continua viagem pelo Brazil, desde o Amazonas, onde embarcava a borracha, até as campinas do Sul, onde negociava em gado e em couros.

Muitas vezes no trato do negocio os outros commerciantes prophetisavam-lhe um mau futuro pelos seus excessos de boa-fé e pelos seus minuciosos escrupulos de honra. «Você ha de ser muito roubado, Soares! — Ande lá, que um dia o snr. paga todas as suas creancices!» Mas

a estes conselhos Soares respondia com uma pura serenidade de consciencia : «Antes ser roubado do que roubar... Primeiro que tudo quero o socego cá de dentro. Havia de me saber a fel o pão mal ganho, palavra d'honra ! E de resto sempre me tenho dado bem com o meu systema. Homem, isto é fortuna de familia. Lá na terra chamam-nos os *Soares da boa sorte*.»

Por vezes no seu negocio aventuroso esteve em riscos de perder tudo. E n'essas occasiões difficeis havia da sua parte grandes rasgos de hombridade, franquezas sinceras sobre o seu estado commercial perante as praças em que tinha credito, offerecimentos espontaneos de cauções a credores a quem devia quantias mal garantidas — toda uma lisura de negocios e um timbre de cavalheirismo que, dia a dia, lhe confirmavam mais a reputação.

Depois era um mãos rotas para a pobreza, um protector nato de quanto conterraneo sem eira nem beira lhe caía ao lado. Era o homem dos asylos, das caixas de beneficencia, dos hospitaes, das escolas, para onde dava dinheiro á doida —compromettendo ás vezes n'estas generosidades os lucros de todo um negocio, o rendimento de um anno inteiro de trabalho.

E' assim o seu capital engrossava lentamente, porque para Soares a riqueza não era um fim, mas um meio; e n'elle o trabalho não representava a sede do oiro, mas uma necessidade de temperamento. Queria ser rico para satisfazer a sua febre de generosidade, para vêr em torno de si todo o mundo feliz; e se não fossem essas liberalidades loucas, em poucos annos teria amontoado algumas centenas de contos.

Mas as suas ambições proprias eram modestas; e um dia, viu por fim realisado o seu grande sonho: poder liquidar um rendimento de mil libras! Tinha quarenta e sete annos de edade e trinta e dois annos de trabalho. Achou que era tempo de se reformar em capitalista, de regressar ao seu Minho, tanta vez saudosamente relembrado, para gosar em paz o fructo de uma tão longa labutação honesta.

E desde então a ideia da patria, da sua aldeia da Guardeira, do velho pae e dos irmãos, que ainda todos viviam, a ideia fixa das boas almas dos expatriados em busca do trabalho, ao fim das suas valentes victorias sobre a fortuna — vir espalhar no torrão natal o dinheiro ganho fóra, os tropheus conquistados em batalhas continuas n'esses paizes do oiro — essa ideia, aguilhoada pelas saudades, pelas

reminiscencias castas e luminosas da infancia, pela nostalgia das longas ausencias, pela fadiga do trabalho, pelo goso de um regresso triumphante, pela curiosidade de saber o que os annos fizeram de tudo o que se amou e estimou, antes de mais nada na vida — essa ideia absorveu todo o espirito, todo o coração do bom Soares.

Liquidou os seus negocios, escreveu aos seus participando-lhe a resolução, deu o ultimo abraço aos amigos e, um dia, com as lagrimas nos olhos, entre a esperança e a saudade, n'uma commoção inexplicavel de receio e desejo, como na primeira loucura da juventude quando nos arrojamos á responsabilidade de um acto duvidoso—de bordo d'um dos grandes paquetes da *Royal Mail*, Soares debruçado na amurada, viu perder-se pouco a pouco

no horisonte, como um traço esfumado de nevoa cinzenta, essa terra da America do Sul — onde lhe ficavam tantos annos da sua vida, tantas recordações, tantas saudades...

IV

Na Guardeira a noticia do seu regresso estalou como o annuncio d'um acontecimento superior, d'um successo historico cheio de consequencias para a vida social do logarejo.

Não se fallava n'outra cousa em toda a freguezia. Era o assumpto obrigado da chocalhice indigena em todos os pontos de

cavaco, desde as vendas e o adro da capella, depois da missa, até ao alto circulo official da administração do concelho.

— Então o Joaquim da *Boa sorte* volta do Brazil?...

— Assim ouvi, compadre; e dizem que rico... cheio como um ovo.

— Os irmãos é que vão campar...

— Deixe lá que para nós tambem não é mal nenhum...

— Olha a duvida! Do que aqui se precisa é de dinheiro... d'um homem que aveze... Com os ricos é que eu me quero, amigo...

Mas a familia — que apregoára largamente a grande noticia — essa impava de orgulho, estalava de satisfação. Os Soares tinham grande importancia no logar. — O irmão mais velho, o padre Ignacio, era o abbade da freguezia; o segundo,

o Ricardo, estava medico no partido do Soutello, concelho limitrophe; e o cunhado, o Francisco da Silva, antigo mestre d'obras e pequeno proprietario, tinha-se feito o grande homem politico da localidade, tendo sido por varias vezes regedor, membro da junta de parochia, director do correio e camarista no municipio de Bouças, durante um biennio, por influencia do morgado da Cardenha, que fôra muito tempo o patrono generoso de toda essa familia de clientes.

Eram homens praticos, videiros, com uma tintura de instrucção que lhes dava superioridade sobre os conterraneos. E assim a ideia de terem um solido ponto de apoio monetario na fortuna do irmão ricaço, para alavancar mais fortemente a sua influencia — augmentava o jubilo sincero em que os trazia a esperança de o

abraçar em breve, pois no fundo eram bondosos e honestos.

Porisso quando receberam de Lisboa a noticia da sua chegada ao Lazareto, a familia resolveu ir esperal-o ao Porto. Iriam todos, á excepção do pae, um velho quasi nonagenario, meio paralytico, tão tomado das pernas que só nos bonitos dias de sol se arrastava tropegamente apoiado a um varapau até ao adro da egreja: e n'uma bella manhã—o abbade, o medico e Francisco da Silva com a mulher e os dous filhos, a Ermelinda e o Augusto, tomavam logar no carro da carreira, alegres, radiantes, endomingados, como quem marcha para uma grande festa ou se prepara para figurar n'um triumpho.

Quando entraram na estação de Campanhã ainda faltavam duas longas horas para a chegada do comboio do Sul. A

plataforma estava quasi deserta : apenas dois empregados, de bonnet e guarda-pó de linho, passeiavam conversando.

Da *marquise* de ferro cannelado caía o calor plumbeo e asphyxiante d'um meio-dia de julho. O asphalto queimava os pés. Lá fóra a luz crúa e a vibração do ar quente velavam a paizagem como sob uma ligeira gaze de prata scintillante. Sentia-se a distancia o silvo d'uma machina que manobrava nas agulhas, e de vez em quando um carro de bagagens atulhado de malas passava, rolando com estrepito, impellido por um carregador.

A familia passeou longamente a todo o comprimento do caes, olhando o relogio com uma viva impaciencia. A snr.ª Maria do Rozario contava os minutos; mas Francisco da Silva, o marido, declarou em

ar de censura que isto de comboios era uma pouca vergonha, que nunca se sabia ás quantas se andava. O abbade dissertava gravemente sobre os caminhos de ferro e suas vantagens, relembrando as antigas jornadas do seu tempo, a cavallo ou de liteira, quando para ir do Porto a Lisboa era preciso fazer testamento. E concluia dizendo para o irmão e para o cunhado:

— Lá n'isto de estradas e caminhos de ferro é preciso confessar que muito se deve ao Fontes!

No emtanto outras pessoas iam apparecendo na *gare*. Ouvia-se fóra, no largo da estação, o rodar das carruagens que chegavam. O timbre do telegrapho vibrou, e logo depois a sineta deu um toque de aviso. A estação despertava; o chefe

e os empregados appareciam: os carregadores espalhavam-se na plataforma, bocejando, amollecidos pelo calôr.

N'esse momento dois rapazes que saíam do restaurante, rindo e fallando alto, passaram mesmo hombro com hombro ao pé dos Soares; e um d'elles, loiro, muito ajanotado, de luneta, ao dar de cara com a Ermelinda, disse em voz baixa para o outro, acotovelando-o:

— Olha que bonita pequena!... Vês?... ali com aquelles typos...

E ambos a fitaram cara a cara, com uma impertinencia que a fez baixar os olhos.

Mas d'ahi a instantes, n'esse passeio ao longo do caes, os dous grupos cruzaram-se de novo, e o rapaz loiro tornou a lançar á Ermelinda um longo olhar insistente e delambido. E assim continuou

em cada volta, em cada encontro, provocando insolentemente o namoro.

A hora, porém, approximava-se. Ouviu-se ao longe a corneta do agulheiro, e um instante depois a machina apparecia lá ao fundo, dobrando uma curva — e entrava porfim estrepitosamente nas agulhas, offegante e empenachada de fumo.

Houve um movimento na plataforma. Todos os grupos se approximaram da linha, estendendo anciosamente o pescoço, querendo reconhecer alguem na fileira de cabeças que saíam das portinholas das carruagens.

Mas o comboio parou um momento para se recolherem os bilhetes. Os Soares, muito perturbados, procuravam distinguir de longe o irmão, cujas feições mal conheciam por uma photographia antiga. Batia-lhes o coração, sentiam a gar-

ganta secca, tomára-os um mal estar estranho — essa especie de angustia que se sente quando se approxima emfim a realisação d'um successo longamente desejado.

Foram uns minutos terriveis. Pareciaelhes que todas as caras, que viam de longe, confusamente, assomar ás portinholas, lhes sorriam, lhes faziam signaes amigos. — Será este? será aquelle? — perguntavam entre si. — E se não viesse, se tivesse perdido o comboio? Que decepção!

Porfim o conductor apitou, a machina respondeu com um silvo agudo e o comboio entrou solemnemente, vagarosamente, na *gare*, prolongando-se com o caes, emquanto os carrejões deitavam as mãos aos fechos das portinholas e os passageiros, com aspectos encalmados, ex-

haustos d'uma longa viagem sob o calor torrido e o pó mordente, se debruçavam saudando um amigo que os esperava ou olhando com indifferença os grupos que enchiam a estação.

Então á portinhola d'um dos wagons, que passava em frente d'elles, os Soares viram uma larga face trigueira, emoldurada em duas grossas suissas, negras, fortes e curtas, uma face radiante, cujo olhar bondoso parecia procurar inquietamente alguem entre toda essa multidão.

O abbade teve um palpite. Aquella physionomia bondosa não podia enganar as suas reminiscencias de infancia. Era elle, era o seu Joaquim! E erguendo o braço gritou-lhe com a voz estrangulada pela commoção:

— Ó Joaquim! Joaquim!!

Os outros olharam; viram uma mão que lhes acenava, dois olhos marejados de lagrimas e ouviram distinctamente pronunciar os seus nomes:

— O' Ignacio! ó Maria! ó Ricardo!... ó filhos!

— O' Joaquim! bradaram todos em côro correndo para a carruagem que parou um pouco adeante.

A portinhola abriu-se e um homemsarrão veio caír-lhes nos braços, repetindo-lhes os nomes, chorando como uma creança, com a voz cortada pelos soluços.

Foi um longo abraço mudo, commovido, nervoso — em que sem uma palavra se transmittiu toda a confidencia das antigas saudades, dos velhos sentimentos redivivos. Elle estreitava-os a todos, beijava-os, tornava a dizer-lhes os nomes, chorando, sorrindo, suspirando.

— São os teus filhos, Maria?! perguntava olhando os sobrinhos. Ai que joia de rapariga! Deixa-me abraçal-os tambem... E o pae? como está o pae? muito velhinho, coitado?! Vá, saiámos d'aqui depressa. Estou morto por me ver em casa ao pé d'elle...

E chorava de novo, nervosamente, n'uma effusão que a sua vontade era impotente para dominar.

Mas tornava-se preciso sairem d'ali. Os carrejões assaltavam n'os, pedindo-lhes a bagagem; a multidão que se dirigia para a porta impellia-os na sua onda. Á saida o aperto era grande; e como Ermelinda deixasse caír o seu guarda-sol, sentiu que alguem o apanhava atraz d'ella. Voltou-se e viu o rapaz loiro que lh'o entregou, dizendo-lhe:

— Este guarda-sol creio que lhe pertence...

— Muito obrigado, respondeu ella simplesmente sem o fixar.

O Ricardo veio fóra procurar um *char-à-bancs* que os levasse á Guardeira, emquanto Soares, todo atarefado, abria as suas malas, na sala das bagagens.

D'ahi a instantes o carro partia a todo o trote, aos solavancos sobre as suas molas duras, cruzando rapidamente a cidade. Soares olhava as ruas e as casas, pasmado da differença que o Porto fazia. Não reconhecia a cidade, e os predios novos, de cantaria lavrada, azulejos frescos e claros, platibandas e grandes vidros nas janellas, encantavam-no, davam-lhe a nota dos seus gostos: cousas solidas, bem feitas e bem pagas.

Quando o carro entrou na estrada da

Guardeira, começando a rodar sobre o *macadam*, debaixo das grandes tilias, entre os muros musgosos das quintas e os silvados cinzentos do pó, quando se começou a sentir o ar do campo, impregnado dos aromas dos pinhaes, do matto florído, do trevo, da terra recozida pelo sol, Joaquim Soares commoveu-se profundamente. Aquella paizagem e aquelle ar fresco despertavam na sua alma velhas recordações, reminiscencias quasi apagadas, sentimentos adormecidos ha muitos annos no fundo do seu coração. Era toda a sua infancia que se erguia deante d'elle — toda uma edade calma, simples e ingenua, a que lhe parecia voltar depois do seu longo exilio n'essas terras distantes, entre o trato rude dos homens e a implacavel batalha da vida.

E cheio de curiosidade, ia pergun-

tando por estes e por aquelles, pela situação da aldeia, pelo destino de certas pessoas e de certas cousas. Immediatamente a conversa mudou de tom. Nas informações dos irmãos transpareciam os seus sentimentos pessoaes e os seus interesses. Diziam bem d'uns, mal d'outros, narravam mil casos de intriga local; referiam as suas pretenções, os seus planos, deixavam claramente entrever o quanto contavam com elle para solidificar com o seu oiro a importancia crescente da familia.

O Ricardo, que avançára pouco no partido de Soutello e que tinha adquirido da experiencia do mundo esta sublime verdade — de que só pela politica se fazem as cousas, aconselhava-o auctoritariamente:

— Com o teu dinheiro tens tudo aquillo na mão: és o rei. Ha muito que se precisa de quem faça frente ao Carlinhos da

Cardenha, que entende que ainda hoje se lê cá na terra pela cartilha dos capitães-móres...

Depois o abbade queixou-se-lhe da falta de meios da freguezia para fazer obras de primeira necessidade na egreja parochial. E o cunhado, pela sua vez, procurou induzil-o a que tratasse logo de obter a conclusão de uma estrada que lhe devia passar á porta da quinta paterna.

Soares radiante e feliz, cheio de commoção, com lagrimas saudosas para o irmão abbade, que lhe recordava o velho tio, capellão da Cardenha, que o ensinára a lêr, com ditos para os cabellos brancos do medico, e abraços para o cunhado que fôra o melhor dos seus companheiros de infancia, promettia tudo, dizia que sim a todos os conselhos e a todos os pedidos.

E quando elle chegou a entrar na

Guardeira, quando a aldeia em peso o veio ver abraçado ao pae meio paralytico, cheio de lagrimas e de alegria — todos viram n'aquelle corpulento brazileiro, de suissa dura, cabello grisalho e uma larga face bonacheirona, honrada e feia, o Messias da localidade, o futuro rival politico do Carlinhos da Cardenha, o pae dos pobres, o thesoureiro official de todos os que não tivessem dinheiro, o cofre inexgotavel da população para todas as phantasias do fomento de campanario.

Choveram-lhe em cima as visitas da *gente grada*, e á frente d'ellas o temido Carlinhos, um bacharel formado, de vinte e sete annos, com pretensões a deputado, e dando-se uns ares de vice-rei no concelho de Bouças. Todos extranharam este procedimento do Carlinhos, porque os Soares tinham-se posto de candeias ás

avessas com a casa da Cardenha, por o velho morgado se negar a empenhar-se n'uma pretensão do medico Ricardo Soares, que queria melhoria de vencimento no seu partido. Mas o Carlinhos, que tinha fumaças de homem finorio e de vistas largas e que além d'isso havia compromettido seriamente a casa com dois annos de vida airada e uma viajata ao extrangeiro, presentiu tambem em Joaquim Soares uma grande mina a explorar e pondo de parte o que elle chamava as *ingratidões d'aquella gente dos Boa-sorte*, tomando uma attitude nobre de generosidade e esquecimento, foi logo, amavel e cortez, como um boyardo condescendente, visitar o servo enriquecido e *parvenu*.

Passado o tempo das primeiras expansões, o genio activo de Soares começou a sentir a necessidade do movimento.

— Que diabo! canço-me a não fazer nada, dizia elle á familia.

Então todos os parentes voltaram á carga — um com a politica, outro com a egreja, o terceiro com a estrada.

Soares entendeu, no seu ingenuo christianismo, que era em honra de Deus que devia começar a espalhar o seu dinheiro na terreola natal. Determinou pois começar pela egreja e as obras principiaram á larga, todo o telhado novo, altares restaurados, imagens modernas, reformas nas vestimentas e paramentos—e emfim, para cumulo, um bello calix de ouro macisso com o pé trabalhado a relevos custosos, obra para uns centos de mil reis.

O irmão abbade, que na familia herdára a representação ecclesiastica, andava radiante e só pensava na grande festa com que inauguraria a sua capella depois

de restaurada. Como testemunho de gratidão para com o irmão generoso levou a junta de parochia a fazer tirar-lhe um retrato a oleo, de meio corpo, para ser collocado com um lettreiro explicativo e laudatorio na parede da sacristia.

Ainda as obras da egreja iam em meio, já Soares espontaneamente se offerecia para construir uma casa d'escola. N'isto o morgado quiz operar uma manobra de mestre attraíndo a si o nababo recem-vindo. Mal lhe chegou aos ouvidos a noticia de que o *brazileiro* (Soares estava porfim confirmado definitivamente n'este indispensavel papel typico da aldeia minhota) pensava em doar a freguezia com uma casa para a escola primaria, foi procural-o á Portella, a quintarola do pae onde elle ficára a viver, e cheio de phrases e de excellencias pediu-lhe licença para o

abraçar e significar-lhe o desejo que tinha de o apresentar ao governador civil para este fazer o seu nome conhecido do snr. ministro do reino, e obter-se da parte do governo um subsidio para a manutenção da escola, pois professores que acceitassem a párca remuneração dos municipios «não eram decerto os sacerdotes correspondentes ao bello templo da instrucção popular, que sua exc.ª ia erguer dadivosamente no seu torrão nativo».

O bom Soares ficou encantado, mas recusou-se cheio de modestia. Era um pobre homem, dizia elle, com desejos sinceros de servir a sua terra, mas não queria nada com a politica; o seu gosto era viver em paz com todo o mundo, vêr todos contentes e felizes. S. exc.ª o snr. dr. Carlos podia tratar pela sua propria influencia d'esse negocio, que elle lá es-

tava para correr com as despezas e para o mais que fosse preciso.

O irmão medico torceu o nariz a esta attitude de Joaquim Soares; mas este assegurou-lhe que em politica se não mettia, que nunca quizera tratar de cousas fóra do alcance da sua cabeça, e que não tinha andado toda a vida a ganhar dinheiro para porfim crear com elle inimizades e indisposições. Faria o bem que podesse, estava prompto a dar a camisa do corpo para soccorrer a pobreza, mas lá em cavallarias altas de politica—isso de fórma alguma.

— És um tolo, affirmava-lhe o medico. Atiras toda uma fortuna á rua. Não te dava mais de dois ou trez annos para seres deputado... para teres tudo isto aqui assim na mão.

E fechava a esquerda, como soffrean-

do com as redeas uma cavalgadura sujeita e domada.

— O que, Ricardo? deputado, eu?! exclamou o brazileiro. Tu estás doido! Eu mettia-me lá n'essa... Ir para a camara fazer figura d'asno, dizer que sim ou que não em cousas que não percebo, consoante o recado que me dessem cá de fora?!.. Tu estás enganado commigo. Eu conheço-me, e sei para o que nasci. Fala-me em cambios, em assucares, em cafés, em gado, em carregações, em armadores — e tens homem. Fiz-me gente a lidar com isso, e n'esses pontos sei-me governar. Agora lá pela basofia de fazer figura ou para dizer que tenho os outros debaixo dos pés, metter-me n'essas emprezas d'alto bordo para que não tive principios, isso não vae lá! — Homem, eu aqui, com os patacos que arranjei, posso

talvez fazer algum bem. Mas mettido na politica, para que diabo sirvo? sim, que queres tu que eu faça na camara?... Ora deixa-te d'isso! É pela figura? Leve o diabo tal mania! O que eu quero é que me deixem em paz... que me deixem viver obscuro e socegado, como tenho vivido até hoje...

— Pois olha, eu no teu logar... ponderava ainda o medico, a quem estas doutrinas pareciam creancices.

— Mas isso comtigo é outro cantar... Tu tiveste estudos, andaste nas aulas, fizeste uma carreira pelos livros. Lá entendes d'isso. Eu cá fui um burro de trabalho, ora eis ahi está... — Nada! Deixemo-nos d'isso... deixemo-nos d'isso! Cada um para o que se creou.

Entretanto o morgado escrevia jubiloso ao governador civil que conseguira

do *brazileiro* a construcção da escola primaria, e que julgava que para o animar se lhe devia offerecer uma commenda, terminando sempre com grandes protestos de fidelidade ao governo, almejando pelo dia em que lhe podesse prestar «outros serviços politicos superiores a estes pequenos negocios de campanario».

O seu jogo consistia em fazer crêr ao governador civil que era o rei da terra com um Rothschild labrego á sua disposição, e em se dar por outro lado importancia perante o lorpa do brazileiro, atirando-lhe com uma commenda ao peito.

No fundo de tudo isto estava o sonho doirado do circulo.

V

Ao fim dos trabalhos da egreja e quando os da escola iam já em mais de meio, Soares percebeu que n'estas generosidades a sua fortuna ia levando rombos perigosos. Achava-se forte, ainda novo, e resolveu recomeçar a trabalhar.

Comprou a quinta ao pae, contractou com uma casa ingleza o fornecimento em

larga escala de gado de embarque, e em pouco tempo a Portella era um deposito de juntas de bois de ceva, comprados em todo o Minho e Douro, que d'ali seguiam em manadas tropegas para os embarcadouros dos paquetes inglezes no caes de Massarellos.

Como sempre, a boa sorte acompanhava-o nos seus negocios, e já ao fim do primeiro anno Joaquim Soares auferia lucros que lhe permittiam restabelecer o seu equilibrio financeiro.

Porém, desde que comprára a quinta ao pae, o brazileiro ruminava o plano de fazer construir uma casa — o bello palacete com portões de ferro ao lado, mirante, platibanda de granito e mastro no quintal para içar bandeira aos domingos e outros dias festivos. Havia já ido ao Porto duas vezes tratar do risco com um

architecto, e apenas restavam umas difficuldades de escolha de local nos limites da propria quinta, quando o dr. Carlinhos, que pelas suas artimanhas politicas conseguira, não o circulo desejado, mas o logar de secretario geral n'um districto do sul, resolveu vender a Cardenha, ultima propriedade que lhe restava, mas já crivada de hypothecas fortes, das quaes elle se sentia incapaz de a desonerar.

O morgado annunciou a quinta nos jornaes do Porto, mas os enlevos da epoca eram as construcções urbanas, e os annuncios de propriedades rusticas, então, arrastavam-se mezes sem successo algum nas ultimas paginas das grandes folhas diarias.

Os Soares todos caíram sobre o brazileiro influindo-o á compra. A quinta não achava comprador, os credores só a to-

mariam em ultimo recurso e o morgado largaria aquillo por cinco réis de mel coado. Fugia assim á massada d'uma construcção nova: a casa era soberba, bem conservada, com um velho ar solarengo que lhe dava magestade, e pedindo apenas ligeiros reparos e embellezamentos.

Joaquim Soares decidiu-se: escreveu ao morgado e depois de rapidas negociações concluiu a compra por vinte e cinco contos — quasi só o valor da casa!

Os *Boa-sorte* não cabiam em si de felizes com a ideia de terem na familia a posse d'aquella rica propriedade, onde o avô de Joaquim Soares, o velho Manoel Ignacio, começára a vida á frente dos bois. Era como que uma revindicta das suas humilhações de proletarios, aquella acquisição da Cardenha pelo mais traba-

lhador e mais feliz de todos elles. E agora, correndo livremente o immenso casarão, sentiam-se desforçados das vezes que tinham esperado, submissos e humildes, ao fundo das escadas ou nas ante-camaras, por que o snr. morgado se dispozesse a recebel-os.

A Cardenha era o morgadio d'uma familia, que no seculo XVIII dera em conegos e em desembargadores as figuras mais casmurras dos cabidos e das justiças portuguezas. O morgado ficava-se sempre a caçar e a estafar cavallos nas terras de entre Douro e Ave, dando lautos brodios nas tradicionaes festas do anno, emquanto os cadetes se espalhavam pelos coros das sés, pelos conventos ou pelos altos tribunaes. Economicamente a casa resistiu muitos annos n'uma completa immobilidade conservadora, até que o morgado

coevo da revolta patuleia a empenhou em muito, tomando parte activa no movimento popular do Minho. Esse morgado era excepcionalmente um velho doutor em leis, amigo dos revolucionarios de 20, um classico humanista, com a cabeça cheia de Grecia e Roma, e, como tal, apostolo d'uma liberdade catonica, dogmatica e rigida, que o fazia um partidario ferrenho de todos os radicalismos da nossa politica de então.

Desilludido mais tarde sobre os destinos do seu paiz, o velho morgado abandonou o parlamento, onde tomára assento durante annos, e retirou-se ás suas terras. O unico filho e seu successor morria pouco depois d'um desastre á caça, deixando a viuva, ainda nova, e um filhinho, o Carlos.

Mettido na Cardenha, o morgado An-

tonio da Silveira passou o resto da sua vida a reler os classicos latinos e a agricultar rotineiramente as suas terras. Todo o seu enlevo era o neto, que fez educar no Porto, destinando-o para seguir depois o curso juridico em Coimbra. Quando o rapaz estava quasi no fim do primeiro anno, o pobre velho, quebrado da muita edade, cheio de soffrimentos e desgostos, morreu. A nora ficou na Cardenha até á formatura do filho, que, tomando conta da casa, ao saír de Coimbra, a acabou de comprometter com as suas dissipações no Porto e em Lisboa e com uma viagem a Hespanha e a França.

E assim passava o velho senhorio dos Silveiras, estirpe illustre de juizes e frades cruzios, para as mãos d'um *torna-viagem*, cujos avós lhe tinham cavado as terras durante longos annos.

A Cardenha tomava toda a encosta d'um pequeno monte e alastrava-se pelo valle fronteiro até á borda d'um riacho ladeado de altos choupos, onde se abraçavam as cepas das vides de enforcado. A casa ficava a meio do outeiro, tendo á frente desdobrado o largo tapete dos lameiros e dos campos verdejantes de milho, e nas costas as espessuras alombadas d'uma densa matta de pinheiros mansos, que trepava até á crista sinuosa d'aquella pequena cordilheira. Sobre esse fundo verdenegro a pesada edificação do seculo XVIII destacava, rectilinea e branca, com a sua linha de sacadas, e a um dos lados o torreão, cujo parelho nunca se construira e fôra substituido por uma pequena capella de portão verde e cimalha triangular, onde se fixava uma cruz. Ao meio do edificio abria-se a grande porta, enci-

mada pela pedra de armas dos Silveiras, e a toda a largura da frontaria estendia-se o jardim, um Le Nôtre de canteiros de murta e teixos aparados, cheio de roseiras do Japão, de alecrins enormes e de magnolias, com fileiras extensas de craveiros em vasos vermelhos e ao centro um tanque circular, onde a agua caía d'um repuxo, com um sussurro monotono e somnolento.

Vista de longe, a casa da Cardenha tinha um pittoresco antigo na orla do pinhal secular, com o seu torreão ameiado, dominando as povoações do valle e o riacho com os choupos esguios. Mas era sobretudo bella á tarde, quando do monte fronteiro o sol rubro e deformado, quasi a desapparecer no horisonte sanguineo, a vestia da purpura ardente das suas ultimas radiações, incendiando-lhe as vidra-

ças e deixando toda a sua alvura em evidencia na luz, emquanto em baixo os logarejos se sumiam já nas sombras do valle. Era como o resplendor d'uma apotheose de theatro, um effeito de scenario, onde a velha casa morgada sobresaía eminente e dominadora.

A parte rustica da propriedade era importante, tanto pela extensão dos terrenos agricultaveis, como pela sua uberdade. Nas mãos activas e felizes de Soares — toda a gente o dizia — a Cardenha ia ser um principado.

Poucos dias depois da compra, o brazileiro chamava mestres do Porto para reparar a casa. Quasi que lhe conservou apenas as divisões. O mais foi tudo substituido, portas, janellas, sobrados, pinturas, papeis, estuques. Velhos tectos em masseira almofadados com magnificas vigas

de castanho esculpido, largas portadas com ferragens de serralheria artistica, alguns antigos azulejos — nada resistiu á mania do *moderno* do brazileiro sem gosto e dos operarios especuladores. Porfim a casa ficou com um aspecto interior burguez e incaracteristico, que destacava da sua pesada magestade exterior.

A mobilia acabou esta obra demolidora. Era a eterna monotonia do mogno e do marmore branco, do *reps* e do tapete com flores. Mas o golpe mais cruel no velho ar da Cardenha foi a transformação do jardim, onde os teixos foram abatidos, a taça de granito substituida por um lago com ponte rustica, e as ruas cobertas com parreiras sobre esteios de pedra e ladeadas por estatuetas de faiança, representando as estações do anno e as partes do mundo.

Soares, porém, estava encantado com a sua obra, e no dia em que se installou na nova residencia, deu uma festa principesca, um d'esses barbaros jantares do Minho, em cujo *menu* entram o arroz de forno com patos, a orelheira com feijão branco, a sarrabulhada, o lombo assado — e vinho verde a rodo.

VI

Installado no seu palacio, Joaquim Soares achava-se só. Não conseguira que o pae largasse a Portella onde se intretinha a olhar pelos bois que quinzenalmente ali se juntavam afim de seguirem para o embarque, e não podera arrancar o abbade á residencia, senão aos domingos para jantar. O cunhado e a irmã viviam

á sombra do velho e não o deixavam: depois que elle entrevecera, Francisco da Silva passou uma venda que tinha, arrendou a sua quintarola da Cortelha e foi fazer as terras da Portella, quasi como um tutor ou curador dos bens do sogro. Apenas o irmão medico vinha passar á Cardenha uns dias, de vez em quando, com bem vontade de mandar ao diabo o partido e mudar-se para ali definitivamente.

Um dia Soares queixou-se ao abbade da sua solidão.

— Olha, Ignacio, não sei que me parece vêr-me aqui só n'este casarão. Ás vezes ao jantar até me vêm as lagrimas aos olhos: dá-me vontade de me erguer da mesa e ir á Portella comer o caldo com o pae. E á noite?... É um socego... parece isto um cemiterio. Nunca em mi-

nha vida me senti tão triste, tão não sei como...

— Homem, casa-te! disse-lhe o abbade resolutamente.

— Ora, casar-me! tornou Joaquim Soares. Casar-me com quem? Por ahi não vejo nada... e lá com alguma madama da cidade, isso só se eu fosse tolo... Não é que eu seja contra o casamento, não senhor: até nem se me dava de tomar estado, se achasse alguem que me servisse. Mas isto de mulheres é o diabo... é uma sorte. Se calha bem é o ceu; mas se calha mal — é o peior dos infernos... E depois, eu nunca pensei em mulheres... pouco lidei com ellas... e que lhes agrade não tenho senão o dinheiro. Se fosse pobre, mulher que me quizesse era porque gostava de mim;

agora, sendo rico, eu sei lá se é por amor da minha pessoa ou das minhas libras, que ellas me fazem os olhos doces...

— Deixa-te d'isso, dissuadia o abbade. Elle ha por ahi muita mulher de juizo e de bons sentimentos...

— Pois sim, sim, eu não digo menos. Mas é uma sorte, tudo vae no acertar. Já vês que estes enganos é que não teem cura. O nó que vocês lá dão n'a egreja, só a cova o desata a valer. A gente separa-se, é certo; mas de que vale? Arredam-se os corpos, mas cá a liberdade fica amarrada como d'antes. E' peior ás vezes, homem... é muito peior. Emfim, não sei... — E o mais é que é preciso tambem que o coração puxe para ahi. A gente não póde fazer uma cousa d'essas assim a sangue frio. Uma mulher não é

uma moça de todo o serviço; é uma companheira para a vida... Homem, isto é negocio muito serio...

— E' que tens pensado pouco no caso. Vae para tres annos que aqui estás e só cuidaste até agora de obras e de negocios. Puzeste-nos a egreja como nova—Deus t'o pague no ceu! — déste uma escola a esse rapazio, que andava por ahi a garotar, a jogar a pedra, — metteste-te no negocio dos bois... e agora não pensas senão n'esta quinta: é arranjos, é compras, é mestres para cima e para baixo: não tens um instante de teu.

— Eu te digo, Ignacio, interrompeu o brazileiro. Eu te digo: para ser franco, eu já tenho botado as minhas vistas...

— Sim? perguntou o padre intrigado.

— Isto é... quer dizer, volveu Soares como que irresoluto nas suas confidencias,

eu tenho pensado cá para mim que me serviria esta ou aquella...

—Ah!...

—Mas em particular, sabes? quiz-se-me affigurar que a Ermelinda...

—Qual! a nossa sobrinha?...

—Sim, a nossa Ermelinda... Já vês... ficava na familia; era um descanso para a nossa irmã, um descanso para o pae... e depois, não sei... parece que é raça conhecida... é cá do meu sangue...

—Sim... sim... monosyllabava o abbade, como julgando o caso concentradamente.—Com effeito, isso não me parece tolice... Ella é bonitinha, é bastante prendada para moça d'aldeia, é tua sobrinha...—Mas ella?... Tens-lhe dado a entender?... tens-lhe mostrado?...—Homem!... concluiu resolutamente com uma leve reticencia como para se atrever

a dar toda a clareza á sua ideia: já a namoraste?...

Soares fitou-o, espantado, olhos muito abertos, como se lhe tivessem feito alguma pergunta extraordinaria e imprevista.

— Namoral-a?!... Eu namoro lá ninguem! eu sei lá d'isso!... Tenho pensado commigo apenas... tenho imaginado... São contas minhas... para entreter o miolo.

— Mas achas que o coração te vae para ahi?...

— Quero dizer... se ella se não mostrasse mal disposta... Sympathiso, entendes? por ora só sympathiso. Mas sinto um não sei quê quando a vejo, parece que me envergonho, não estou á vontade com ella como d'antes... E' isto que me faz crêr... sim... que me tem feito lem-

brar... que ha cá dentro alguma cousa pela rapariga...

— Então porque lh'o não dizes?

— Não me atrevo... Bem vês: nunca me metti em taes negocios... Lá com mulheres entendo-me pouco. Isto costuma dizer-se de um modo que eu não sei... Não atino... não sou para estas cousas...

— Pois sim! mas sem isso...

Houve um silencio. Os dois irmãos olharam-se, sorrindo d'aquella conversa, que sentiam um tanto comica para a sua edade. Joaquim Soares pasmava das confidencias a que insensivelmente fôra levado e que bem no fundo o surprehendiam quasi tanto como ao irmão, pois esse amor nascente era no seu espirito um sentimento vago, como que um sonho

cuja realisação lhe parecia utopica, impossivel.

Mas agora que se tinha descoberto era preciso ir até ao fim. E indeciso, sem força para se abalançar a uma declaração formal, pensou em entregar a sua causa nas mãos do abbade.

— Olha: vê lá tu isso... Não digas como cousa minha... Falla-lhe por alto... dá-lhe a entender que... Tu lá sabes como isso se faz. Emfim, sem dares cavaco d'esta conversa, vê lá se ella não tem por ahi o seu namorico e o que diz a esta ideia... mas como se nada houvesse por ora, entendes? assim como a rir... a fallar por fallar...

— Bem, deixa estar, respondeu o abbade. Trata-se d'isso. Eu cá sei os caminhos... Descansa que te não comprometto...

— Pois anda lá, que me fazes favor... E' que eu com mulheres não dou uma para deante. Não está mais na minha mão. Tenho lidado pouco com ellas e tudo me atrapalha — isto é que é.

E o abbade, abrindo á porta o seu grande guarda-sol e enfiando pela rua principal do jardim, dizia ainda ao irmão que de roupa de linho e chapeu de palha o fôra despedir á saída :

— Descansa, Joaquim. Eu cá sondarei o negocio.

VII

Na verdade as mulheres não eram o forte de Soares. E esses climas calidos do Sul, que incendeiam até á extrema animalidade o temperamento erotico do minhoto, haviam-no poupado deixando-lhe a consciencia desafogada, sem remorsos de devassidões corruptoras.

No Brazil ninguem lhe conhecera a

menor ligação amorosa. Vivera sempre livre, independente, com uma repugnancia innata por aventuras d'esta ordem. Parecia que o caso do tio o impressionára fortemente, dando-lhe uma severa licção de moral. A ideia d'um bastardo incommodava-o. O adulterio fazia-lhe horror; na sua proba e simples honradez considerava-o como um roubo da felicidade e da honra alheia.

Assim, se não era um santo, se nem sempre marchou na estrada da vida apoiado, como S. José, á assucena mystica, as suas fragilidades, os seus peccadilhos, eram d'esses a que a indulgencia canonica fecha benevolamente os olhos, quando cáem na vulgaridade de simples infracção sem aggravantes ao caso sexto do Decalogo mosaico. «Fraquezas humanas, irmão! dizia-lhe sempre o confessor. — Mas ao

menos observe o preceito do apostolo: *Se não poderes ser casto, sêde cauto.*» E com o protesto annual de boas intenções o confessor dava-lhe sempre, sem escrupulos, o attestado de consciencia limpa.

De resto a sua vida activa, laboriosa, fatigante, dominára, esmagára-lhe no fundo do temperamento a energia dos sentidos. Em toda essa existencia de trabalho não sonhára com outros nomes femininos que não fossem estes — Compra e Venda. Era um sobrio em tudo; e a satisfação das suas necessidades organicas havia de ser sempre breve, rapida, simples — porque, dizia elle, tinha mais que fazer.

Moralmente mesmo, apenas uma unica paixão lhe convulsionára a alma com ternuras castas e pungentes dores: fôra o louco affecto que consagrára á mãe, affecto apaixonado e absorvente, mas ferido

pelas saudades inconsoladas da morte repentina d'ella, ao tempo da sua longa ausencia da patria. De resto nunca namorára, nunca amára, nunca envolvera a mulher n'outro sentimento que não fosse o do seu largo amor da especie, da sua commovida piedade humanitaria, da sua ingenua ternura bondosa e dedicada, com que abria o coração aos homens n'esse estado emotivo que o christianismo creou, chamando-lhe caridade.

Com um pouco de latim ao principio da vida e as respectivas ordens, elle teria dado de certo um santo cura d'almas, um adoravel reitor d'aldeia, casto, simples e candido na sua fé evangelica, providencia dos pobres, consolo dos tristes, defesa dos fracos — um Jesus menos transcendente, menos philosopho, menos divino do que o da tradição, mas tão pra-

tico na sua bondade e no seu amor pelos homens.

Assim o bom Soares imaginára sempre o real amor dos sexos qualquer cousa de muito superior, com que a sua natureza não tinha sido dotada. Porisso quando um dia percebeu em si as perturbações, quasi ridiculamente retardatarias da influencia do amor, quando descobriu na sua alma de cincoenta annos os desejos, os receios, as commoções, todo o delicioso soffrimento da virilidade affectiva que principia a desenvolver-se, soffrimento que acompanha a crise psychologica da puberdade para a juventude, o pobre homem desconheceu-se e teve medo de si proprio. Era extranho para elle aquelle estado, e sinceramente o attribuiu a uma fraqueza cerebral: — Não estou em meu

juizo! dizia comsigo mesmo. Parece que isto não regula direito!

Começou a não poder fitar a Ermelinda, sempre que ia á Portella, a envergonhar-se, a perder a voz, a não atinar com as palavras. E sob o olhar descuidado d'ella, sob a sua gargalhada franca, sob as suas liberdades de sobrinha para com um tio maduro, o brazileiro sentia-se mal, constrangido, atrapalhado, incapaz de coordenar dois pensamentos, n'uma quasi inconsciencia somnolenta das suas palavras, dos seus gestos e dos seus actos.

Queria explicar a si mesmo o seu estado moral, mas a explicação que lhe vinha constantemente ao espirito, com uma persistencia instinctiva, achava-a elle absurda, monstruosa, quasi impossivel.—Amcr? aquillo amor?! Mas sabia elle lá o que

era o amor! Era elle por ventura capaz de amar?!

E só a conversa com o irmão abbade o fizera ter fé pela primeira vez na energia amorosa do seu coração.

VIII

Francisco da Silva tinha dois filhos: a Ermelinda, mais velha, de vinte e quatro annos, e um rapaz, de vinte, o Augusto, malandro incorrigivel que parasitára em casa do morgado dr. Carlinhos, a pretexto de lhe tratar dos cães de caça e vigiar as bouças, e que matava o tempo atirando ás codornizes ou correndo todas

as feiras dos arredores ao passo travado do seu garrano.

Este Augusto era o *coq villageois*, o janota da terra, companheiro e macaqueador do morgado, com o qual se dava ares de grandes intimidades. A sua prenda de tocador de viola tornava-o indispensavel nas esfolhadas e serões das aldeias circumvisinhas. Era infallivel em todas as romarias, e aos domingos, depois da missa, debaixo das grandes carvalheiras do adro, derriçava com as raparigas endomingadas, encostado ao varapau, requebrando-se todo na cinta apertada pela faxa de lã azul, chapeu para a nuca, cabello sobre a testa, e um olho pisco, por causa do fumo do cigarro.

Tanto este rapazelho ralava de cuidados os paes, quanto a Ermelinda lhes dava prazer e os enchia de orgulho. Pa-

recia uma senhora — diziam na terra. Era alta, magrita, d'um moreno de cigana de oleographia. O rosto d'um contorno oval tinha feições regulares: nariz correcto e fino com pequenas narinas palpitantes, maçãs do rosto ligeiramente salientes, queixo redondo apartado por uma covinha muito pronunciada, e olhos escuros, orientaes, fendidos transversalmente, meio cerrados, de longas pestanas sedosas, e cobertos por um supercilio levemente arqueado, como duas curvas finas feitas d'um traço a nankin. Mas a feição caracteristica, eminente, singularmente expressiva d'esse rosto era a bocca — uma bocca pequena, vermelha, assetinada, que parecia feita com duas petalas de rosa. E na sua pequenez, os beiços finos e bem talhados tinham uma contracção habitual, que como que os adiantava amorosos e ardentes no

movimento d'um beijo prolongado de espasmo hysterico. Palpitavam-lhe os cantos da bocca n'um ligeiro tremor nervoso, e, quando sorria, os labios descerravam-se-lhe vagarosamente como n'uma lassidão voluptuosa, deixando ver o marfim anilado dos dentes de um talhe symetrico e rectilineo.

Se tivesse outras proporções de volume, carnações mais sadias e largas, era um modelo de expressão para uma cabeça de bacchante. Faltavam-lhe comtudo a linha antiga, a accentuação naturalista, o tom d'essa sensualidade pagã, forte, vigorosa, divina, que se expande nos contornos amplos e desenvolvidos da estatuaria classica. Mas modernisando o typo da bacchante no typo da *cocotte*, pondo os bosques arcadicos onde os faunos perseguiam as dryades fugitivas, no *boulevard* contem-

poraneo onde os *dandies* seguem as prostitutas, transformando o tonel de Baccho na garrafa de Champagne, civilisando o prazer, refinando nervosamente a sensualidade — aquella physionomia era a creação espontanea d'esse meio, a figura typica para o idolo dos novos ritos do amor livre.

Os caçadores da cidade que atravessavam a Guardeira e passavam sob a varanda alpendrada da casa da Portella, ficavam ás vezes surprehendidos ao ver aquelle typo tão pouco aldeão, tão pouco vulgar, destacando pela sua esbelta finura, pela sua expressão delicada e mordente, d'entre a belleza grosseira e animal das mulheres do campo.

De pequena o tio abbade dera-lhe lições de leitura e escripta, e a madrinha, a snr.ª D. Catharina, mãe do dr. Carlos,

tinha-a dias inteiros na Cardenha, ensinando-a a costurar e a bordar, e iniciando-a n'um genero de vida bem diverso d'aquelle a que a destinava o seu nascimento.

A Ermelinda brincava com o Carlinhos, de quem herdava os bonecos velhos. Costumára-se a pisar tapetes, a repoltrear-se commodamente em boas cadeiras, a servir-se por talheres de prata, e na companhia de D. Catharina, uma senhora de Lisboa d'alta educação e de familia fidalga, ia conhecendo todos os artigos de luxo, todos os pequenos requintes de gosto e de conforto que entram nos costumes da mulher das cidades. Rendas, velludos, sedas, *batistes*, joias de preço, perfumarias caras — eram-lhe cousas familiares, que via e com que lidava habitualmente.

Quando o Carlinhos foi para o collegio, no Porto, era ella a unica companhia de D. Catharina, pois Antonio da Silveira passava os dias no seu escriptorio a reler pela centesima vez todos os grandes monumentos da jurisprudencia classica e a sua eterna historia romana, ou nos campos, sob um enorme guarda-sol de camponio, a vigiar os trabalhadores. E então a rapariga escutava longas historias da vida de Lisboa, tomava conhecimento de certos nomes de familia da boa sociedade, de certos termos do alto mundo, aprendia a existencia dos centros elegantes ou notaveis como S. Carlos, o Chiado, S. Luiz, o Gremio, o bairro fidalgo da Junqueira, Cascaes e Cintra. D. Catharina, nas raras vezes que vinha á cidade fazer compras ou ver o filho ao collegio, trazia-a comsigo, e ella entrava nas lojas, nas ca-

sas das modistas, sabia o preço dos objectos da moda e ficava conhecendo uma ou outra senhora da primeira roda do Porto, com quem a triste viuva de Luiz da Silveira se encontrava na rua, fallando um instante.

Aos quinze annos fez-se repentinamente mulher. Cresceu muito, desenvolveu-se-lhe o peito, alargaram-se os quadris, as feições affirmaram-se accentuando-se, de tal sorte que n'uma das vezes que o Carlos, já então com vinte annos, voltou de Coimbra, D. Catharina teve de os vigiar de perto, porque o rapaz não se tirava de casa e procurava sempre o quarto da mãe, onde a pequena estava habitualmente, ficando-se horas inteiras pasmado a olhar para aquella physionomia singular e extranha, entre modesta e provocante.

Mas o Carlos demorava-se pouco na

Cardenha, e a vida de Coimbra fazia-lhe esquecer logo a rapariga. D. Catharina conservava-a porisso em sua companhia, tanto mais que depois da morte do sogro se achava absolutamente só. E apesar do rompimento entre os *Boa-sorte* e os senhores da Cardenha, Ermelinda continuava ali «porque, dizia Francisco da Silva, não tinha alma de tirar aquella companhia á senhora morgada, que lhe queria á sua filha, como a propria mãe.»

D. Catharina estimava-a pelas qualidades de finura de trato n'ella ingenitas, destoantes da grosseria e brutalidade aldeãs. Depois que ella começou a fazer-se mulher, depois que o seu caracter se foi definindo, a fidalga reconheceu-lhe um fundo egoista e reservado, uma propensão marcada para um extraordinario amor proprio, superior e dominante em todos

os seus outros sentimentos. Mas Ermelinda era doce e reconhecida com D. Catharina, e esta, acostumada á sua companhia, estimava sinceramente a afilhada.

Formado, Carlos demorou-se na Cardenha desde um maio, em que fizera o acto de quinto anno, até ao novembro seguinte em que resolveu a mãe a ir viver com elle para Lisboa, onde, asseverava, ia tratar de fazer carreira pela politica.

N'esse intervallo, porém, as impressões repetidas que n'elle produzira durante as successivas ferias a belleza de Ermelinda, sommadas todas deram em resultado uma paixoneta erotica, uma *toquade* sensual, cega e violenta, contra que valeu apenas essa qualidade de egoismo frio, já então desabrochado na alma da mulher e que a fazia vencer-se a si propria pelo unico interesse do seu futuro.

Ermelinda percebeu o desenvolvimento da paixão no morgadinho, e viu logo os inconvenientes d'ella. Não lhe convinha uma situação de amante com homem nenhum. Queria a sua fortuna e o respeito do seu estado garantidos e bem seguros pelas leis. Não acreditava nos juramentos humanos, porque não acreditava em si mesma. Sabia-se capaz de perjurar, mesmo contra a sua consciencia, e tinha portanto um scepticismo generalisado a todo o mundo a respeito dos sentimentos de lealdade e de boa fé. Porisso, apezar do seu exterior nervoso, sensual e hysterico, resistiu com valor á paixão tentadora de Carlos.

Uma tarde, ao fundo de uma rua do jardim, n'um recanto sombrio coberto pela ramaria de uma grande magnolia, junto de um muro d'onde se avistava toda a

paizagem do valle, Ermelinda, que tinha andado a apanhar flores para os aposentos de D. Catharina, sentou-se um momento.

Era uma tarde de setembro, d'essas tardes d'uma melancholia vaga, em que os poentes illuminam o horisonte côr de opala com a luz esbatida e temperada do outomno, cuja radiação vibra como que em surdina... Vinham do valle sons amortecidos — de cantigas em côro ao recolher do trabalho, de carros chiando lentamente pelos atalhos, de cães latindo ás portas das herdades, de rãs coaxando nos charcos. E sobre estes rumores esparsos e destoantes vibrou trez vezes o toque das Ave-Marias em badaladas graves, distanciadas, cheias de um mysticismo poetico e simples. Na linha serpeante do pequeno rio estendia-se uma tira immovel de ne-

blina, d'entre a qual irrompiam os ramos esguios dos choupos vagamente esfumados na grande serenidade do ar. Sobre o fundo azul-pallido do horisonte alastrava a grande mancha negra do monte fronteiro, indistincto na sombra do lusco-fusco, e no ceu a primeira estrella scintillou, com uma luz dubia e fraca, como a palpitação phosphorescente de um fogo-fatuo.

Ermelinda, encostada ao parapeito do muro, olhava contemplativa aquella scena outomnal do entardecer. Trazia um roupão de lã cinzenta, especie de vestido que habitualmente usava, por não ter o caracter de uma *toilette* de senhora, que não poderia sustentar como ella queria, nem a simplicidade de um trajo de creada, incompativel já com os seus habitos educados. Os ramos espessos e pendentes da magnolia faziam atraz d'ella um plano de

sombra, e portanto o seu busto, debruçado sobre o muro, desenhava-se indeciso na claridade frouxa do crepusculo, n'um vago de contornos, como o das pinturas de Henner.

Carlos atravessava o jardim, e descobriu-a ali. Avançou em silencio, e entre a ramaria da arvore fitou-a longamente, com um desejo irreprimivel de animal cioso. Ia lançar-se a ella, tomal-a de assalto entre os braços, quando Ermelinda, presentindo-lhe as passadas, se voltou com rapidez.

— Oh! estás muito romantica!... disse-lhe todo nervoso.

—Não, snr. Carlos, estava descansando um pouco, respondeu Ermelinda no tom mais indifferente do mundo. Corri todo o jardim atraz de flores para pôr no quarto

da mamã. Não ha nada que preste. Está tudo uma lastima...

—Sim! tu és pouco para poesias... Quem não tem coração...

—Ora essa! interrompeu ella rindo.

—Tu?... tu és um pedaço de gelo...

—Mas o gelo lá tem o sol que o derrete, como diz aquella lenga-lenga muito comprida que o menino me contava em pequeno... —E riu-se de novo.

—Mas é que não ha sol que desfaça o gelo da tua alma, minha ingrata... replicou Carlos, descambando n'um lyrismo chocho, com que queria suavisar a brutalidade da sua furia erotica.

—Ah! snr. Carlos, não me chame nomes que não lhe mereço...

—Oh! isso mereces!... Vês-me soffrer assim... vês como eu ando por tua causa...

— Se é ahi que quer chegar, snr. Carlos, é melhor deixar-me, atalhou ella com uma grande frieza. Já lhe disse ao menino que não estamos em posição de nos entendermos a esse respeito. Snr. Carlos, é preciso ter juizo...

— Ora não sejas tola, não te faças fina... dizia o rapaz já fóra de si.

E deitou-lhe nervosamente as mãos aos pulsos.

Ermelinda retezou os braços para o desviar, e serenamente:

— Snr. Carlos, poucas graças d'essas! disse.

E como elle a apertasse mais, acrescentou com voz dorida:

— Ai!... olhe que me magôa...

— Não, já não te deixo! murmurava surdamente Carlos. Não sejas creança... Amo-te muito...

E corria-lhe com as mãos os braços, querendo estreital-a contra si. Ermelinda debatia-se em silencio; mas como Carlos se adiantasse de mais ameaçou-o sem exaltação:

—Olhe que eu grito... olhe que eu grito contra si, snr. Carlos!...

—Pois grita, grita á vontade!... És minha, entendes?... és minha!...

Ermelinda então mostrou ceder, como vencida; mas quando Carlos lhe deixou os braços para lhe tomar a cinta, ella, vendo-se um momento livre, deu-lhe uma bofetada com toda a sua força, fazendo-o recuar dois passos, estonteado pela dor e pelo insulto. E aproveitando esse instante de indecisão deitou a correr pelo jardim.

Quando entrou no quarto de D. Ca-

tharina, disse com a maior naturalidade do mundo :

— Ai! lá me esqueceram as flores ao pé da magnolia grande. Vou vêr se o José as pode ir agora lá buscar... Sinto-me hoje tão cansada, madrinha... nem faz ideia!

IX

D. Catharina ainda pensou em levar a Ermelinda para Lisboa, mas a rapariga declarou não querer saír de ao pé dos paes. No fundo ella procurava apenas evitar a perseguição de Carlos, que já duas vezes tentára de novo possuil-a.

Portanto quando os ultimos senhores da Cardenha foram residir para Lisboa, Er-

melinda voltou para casa dos paes, onde não vivia de cama e mesa havia quatro para cinco annos, desde a morte do snr. morgado velho.

Na Portella passava os dias costurando e tratando das flores. De tempos a tempos escrevia á madrinha, que lhe respondia em longas cartas cheias de affectuosos conselhos. Mas esta correspondencia durou pouco, porque D. Catharina meio anno depois de chegar a Lisboa caíu de cama com um typho que em cinco dias a matou. Ermelinda sentiu deveras a morte da madrinha, unica pessoa talvez que ella estimava verdadeiramente no mundo.

Depois d'esta perda achou-se completamente só, sem ninguem com quem communicar. Tudo na aldeia lhe era inferior em gostos e em habitos; e ella, não o fazendo sentir, punha-se comtudo n'uma tal

reserva de maneiras e palavras que a ninguem consentia uma approximação de trato intimo.

Em casa o seu quarto muito arranjadinho, com duas janellas engrinaldadas por trepadeiras, papel claro, cortinas de cassa, e sempre um vaso com flores sobre a meza de costura, contrastava com a nudez sobria e sem conforto do resto da habitação. Ficára com muita roupa ainda em bom uso que a madrinha lhe havia dado, ao saír da Guardeira; e para ella era já uma necessidade enraizada o sentir na pelle o contacto doce das hollandas finas ou da malha do fio de Escossia. E tanto n'isto, como nas mais pequenas cousas, accentuava-se o destaque de uma educação diversa e de tendencias e costùmes differentes dos da sua familia.

N'estas alturas nenhum rapaz dos si-

tios se atrevia a requestal-a. Os mais pimpões, que se tinham arriscado a arrentar-lhe, diziam despeitados, na sua decepção: «Está ali guardada para um principe. Ora a tola!...»

Mas guardada ou não para um principe, a Ermelinda continuava intratavel e pouco communicativa. Afastada desde pequena da companhia da familia não sentia por ella aquelle affecto radicado nos episodios da convivencia domestica, nas tradições de uma pequena historia intima, que ata e estreita os laços de sangue.

Decerto pensava no seu futuro, reconhecia que a vida que levava não lhe servia como uma condição definitiva. Mas cheia de tino prático reservava-se, paciente, sem se comprometter n'algum passo leviano que lhe cortasse as probabilidades de saír um dia do seu estado social. Esperava

com fé um imprevisto, um caso fortuito — como havia muitos, dizia ella. O convivio da familia era no seu espirito uma necessidade transitoria. E firme, segura de si, cautelosa e vigilante, farejando os acasos, calculando sempre, vencia os estimulos espontaneos do seu temperamento, as exigencias imperiosas do seu sangue ardente, as sollicitações da sua carne de hetaíra. «Depois... depois...» dizia a si mesma quando picada pelos incitamentos da tentação. E estas palavras traduziam todo o egoismo perfido e consciente d'aquella alma. Promettia o prazer livre á sua carne, quando estivesse garantida contra as consequencias d'elle, quando se achasse segura pelo dote e independente pela fortuna. Não eram a virtude, a consideração do dever, o temor religioso, a crença moral, que a desviavam do erro; era o

medo dos resultados funestos de um máo passo — a gravidez no celibato, a miseria de um enlace pobre, a condição subalterna da concubina, a sorte vária, instavel, e como escrava, da prostituta.

A sua maldade tinha uma direcção de bom senso, de previdencia, de consciente malicia, que tocava quasi as raias do cynismo. Era uma precocidade de manha prática, de desilludida comprehensão da realidade da vida—bem rara n'uma alma de tão poucos annos, e esses passados n'um mundo restricto de aldeia, longe das convulsões, dos embates, das luctas, das intrigas, que agitam a existencia dos grandes centros.

Mas na Guardeira ninguem lhe suspeitava este caracter, ninguem a conhecia na verdade do seu typo moral. A sua reserva passava por um encanto de tristeza;

o seu mutismo concentrado explicava-se como saudades da madrinha que tanto a estimára; a sua vida sedentaria, passada invariavelmente no quarto ou no pequeno jardim da Portella, tomava-se como prova de gostos modestos, de amor a uma existencia caseira e recolhida. — «Que joia!» dizia todo o mundo. E os proprios pretendentes recusados não se atreviam á menor murmuração sobre a sua fama de mulher honesta.

Havia, comtudo, transpirado na aldeia a historia da paixão do dr. Carlinhos. Contavam-se de um modo vago umas scenas de declaração e de promessas de casamento, que Ermelinda recusára. Mas isto servia apenas para a maior exaltação das suas qualidades, pois essa imaginária recusa foi de todos considerada um acto de rara modestia e de tino excepcional. O dr.

Carlos, dizia-se, poderia mais tarde arrepender-se de um casamento com mulher de posição inferior á sua, que teria de apresentar á *fidalgaria* de Lisboa, e — o que mais era—achar-se impedido de realisar um consorcio rico, que lhe ajudasse a endireitar a casa. Ermelinda sentir-se-ia infeliz se tal se desse, e teria querido evitar a posição desagradavel de mulher desprezada e esquecida. Era um procedimento sem egual, toda a gente concordava! E a *toquade* erotica do morgado, que nem sequer offerecera a Ermelinda uma posição de amante, sustentada e mantida, era interpretada na aldeia como um amor puro e respeitoso, com um honesto fim matrimonial!

Quando, anno e meio depois da morte da mãe e dois depois da mudança de residencia para Lisboa, o morgado teve de abandonar a sua vida á redea larga e

voltar para a Cardenha, entregue a feitores rotineiros e roida já pelas hypothecas, passou mezes sem vêr Ermelinda, pois os *Boa-sorte* não tinham dado o braço a torcer depois do rompimento com Antonio da Silveira, e Carlos pelo seu lado ficára-lhes com má vontade pelo facto de elles não assistirem ao funeral do avô.

Por questões politicas Francisco da Silva teve de fazer as pazes com o morgado. E quando Carlos foi á Portella pagar-lhe a visita, viu então a Ermelinda, que tinha n'essa epoca vinte para vinte e um annos. Mas durante a sua ausencia, na vida facil de Lisboa e do Porto e na viagem a Paris, elle havia-se quasi saciado de mulheres. Tinham sido ellas a causa principal das suas dissipações. Em dois annos contára as amantes pelos mezes, quando não pelas semanas. Occasiões

houve em que os seus amigos lhe chegaram a conhecer tres — simultaneamente. De todos os typos, de todas as raças celebres pelas suas especialidades em mulheres de prazer, este frascario havia gosado, dando n'esse espaço de tempo plena expansão á sua sensualidade repreza ou mal alimentada até ali na prostituição reles e barata de Coimbra. Portanto Ermelinda não o impressionou de todo, nem a sua formosura, mais firme e definida agora, fez reviver d'algum modo a chamma apagada. E, indifferentes e frios, comprimentaram-se desprendidamente nas rarissimas occasiões em que succedia verem-se.

Era esta a situação da filha de Francisco da Silva quando o tio Joaquim chegou do Brazil. Mal se recebeu na Guardeira a carta em que o parente, desconhecido para ella, annunciava o seu regresso

com tenções de se estabelecer entre os seus, Ermelinda suspeitou a probabilidade do acaso com que havia tanto tempo contava. Ainda Joaquim Soares, a bordo do paquete, com a sua carteira cheia de lettras d'alto valor sobre Londres, vinha a caminho da patria, já no seu logarejo natal uma sobrinha, cuja existencia elle apenas conhecia, calculava friamente o meio de vêr deposto a seus pés, como a offerenda de um vassallo rendido, o tropheu monetario que esse conquistador da fortuna trazia dos paizes do Oiro.

De maneira que quando o bom homem a abraçou, a beijou, n'esse dia do regresso á sua aldeia d'onde saíra aos quinze annos, Ermelinda contou logo transformar aquellas caricias ingenuas como a pessoa de quem vinham, n'esse penhor sagrado, n'essa liberdade casta e virginal do primeiro

beijo e do primeiro abraço, que as mulheres, entre o goso e o pudor, concedem puramente aos noivos.

E a pouco e pouco, sem que Soares désse por isso, ella entrava-lhe furtivamente no coração, e n'um habil disfarce estendia-lhe todos os laços. Eram a maneira de o receber, a maneira de o olhar, a maneira de lhe sorrir. Era a distincção, como que natural e não premeditada, com que o tratava, o ouvia ou lhe fallava. Era o interesse que, o mais a proposito possivel, ella mostrava pelos seus negocios e pelas suas emprezas. E, representando maravilhosamente um difficil papel de ingenua, permittia-se com elle liberdades acirrantes: deixava-se beijar fitando-o com uma languidez voluptuosa de creança amimada; tomava-lhe a mão para lhe ver o brilhante do annel; punha-lhe, a rir, uma

flor na lapela, tocando-lhe os labios grossos com os fios crespos dos seus cabellos negro-azues; e ás vezes para saltar um portello, passeando no campo, atirava-se-lhe aos braços athleticos com a gargalhada franca e pura de uma rapariguita innocente. Se subiam juntos as escadas de pedra, que davam para a varanda alpendrada, ella passava-lhe adeante, apanhando o vestido; e outras vezes, sentando-se, cruzava como que distraídamente uma perna sobre a outra, deixando vêr o artelho fino entre uma brancura de saias, mais tentadora do que a completa nudez. Mas a todos estes artificios, com que lhe espicaçava a carne e o coração, conseguia dar uma apparencia de tal forma simples e natural, que ninguem suspeitava do seu bem tramado plano, em que não desanimára durante tres annos. Suppunham-n'a muito

amiga do tio, captivada da sua bondade insinuante. E ella para confirmar esta supposição repetia a cada momento a uns e a outros: «O tio é um santo: morro por elle!»

E assim, mostrando-lhe uma sympathia desinteressada, fazia crêr que o brazileiro grosso e vulgar não lhe era repugnante; e, prendendo-o, enredando-o, n'uma apparencia de simples estima, collocava-se para o casamento em perspectiva no terreno seguro de o acceitar, em vez de se fazer acceitar por elle. O pobre homem, desacostumado ás caricias femininas, começou por pagar centuplicada a sympathia da sobrinha: enchia-a de presentes, queria-lhe como a uma filha, dizia elle. E a pouco e pouco, levado pelos carinhos, pelas distincções, pelas preferencias da rapariga, preso da sua bem representada

candura, crente na sua innocencia, deixou-se arrastar, desprevenido e cego, no declive da paixão.

Ermelinda sentia os progressos da sua conquista, e, como uma pequenina aranha venenosa, estilava da baba subtil da sua maldade os fios tenues e brilhantes, em que esse pobre moscardo do tio se havia de deixar prender.

X

— Tu precisas de casar, rapariga, dizia o abbade á sobrinha, sentado n'um banco do hortosito da Portella, emquanto Ermelinda arrancava as hervas dos craveiros, alinhados em vasos e em caixões de madeira sobre o parapeito do muro que dava para a estrada.

—Para que, tio? Estou tão bem com

meus paes... respondeu ella n'uma serena indifferença.

— Pois sim, mas isso não é posição, retrucou o padre. Ha viver e morrer. É lei do mundo, filha... é lei do mundo. E depois uma moça da tua edade não póde assim ficar ao Deus dará... Quem tens tu n'esta vida que te ampare faltando-te teus paes? o malandro de teu irmão?!...

—Ora... é melhor nem fallar n'essas cousas, continuou a rapariga, sem se interromper na sua jardinagem. A morte é bem triste quando vem: para que se ha de a gente ralar pensando n'ella?... E se isso acontecesse, não me faltaria o amparo de pessoas amigas... Tinha os tios...

— Estamos todos velhos, rapariga. E depois um tio nunca é um marido... sim,

por mais amigo que se seja, não é aquella estima sem reservas do casamento, vês tu?—Olha: tenho pensado muito n'isto... custa-me vêr assim acabar-se a familia: meus irmãos não se casaram: apenas tua mãe: nasceram vocês dois, e não vos vejo com inclinações para ahi: teu irmão é um gaiato, que o quer é derriçar sem se prender: tu não te decides, e ahi está! Ora eu bem sei que não te quadram estes moços d'aqui. Tiveste outros principios, outra educação na casa dos morgados, afidalgaste-te de maneiras, e se, louvores ao ceu! te não fizeste soberba, tambem não te serve homem da tua primitiva creação... Bem sei isso... Mas emfim, é preciso... é um passo necessario... Era bom deitar os olhos... Ás vezes, onde menos se espera...

Ermelinda ouvia-o, tentando dissimu-

lar a sua surpreza. Onde quereria o tio chegar? Seriam aquelles conselhos unicamente uma lembrança, uma ideia do abbade, ou haveria já atravez d'elles qualquer manifestação dos sentimentos do brazileiro? Cautelosamente dispoz-se a explorar o terreno.

—Mas então com quem quer o tio que eu case? perguntou, passado um momento. Reconhece que não ha aqui homens de que eu possa gostar: hei de mandar vir um de fóra, por encommenda? Depois o tio sabe muito bem que eu não sou das que se deixam levar por namoros. Ai! eu tenho visto no que isso dá: em pouco tempo não se entendem, e é um inferno. Nada. O casamento é um passo muito serio... deve ser muito pensado... E' por isso talvez que até hoje me não decidi, e mais o tio bem sabe que não me

têm faltado basbaques, plantados um dia inteiro ahi defronte d'essa janella.

— Pois d'accordo, plenamente d'accordo, filha, tornava o abbade. Pensas muito bem. Assim é que é. Mesmo por te ter na conta d'uma rapariga de juizo, é que eu entendi dever fallar-te... assim. — E calou se de subito, como se tocasse no ponto grave da questão.

— Mas o tio imagina que alguem?... perguntou Ermelinda n'uma interrogação terminada em reticencia.

O abbade hesitava em se lançar francamente no caminho aberto pela sobrinha. Lembrar-lhe o irmão, como se da parte d'este nada houvesse por emquanto, era fazer d'elle um joguete de interesses, era tratal-o como o objecto de um negocio vergonhoso, que decerto — pensava o padre — a dignidade da rapariga repelli-

ria. Parlamentar o caso, como enviado do brazileiro, era ultrapassar os limites do seu mandato, ir além dos termos que lhe haviam sido indicados. O abbade via-se serjamente embaraçado.

— Eu te digo, resmungava elle... eu te digo... Sim... n'estas cousas de coração... tu sabes... a gente lembra-se, imagina... bota as suas contas. Ora eis ahi está!...

— Mas o tio botou as suas contas a alguem?

A pergunta era decisiva.

Debruçado sobre os joelhos, com os olhos no chão, querendo dar-se um ar despreoccupado, o abbade verrumava a terra com a ponteira do seu enorme guarda-sol.

— Botar as contas... é um modo de dizer. Lembrei-me apenas...

— Mas de quem?... perguntou Ermelinda com a mais natural curiosidade.

O abbade levantou a cabeça sorrindo-se.

— Do tio Joaquim!... respondeu finalmente.

— Ora! o tio está a rir! disse ella n'um tom de incredulidade e ligeiro desapontamento. E como se a conversa estivesse morta e já sem interesse, começou a regar os seus cravos.

Entalára entre os joelhos a saia de chita, de largo xadrez côr de rosa, para se não molhar, e em bicos de pés sobre uns tamanquinhos de verniz, que usava quando vinha ao jardim, com os braços altos, o peito saliente, quebrada nos rins, n'uma postura de cariatide, dando ao corpo toda uma linha graciosa desde a ca-

beça erguida até ao contorno fino dos calcanhares, borrifava por um regador pequeno, um a um, os grandes vasos de barro vermelho. De repente, porém, o regador ia-lhe tombando das mãos, e se o abbade lhe não acode tel-a-ia encharcado. Mas ella, reparando que o tio lhe notava o rubor subito e a ligeira tremura dos labios, disse-lhe a rir, tomando um longo hausto de respiração:

— Devo estar muito vermelha, O regador pesava tanto...

A sua perturbação, porém, tinha outra causa: era a commoção da victoria, o prazer estonteador do *emfim!* ao cabo de uma demorada empreza!...

— Mas pensa n'isto, rapariga! tornava o abbade, querendo reatar a conversa. Olha que é um negocio serio.

— Ora tio, isso não tem pés nem ca-

beça! respondeu ella, mostrando-se cada vez mais despreoccupada.

— Mas porque?

— Porque nós nunca pensamos um no outro...

— Nunca pensaram um no outro... Não está má essa! Mas pensem agora... volveu o padre.—De resto eu não te digo que decidas já. Digo-te que penses... que converses com o travesseiro...

— Ora... repetiu com uma reticencia Ermelinda, abaixada a pôr uma estaca n'uma roseira.

—Qual ora! insistiu o velho. Por acaso desagrada-te o tio?... Eu bem sei que elle não é já muito rapaz...

— Não é por isso...

— Tambem não é ahi nenhum Narciso de formosura, notava puxando pelas suas reminiscencias mythologicas.

—Tambem não é por isso...

— Então porque é? Desembucha para ahi, rapariga!

— Ora por que ha de ser!... porque o tio é muito rico e ha de querer uma mulher d'outra educação, d'outra classe...

— Lerias, lerias... historias da vida! exclamou padre Ignacio. Ora adeus, minha amiga! Teu tio o que quer é uma mulher de juizo e de boa fama. Não vês o que aquillo é?... um santo homem tão simples e tão modesto que até recusou a commenda quando foi da inauguração da escóla... Então elle não podia ser o snr. commendador, como o brazileiro do Carvalhido, ou aquelle barão ahi de ao pé das Ortigueiras, que tambem por lá andaram n'esses Brazís atraz da fortuna?! Deixa-te de tolices! O Joaquim é aquillo que ali está, vês tu? O que elle quer é fazer bem:

tem aquelle coração nas mãos para todo o mundo. É uma alma de pomba... é um santo. Importa-se-lhe agora lá com o nascimento das mulheres, quando ellas possam ser esposas honestas...

— Pois sim, mas... disse Ermelinda, meio meditativa.

— Mas o que?...

— Eu sei lá se o tio me quererá...

— Temos nós outra!... Pois isso tambem eu não sei... Mas... mas suspeito-o...

— Suspeita-o? Porque? elle disse-lhe alguma cousa? interrompeu ella.

— Dizer não disse: sim, elle não m'o declarou... gaguejava o padre. Deu-m'o comtudo a entender... Queixa-se de que está só na Cardenha... que lhe custa não ter quem lhe gose o dinheiro... que se lhe apparecesse uma rapariga nas condi-

ções que elle desejava, assim não muito fóra da sua igualha, mas n'um pé de educação cuidada, se não botava fóra do casamento... Percebes?... um meio palavriado... Mas eu dei logo no vinte, e fallei-lhe claro. Disse-lhe o que te disse a ti; se tu lhe servias, que me parecia que estavas na conta... que era o que elle precisava, etc.

— E elle?

— Elle pôz-se-me com essas mesmas lerias: que tu talvez não gostasses d'elle, que era um velho, que por te estimar muito não te queria vêr forçada a um casamento sem vontade... e por aqui adeante.—Porisso te digo: pensa no caso. Se tu vês que te convem, que és capaz de o estimar, eu dou-lhe umas esperanças, elle falla-te e temos o negocio arranjado. Se não te convem, dize-m'o egual-

mente com franqueza: não se lhe diz nada, e fica tudo como d'antes. Estás por isto?

—Pois sim, tio... respondeu Ermelinda, como hesitante. Pois sim, eu pensarei. Já vê que é muito serio. Mas emfim... o seu conselho...—E depois de uma pausa accrescentou sorrindo:—D'aqui a tres dias dou-lhe uma resposta...

—Ora ainda bem! exclamou o padre. Pede ao Espirito Santo que te allumie e te inspire um bom proposito! Adeus, filha, adeus. Vou cá dentro ver o pae.

E subiu apegado ao guarda-sol as escadas que davam entrada para a casa.

XI

Quando se decidiu o casamento toda a Guardeira ficou boquiaberta. Uns chamavam sonsa a Ermelinda e entendiam que tinha havido armadilha em todo aquelle negocio, lamentando o brazileiro. Outros — os mais intimos — defendiam a rapariga jurando sobre a sua innocencia e sobre o seu juizo. Decerto — diziam estes — não

era um casamento de amor; mas Ermelinda estimava o tio, respeitava-o muito, e no fim de contas só elle a podia manter no pé em que a haviam educado, em outros tempos, os fidalgos da Cardenha.

Os *Boa-sorte* exultavam.

Soares, esse julgava-se o homem mais feliz do mundo. Não acreditava que da parte de Ermelinda podesse haver paixão, mas cria facilmente que ella o estimava deveras e que se lhe entregava sem repugnancia. Ao declarar-se-lhe fallára-lhe com a sua rude franqueza. Pedia-lhe apenas que fosse sincera para com elle, que não se constrangesse a um casamento de conveniencia, pois, mesmo solteira, nunca a sua protecção lhe faltaria. Mostrou-lhe que conhecia a differença d'edade que havia entre elles «porque, accrescentava sorrindo, costumava vêr-se ao espelho». Mas

se não era um rapaz que a podesse encantar estava certo comtudo, que a estimaria mais do que nenhum outro homem.

— Ó tio, basta-me a sua estima para me fazer feliz, respondera Ermelinda. Sabe que eu sempre fui muito sua amiga... Creia que hei de ser tão boa esposa, como tenho sido sobrinha...

E o pobre Soares chorava lagrimas de um doce enternecimento de creança!...

XII

O casamento foi pouco tempo depois. Soares immeditamente á decisão mandou ir a irmã ao Porto com a sobrinha para tratarem do enxoval.

— Quero tudo do melhor! recommendava. Nada de economias!

E Ermelinda, com esta carta branca, corria dias inteiros as lojas da cidade,

escolhendo, comprando, mandando cortar vestidos á larga em casa das modistas.

Pelo seu lado Joaquim Soares chamava um estofador do Porto para arranjar o *boudoir* da noiva. Ella foi consultada, e depois de uma larga conferencia resolveu fazer forrar as paredes a azul claro, com estofos de côr egual na mobilia e reposteiros.

A' cerimonia na egreja parochial affluiu toda a aldeia. Quando Ermelinda entrou, correu nas alas das mulheres endomingadas um murmurio admirativo. Trazia um vestido de seda branca enfeitado com ramos de flor de laranjeira, e o grande veu de noivado envolvia-a como na transparencia diaphana de uma nuvem.

— Parece mesmo um anjo do ceu! — corria de bocca em bocca. E effectivamente o seu corpo alto e fino, de uma elegancia

magra, em que o sexo como que se espiritualisava tomando um aspecto angelico e celeste, todo o seu porte recolhido — os olhos baixos, os braços pendentes, a figura tranquilla e macerada rompendo da alvura nebulosa e virginal do veu esponsalicio — faziam-na assemelhar-se ás visões incorporeas e vaporosas dos espiritos alados do catholicismo. E a aldeia em pezo não se fartava de admirar.

Soares, com a sua eterna lagrima de commoção ao canto do olho, seguia atraz com a irmã pelo braço. Ia rutilante na casaca de panno luzidio, entre cujas lapelas destacava o peitilho da camisa, coberto de bordados ao longo da abotoadura e polido com um esmero cerimonioso e festivo. Mas na sua passagem, a snr.ª Joaquina do Beiral, a mulher do tendeiro, que tinha na terra uma reputação de Messalina,

voltou-se para uma comadre que a acompanhava e disse-lhe n'um sorriso de vicio desavergonhado:

—Ai! coitada... Não lhe paga a fortuna o aguentar um boi d'estes...

Ao fim da cerimonia, que foi longa, com missa e orgão, as alas do mulherio mais se apertavam para vêr o par, já enlaçado sacramentalmente pela liturgia da Egreja. E o pasmo, cortado d'alguns risinhos abafados d'escarneo despeitado, attingiu o cumulo quando Ermelinda, apanhando a cauda do vestido e curvando o tronco ligeiramente, entrou seguida do esposo para a caléche da Companhia, tirada por cavallos russos, com cocheiro e trintanario fardados, que Soares fizera vir expressamente para a cerimonia.

Ao vêr partir a caléche e atraz o *char-à-bancs* pingão, em que seguia o resto da

familia, a snr.ª Joaquina, já no adro, com gestos de rameira bebada, repetia á comadre, como fallando para Ermelinda.

— O' pomba, não te invejo a sorte! Eu cá não avezo d'esses luxos, mas ao menos é só com os que me agradam...

— Ora deixa lá, observou a comadre Justina. Ella ha de ser como as mais...

E terminaram a observação com uma grande risada, cheia de malicia e descaramento, batendo palminhas, e dobrando-se pelos quadris no excesso do riso.

XIII

Os primeiros mezes do *ménage* foram para Soares um paraizo. Ermelinda era docil e boa. Não tinha para com elle o impulso apaixonado de uma noiva que, vencidas as primeiras indecisões do pudor, se lança aos braços do marido, procurando os seus beijos e o seu contacto. Mas era condescendente e carinhosa com elle, como uma

amante que, por ser paga, representa obrigatoriamente o seu papel. Cedia á impertinencia das suas festas, aos extremos fastidiosos dos seus carinhos. Entregava-se sem repulsão, mas sem gosto, aos seus beijos e aos seus abraços. Respondia-lhe um eterno *sim* ás suas perguntas repetidas de um lamechismo serodio de pé-de-boi apaixonado. Se elle a procurava na sua *toilette* abria-lhe logo a porta, estivesse como estivesse. Mostrava-lhe sempre a melhor cara e offerecia-se-lhe para uns pequenos serviços que lisongeavam o pobre homem: dar-lhe o laço na gravata, ageitar-lhe o collarinho, segurar-lhe um botão do casaco, ir buscar-lhe um lenço, um jornal, o chapeu de palha para ir á quinta.

No que ella, porém, mostrava um verdadeiro interesse pela pessoa do marido

era em tudo o que dizia respeito aos seus negocios. Mal Soares lhe confiava o mais ligeiro plano, ella tratava logo de o animar, de o apoiar, de lhe colorir o projecto com as cores mais seductoras, de o envolver nos calculos mais irresistiveis de tentação. Era o seu meio occulto de o afastar, creando-lhe novas preoccupações, outros trabalhos, todo um grande meio de affazeres e negocios que lhe absorvessem o pensamento e a vontade, que o desviassem da sua pessoa, obrigando-o a repetidas ausencias da Cardenha, e a deixassem a ella só e livre, n'uma completa independencia de rainha, n'esse senhorio onde arrastára outr'ora uma existencia secundaria de creada grave ou dama de companhia.

Apparentemente acceitava-o com doçura, com condescendencia, não querendo

affectar uma paixão inacreditavel e inverosimil. No fundo aborrecia-o profundamente e procurava afastal-o por um meio subtil, disfarçado com habilidade n'uma apparencia de verdadeiro interesse. Garantida n'um dote de quarenta contos em bons papeis do Credito Predial, com a doação explicita de todas as suas joias e objectos de uso, Ermelinda tinha segura a grande amarra do seu futuro, a ancora da sua vida. Agora era largar os pannos ás virações dos seus desejos e dos seus caprichos. Tinha tudo prevenido para uma tempestade, e o mar da existencia não a assustava já como outr'ora. Mas intelligente e fina, confiada no exito do seu paciente estratagema, que já lhe tinha vencido a primeira batalha, não se precipitava, nem tomava uma attitude declarada e franca. Como sempre, esperava ; e,

esperando, conservava deante do mundo credulo e ingenuo a sua mascara de tino e de honestidade.

A vida na Cardenha corria, pois, pacifica e monotona. Soares cuidava da quinta, preparava novas emprezas, alargava rapidamente os seus dominios e a sua fortuna. Ermelinda governava a casa, sem as miudas preoccupações das mulheres *parvenues*, n'uma simples vista de olhos, mantendo tudo em ordem por uma rija disciplina entre os creados. De resto passava os dias tratando das flores, ou no seu gabinete azul, estendida mollemente n'um divan, no aconchego do aposento intimo, com um romance banal entre as mãos — apenas para matar o tempo. E ali eram longas miradas ao espelho, horas perdidas na contemplação de si mesma, revendo-se, gosando-se — saboreando n'uma beatitude

sensual todo o seu luxo de roupas finas, cujo contacto dôce lhe acariciava a pelle.

Aos domingos a casa emergia da sua paz habitual pela celebração do jantar de familia, que era o enlevo de Soares. Reunia o pae, os dois irmãos, a irmã, o cunhado e o sobrinho, e durante o jantar era um tilintar alegre de talheres e de copos, cortado pelo bom humor ruidoso de Soares, pelos ditos do medico, pelas sentenças do abbade e pelas intermináveis historias do tempo dos francezes, thema predilecto do velho Soares. Comia-se e bebia-se pantagruelicamente. E ao fim d'estes banquetes, em que Soares mantinha as *peças fortes* do leitão, do cabrito, do perú, da perna de vitella, elle erguia-se da meza radiante de felicidade, entre todos aquelles que amava e protegia com a

sua riqueza, e sinceramente commovido exclamava com lagrimas na voz:

— Isto é que é viver!... O mais são historias!...

XIV

Um dia, subitamente, um novo ataque de paralysia deixou fulminado o velho José Soares. Foi justo ao toque do meio dia. O abbade estava com elle: ouviram-se as badaladas do *Angelus*, e o velho apezar de sentir as pernas mais fracas do que o costume quiz erguer-se para rezar, segundo um antigo habito. Chegou a levantar-se

apoiando as mãos aos braços da cadeira; mas de repente sacudiu-o uma convulsão, a face contraiu-se-lhe n'um esgare medonho deixando-lhe a physionomia transtornada, de uma fixidez de mascara, e o corpo caíu redondamente no sobrado de bruços e a face contra a terra, como se recebesse em cheio no peito todas as balas de uma fuzilaria de pelotão. O abbade aterrado abanou-o, chamou por elle, mas sentindo-o immovel gritou pela familia. Veio Francisco da Silva, a mulher, alguns creados; correu um homem á Cardenha, outro ao Soutello a chamar o Ricardo. Mas o pobre velho, nonagenario, estava mais do que morto, e quando Joaquim Soares chegou, cansado de correr, pallido e com os cabellos em pé, viu já o cadaver do pae sobre o leito, desfigurado e horrivel,

com a bocca contraída n'um sorriso hediondo, como o de um louco.

Foi uma scena horrorosa. Soares torcia-se de desespero, debruçado contra a cama, apertando o cadaver entre os braços. Os seus soluços entrecortados, a sua voz estrangulada pareciam de um homem soffrendo uma tortura. Quizeram tiral-o d'ali, mas foi impossivel. Elle com a sua força de touro repellia a todos cegamente e segurava-se á cama, como um naufrago desesperado a uma derradeira prancha. As suas palavras mal se percebiam cortadas pelas lagrimas e pelas convulsões dos soluços. Eram longas queixas contra a sorte, que o feria no meio da sua completa felicidade, palavras de desprezo para a sua riqueza que não lhe valia contra estes golpes, reminiscencias do pobre velho — ditos, gestos, acções, que passavam

no seu espirito indecisamente, n'um tumultuar de recordações incoherentes. Embalde o abbade, tambem quebrado pelo soffrimento, lhe aconselhava resignação. Embalde a irmã e o cunhado o reprehendiam amoravelmente. Soares vivia apenas d'aquella grande dôr, sentia só, de todo o mundo, a presença d'aquelle corpo inerte e rigido, cujo rosto conservava o seu esgare sinistramente comico.

Só Ermelinda, chegada um instante depois, o pôde socegar. Ao vêl-a atirou-se-lhe aos braços, e como ella o arrastasse para um velho canapé de palhinha, ahi ficou chorando baixo muito tempo, com o rosto escondido no seu seio.

A custo o levaram, perto da noite, para a Cardenha. Ricardo tinha chegado do Soutello, e com outro medico confirmára o obito. Entrava o armador para tomar me-

dida do caixão e receber as ordens para o enterro. Começava-se a *toilette* do morto. Soares, quebrado pela fadiga da violenta emoção, caíra n'um abatimento profundo. Quando, porém, lhe fallaram em ir dormir á Cardenha revoltou-se, e só depois de muitos esforços Ermelinda o fez finalmente ceder. Encostado ao braço d'ella seguiu então os atalhos sombrios da aldeia, fitando com os olhos marejados de lagrimas as estrellas que bruxoleavam longe, muito longe, no vago concavo da noite...

XV

O lucto prendeu-o em casa por uns dois mezes tornando a approximal-o mais da mulher, que durante esse tempo havia sido deveras carinhosa e meiga para com elle. Soares estivera mal alguns dias, agitado, cheio de febre, com dores de cabeça que pareciam fender-lhe o craneo. E ella

não o deixava, affagando-o, consolando-o, animando-o, prégando-lhe affectuosamente a resignação e a paciencia. Quando foi á missa do setimo dia não parecia o mesmo homem: emmagrecera, perdera a côr, e os olhos inchados das lagrimas e pisados de olheiras cerravam-se, como medrosos da luz, das pessoas, das cousas...

D'esta prova Ermelinda saíu com o seu nome confirmado n'uma inabalavel reputação de esposa modelo. Soares chamava-lhe *a sua santa* e confessava que, se não fosse ella, não resistiria áquelle golpe duro e brutal; o abbade beijava-a commovido, e todos concordavam em que se não podia exceder tanta dedicação, tanto carinho, tão bom juizo e tão finos sentimentos de caridade. Para toda a Guardeira era ponto de fé que o brazileiro devia a existencia aos extremos de consola-

ção e ao nobre exemplo de coragem de sua mulher.

Para o distraír — dizia ella — animava-o a dar começo a certas emprezas. Assim, ao fim de tres mezes de reclusão, transformado o desespero na saudade tranquilla que é a dulcificação da dôr, Soares pensou de novo nos seus trabalhos. Entrou a ir frequentes vezes ao Porto para tratàr da formação de uma sociedade de capitalistas, que explorasse a força motora d'uns açudes do rio Leça, n'uma industria de fabricação de papel.

Em pouco tempo com a complicação crescente do negocio, os ajustes, as entrevistas, as conferencias, que precedem taes emprezas, teve Soares de passar dias inteiros no Porto, dando ordem para que o não esperassem ao jantar. Uma vez mandou avizo dizendo que não ia ficar á

quinta n'essa noite. Ermelinda mandou-lhe pelo portador um bilhete, pedindo-lhe que ao menos não viesse tarde no dia immediato; mas á meia noite, ao deitar-se, vendo desoccupado todo o grande leito conjugal, teve um suspiro de satisfação.

— Até que emfim!... murmurou ella ao adormecer.

Entretanto sobrevieram difficuldades no negocio da pequena fabrica de papel. A politica metteu-se n'isso: houve toda uma intriga no governo civil do Porto e nas administrações da Maia e de Bouças, intriga que ia compromettendo a empreza. Casualmente, porém, caíu o ministerio, e com a nova gente Soares tinha certa a victoria, pois que tres dos seus mais ricos associados eram trunfos reconhecidos d'essa situação. Logo que chegou ao Porto o governador civil recentemente nomeado,

Soares não o deixou mais, e lá conseguiu que ao novo administrador do concelho se recommendasse desde o principio o protectorado da fabrica.

Quando o administrador foi tomar posse do logar, Soares saíu logo antes de todos a comprimental-o e convidou-o para se hospedar na Cardenha sempre que viesse á administração, visto não residir na localidade. O administrador acceitou gostosamente e n'essa mesma noite dormiu n'um dos largos aposentos do velho solar dos Silveiras.

O administrador Alfredo Sampaio era um bacharel em direito saído recentemente dos bancos da Universidade. O pae, procurador encartado no Porto, destinára-o á carreira da advocacia contando dar-lhe as causas da sua enorme clientela. Mas durante a sua formatura o joven Sampaio fi-

zera em Coimbra uma alegre vida de cabula, gastando ao pae as melhores libras ganhas a correr os escriptorios e tribunaes com os autos debaixo do braço. De maneira que quando se tratou de dar conselhos e instaurar processos, o joven doutor nem um requerimento sabia fazer. O pae empurrára-o então para a burocracia, e como era influente entre os progressistas do Porto conseguiu a nomeação d'elle para o concelho de Bouças, afim de completar os dois annos de administração concelhia necessarios para os concursos de secretario geral.

Era um rapaz de vinte e tantos annos, alto, branco, com feições effeminadas e miudas, um pequeno bigode loiro petulantemente erguido nas guias, e o cabello, muito aparado, aberto ao meio em duas marrafas côr de oiro fosco, empastadas

sobre os frontaes. Usava lunetas sem aros, e, atravez dos vidros, os seus olhos azues, languidos e mortiços, tinham uma expressão de semsaborona doçura seraphica, como se fossem d'um anjo myope. Vestia-se com uma preoccupação de catitismo — muito correctosinho, muito esticadinho, muito pregadinho. Todo elle era excellencias, cortezias, requebros, amabilidades, exclamações admirativas para tudo o que era dos outros, um riso sempre aberto para saudar as graças do proximo. Completára a sua educação de homem de sala nos clubs balneares da Foz, de Espinho e da Figueira, onde se fizera apresentar a todas as senhoras de um nome mais conhecido, e onde jogára o bilhar e o whist com todos os titulares e figurões politicos que conseguia obter para parceiros. De maneira que fallava da condessa d'isto e do

visconde d'aquillo, do conselheiro fulano e de madame cicrana, como de relações muito intimas. A cada instante mettia a sua pessoa nas conversas: «Foi ha dois annos em Espinho. Dançava eu com a snr.ª viscondessa de ... e tinha por *vis-à-vis* o barão de ... com uma bonita menina da Beira, da casa de tal. — Uma vez na Figueira o deputado cousa contou-me em segredo...» E lançado n'este caminho não se calava, saboreando a pronunciação d'estes nomes de grande nota, como se fossem rebuçados de rosa.

As suas grandes prendas de *clubman* eram recitar e walsar infatigavelmente. As senhoras provincianas da roda mais modesta adoravam-no por isso, e elle no meio d'ellas imperava sem contestação, como homem que tinha pares entre as banhistas da *high-life*.

Já duas meninas de Braga se haviam apaixonado por elle, mas o joven Alfredo tinha juizo bastante para não dar assim a sua mão de esposo a titulo gratuito, n'um casamento d'amor.

Com este passado, mal Soares o apresentou á mulher, Alfredo Sampaio começou logo a posar de homem do mundo deante d'ella. A' noite, nos longos serões, emquanto o brazileiro lia os jornaes ou punha em ordem a enorme papelada dos seus negocios e Ermelinda, sob a luz do candieiro, ponteava preguiçosamente um bordado, o bello Alfredo repetia as suas historias de Espinho e da Foz, ou fallava do seu tempo de Coimbra contando casos de effeito — partidas de rapaz, noitadas estroinas, excentricidades bohemias da sua *troupe*. E muito cheio de si cruzava continuamente a perna para mos-

trar a meia bordada e o sapato de verniz, puxava os punhos lustrosos, com botões de oiro em forma de ferradura cravejada a torquezas, lançava para o ar em baforadas repetidas o fumo do seu charuto, espetado n'uma ostentosa boquilha de ambar.

Ermelinda gostava de lhe ouvir as tagarelices. Ás vezes elle citava um nome que ella conhecia pelas antigas conversas de D. Catharina. «O D. Francisco de Souzellas... dizia Alfredo.— Bem sei, notava Ermelinda, é irmão da condessa de Monte-Alegre. — Ah! conhece?... — Muito de nome: a condessa era amicissima da madrinha...» E a citação d'estes nomes historicos, estas conversas sobre personagens de alta condição, faziam-na reviver para os seus assumptos de outro tempo, quando a madrinha, abrindo

deante d'ella massos de sobrescriptos timbrados com corôas e armas, lhe contava novidades da capital e historias intimas de familias de extensa linhagem.

Havia cerca de seis annos que D. Catharina retirára da Cardenha, e desde então Ermelinda nunca mais convivera com ninguem que tivesse os seus gostos e o seu trato. A sua antiga existencia reservada e intimamente solitaria da Portella continuára-se na Cardenha. Moralmente o seu estado era o mesmo, ainda que as condições de posição e de riqueza tivessem variado. Alfredo era pois a primeira pessoa, cuja convivencia lhe dava a nota das suas predilecções e das suas tendencias, n'aquelle triste deserto da Guardeira. E além d'essas conversas prendiam-na á pessoa d'elle os seus habitos e costumes delicados, os seus cuidados minuciosos de vestuario

e de aceio. Fazia-lhe bem ver ao pé de sí um homem que mudava todos os dias de roupa branca, que variava de gravatas é de casacos, que não apparecia á meza sem um excessivo apuro de *toilette*, que se adivinhava n'um quarto pelo perfume suave da tilia. E, se o via distraído, olhava-lhe as mãos brancas e transparentes, em cujos dedos afilados, de mulher, se enroscavam os aros d'oiro dos anneis inglezes.

Uma vez mesmo descobriram que já se tinham visto algures. N'um relance, um olhar delambido de Alfredo, uma certa entonação assucarada da sua voz, evocaram no espirito de Ermelinda uma rapida visão antiga. Era uma imagem apagada na sua memoria, que parecia aclarar-se e reviver, como um quadro abandonado ha muitos annos a um canto, que um dia,

limpando-se do pó, expõe aos nossos olhos uma physionomia meio esquecida. — Ermelinda ia jurar que já tinha visto Alfredo fosse lá onde fosse...— Elle não se recordava, não tinha a menor ideia. Ella porém, asseverava que sim, só não lhe lembrava onde.— Mas de repente exclamou, córando um pouco:

— Ah! já sei... Foi na estação de Campanhã quando o Joaquim voltou do Brazil. Era por força o snr. Sampaio: a mesma altura... a mesma côr... loiro... de lunetas,..

— Em Campanhã?! Seria... seria... disse o administrador. Eu devia andar então em Coimbra e nada mais natural do que encontrarmo-nos na estação... Mas não me recordo.

— Ora!... Era com certeza! Cada

vez me convenço mais. Até á saída me apanhou o guarda-sol, que me caíu...

—Ah! sim... sim, interrompeu o outro. Agora me lembro... Era então a snr.ª D. Ermelinda?... Estava com seus tios... Andaram a passeiar muito tempo na plata-forma antes de chegar o comboio. Recordo-me muito bem... perfeitamente. Era eu mesmo com effeito... Ora tem graça! que coincidencia!...

—Tem graça realmente! disse Ermelinda. E como isto agora me lembrou!...

—De maneira que volveu Alfredo sorrindo-se, somos já velhos conhecidos...

E a lembrança d'este caso lançou-os rapidamente n'uma intimidade de relações antigas. A pouco e pouco Ermelinda entrou a interessar-se pelas suas cousas. Quando elle vinha á Guardeira, esperava-o

sempre o seu quarto da Cardenha n'um arranjo irreprehensivel. Encontrava invariavelmente grandes ramos de rosas frescas n'um vaso de faiança, sobre a meza onde havia os jornaes do dia e alguns livros. Logo pela manhã um creado vinha arranjar-lhe o banho, e de umas vezes para as outras achava a sua roupa branca brunida e prompta nas gavetas da commoda. Alfredo estava melhor do que em sua propria casa.

Estes cuidados, estas deferencias não lhe passavam, porém, desapercebidos. Foi-lhe facil adivinhar toda a historia do casamento de Soares, e em pouco tempo formou um juizo segúro e verdadeiro d'aquelle *mènage*. Ermelinda de resto agradava-lhe: achava-a bonita, appetitosa, e além d'isso — dizia elle em ar de velho Tenorio experimentado — mulher com o

competente editor responsavel... Uma mina! um achado precioso!

N'este pé começou a fazer-lhe a corte. Ao principio arriscou meias palavras e olhadelas furtivas, a que Ermelinda correspondia sem embaraço. Mas o difficil era a declaração, porque Alfredo tremia sempre ao contemplar os biceps formidaveis de Soares, desenhando-se-lhe atravez das mangas do casaco, á menor contracção do braço. Depois falhavam-lhe tambem as occasiões. Soares, que tinha concluido as conferencias preliminares e as operações puramente financeiras do negocio da fabrica, começava agora a dirigir os trabalhos de construcção, e porisso vinha invariavelmente ficar á Cardenha, pois o Leça passava cousa de uma legua distante da Guardeira. E além d'isto, sempre que o administrador estava seu hos-

pede, Soares julgava-se obrigado a nunca o desamparar.

Passaram-se dois longos mezes n'esta indecisão. Alfredo, acirrado pelos desejos, apaixonára-se. Ermelinda, que o percebera, esperava apenas que elle se declarasse. A pouco e pouco convenceu-se de que era chegada a occasião tão esperada, e maduramente pesou a ideia de tomar em Alfredo o seu primeiro amante. Todas as circumstancias a favoreciam. Fôra Soares quem mettera o rapaz de portas a dentro; era elle quem lhe pedia que estivesse na casa como se fosse sua. Ella conhecera-o por seu intermedio, acceitára-lhe a intimidade por desejos do marido. Havia todos os meios de disfarce e todas as razões para se desculpar, se isso fosse preciso.

Dominado pela paixão, Alfredo pretex-

tava negocios urgentes na administração e demorava-se ás vezes toda uma semana na Guardeira. Para experimentar o pobre Soares mostrou um dia desejos de alugar ali uma casita, pois aquellas permanencias tão longas na Cardenha, dizia elle, eram já abusar da sua hospitalidade. Mas Soares oppoz-se tenazmente, assegurando ao administrador que a sua presença não o incommodava nada nem o constrangia nos seus habitos: ao contrario, até a considerava como um favor, pois que as suas conversas distraíam muito a pobre Ermelinda, que — coitadinha! — não fôra creada para conviver só com aquella gente da aldeia.

Alfredo rejubilou intimamente com estas disposições do seu amigo. Comtudo a vida que se fazia na Cardenha não lhe offerecia ensejos favoraveis para se explicar

de vez com Ermelinda, e essa situação vaga prolongar-se-ia indefinidamente, se um acaso os não deixasse porfim um dia sós, em presença um do outro.

Estavam uma manhã ao fim do almoço quando um creado veio dizer a Joaquim Soares que o mestre d'obras, que dirigia a construcção da fabrica, desejava fallar-lhe immediatamente. O brazileiro ergueu-se, passou rapidamente o guardanapo pelos beiços, e saíu dizendo:

— O snr. doutor dá-me licença, sim? Eu volto já.

— O' snr. Soares... por quem é! respondeu o administrador.

Fazia um dia lindissimo. Um bello sol de junho entrava alegremente na grande sala de jantar, que dava sobre o jardim. Pelas janellas abertas viam-se retalhos de campo, sombras de pinhaes, verduras

de lameiros, e a faiscação do sol nas searas de milho, immoveis no ar parado. Lá ao fundo do valle um angulo do rio apparecia, azulado como uma placa d'aço, entre o renque dos choupos, tufados pelas parras opiparas das videiras. Havia uma tranquillidade profunda de calma, um d'esses socegos dormentes, que dão á natureza o aspecto de uma grande paralysação mysteriosa. Não perpassava uma corrente d'ar, não se ouvia o gemido extenso dos pinhaes, n'esses fremitos ligeiros, n'esses pequenos movimentos, n'esses rapidos sons, que deixam adivinhar a vida sob a immobilidade apparente da paizagem. Um calor torrido vinha dos campos queimados pelo sol, abrazando o ar, como na proximidade de um grande forno. E ao fundo o azul muito puro, esmaltado pela luz, descia levemente sobre a terra,

recortado no horisonte pelos dorsos dos montes e pelos rendilhados das arvores distantes, que lhe faziam como que uma franja sumptuosa de verduras.

Sobre a toalha adamascada, desfolhavam-se as rosas do centro de mesa, entre os copos e os pratos com restos de vinho e de comidas... O creado retirára-se momentos antes discretamente, emquanto Alfredo tomava os ultimos goles de café, porque em toda a sua vida intima e nos seus arranjos domesticos Ermelinda renovára na Cardenha os habitos finos de D. Catharina da Silveira.

O calor infiltrava-lhes um entorpecimento doce. Encostados ao espaldar das cadeiras sentiam-se invadidos d'uma preguiça voluptuosa. E, em frente um do outro, fitavam-se com languidez, sem forças para trocarem uma palavra.

Alfredo, porém, presentiu que o *momento* se approximava e que era preciso não o deixar fugir. Para começar tirou de um charuto:

— Vocencia dá licença?... perguntou.

— Pois não... respondeu Ermelinda.

Elle accendeu um phosphoro e demoradamente chupou o fumo azulado, que se ennovelava no ar em espiraes vagarosas. Depois, lançando os olhos pela janella, murmurou como n'uma observação distraída:

— Que lindo dia!

—Lindo! respondeu Ermelinda olhando na mesma direcção.

Seguiu-se um silencio. Alfredo não sabia como continuar. Sentia-se molle de corpo e de espirito, com longos bocejos, que reprimia mordendo os beiços. Tinha vontade de espreguiçar-se como um

gato lascivo, de estirar voluptuosamente o corpo saturado de luxuria.

Não lhe vinha uma ideia: o seu espirito absolutamente vasio, desnorteado pelo imprevisto da situação, deprimido pela sensualidade, não lhe suggeria um unico expediente. Comtudo, no meio d'esta inercia invencivel, percebia que perder esse momento era talvez perder Ermelinda. E, indeciso, irresoluto, pensou em levar as cousas á lei da natureza: pôr de parte os discursos e atirar-se como um animal inflammado pelo cio. Mas a serenidade de Ermelinda, a sua frieza apparente, a expressão calma do seu olhar, mesmo quando o fixava com amor, desarmavam-no d'esses impetos brutaes. E n'um desespero intimo, irritado, nervoso, jogado entre o receio e o desejo, sentia-se compromettido pela sua perplexidade.

Então lançou-se n'uma declamação vaga, fallando da primavera e da vida, das rosas e do amor, dos vulcões e do coração, n'um labyrintho de rodeios pretenciosos, de allusões disfarçadas, todo um lyrismo alambicado e postiço que o fazia gaguejar ridiculamente.

Ermelinda ouvia-o, muda, d'olhos baixos, um pouco constrangida. Não tinha previsto a intervenção de tanto palavreado. Desejára vêr o seu futuro amante mais decidido e menos divagador. Responder-lhe n'este mesmo tom era difficil para ella, que justamente da vida mundana apenas conhecia as delicadezas do intimo trato domestico.

A respeito do namoro—guardára a rudeza selvagem das mulheres do campo. No homem procurava o macho, e toda a sua selecção tinha um exclusivo caracter

physico. Queria machos bonitos e aceiados — unicamente. De resto, do amor não percebía mais nada. Amor para ella era o goso — uma luxuria de femea aluada. Fôra assim que o aprendera desde pequena, vendo por toda a parte os animaes em coito franco e livre.

O que ella comprehendeu, porém, foi que Alfredo estava n'uma crise de desejo. Isto incendiou-lhe os appetites. Se elle se erguesse n'aquelle instante e a tomasse nos braços, Ermelinda entregava-se-lhe ali, sem mais reservas, sem ir mesmo fechar as portas...

O momento, porém, era critico e a rapariga sentiu por sua vez o falso d'aquella posição. Porisso animava Alfredo com o olhar, e n'um sorriso tentador respondia-lhe, muda mas expressivamente, aos seus devaneios piegas. Elle comtudo parecia

não a entender, e atolado em rhetorica, com medo de se ter adeantado de mais nas suas confissões ou de ter seguido um mau caminho, repisava as mesmas phrases sem avançar um passo.

Mas como Ermelinda continuasse silenciosa e de olhos baixos, Alfredo reconheceu que era precisa uma provocação mais directa. Fitando-a com firmeza, d'um modo terno, ergueu-se devagar da cadeira e dirigiu-se para ao pé d'ella.

— Amo-a muito... sabe? disse-lhe a meia voz.

E vagarosamente tomou-lhe uma das mãos, que ella lhe abandonou. Mas como a não sentisse resistir-lhe, baixou-se a pouco e pouco e ajoelhou-lhe aos pés. Ermelinda estava recostada contra o espaldar, n'uma pose de abandono meditativo, a cabeça pendente sobre o peito, os olhos fixos no

regaço. Alfredo estreitava-lhe agora as mãos nas suas, e de joelhos, muito comico, dizia-lhe ancioso, procurando-lhe o olhar:

— Oh! Confirme-me com uma palavra a esperança que eu leio nos seus olhos... Diga-me que posso esperar...

E n'isto beijou-lhe a mão.

Ermelinda sentiu atravessar-lhe o corpo uma vibração extranha, como que uma corrente voluptuosa de lubricidade; mas percebeu passos no corredor e, endireitando-se na cadeira, disse-lhe a meja voz com decisão e rapidez, afastando-o:

— Póde, sim... Mas levante-se: vem gente!

Alfredo teve apenas tempo de se sentar. Soares entrava.

— Desculpe-me a demora, snr. doutor, disse elle. Custou-me a despachar o homem.

E começou a contar ao administrador o que tinha acontecido nas obras da fabrica: um muro que desabára do lado do rio, alguns centos de mil reis perdidos, as obras paradas por mais de uma semana...

Ermelinda saíra entretanto, e logo depois o creado apparecia trazendo o correio. Soares continuava a referir o caso da fabrica, botando as contas aos prejuizos causados por esse contratempo, quando o administrador, que ía abrindo a sua correspondencia, encontrou entre as cartas um officio do secretario geral reclamando a sua presença no governo civil, para receber instrucções confidenciaes de s. ex.ª o governador.

— Lá tenho de ir á cidade! exclamou elle contrariado. Um maldito officio...

— Ah! Já lhe aborrece tanto a cidade, snr. doutor? notou-lhe o brazileiro. En-

tão vejo que se dá bem com os nossos ares?...

Alfredo, confuso, quiz explicar-se:

— Não, meu amigo. E' que tenho aqui umas massadas que queria arrumar por uma vez. E depois isto é o diabo das eleições que começam... Uma espiga!

— Pois olhe, tem companheiro, tornou Soares. Preciso de ir fallar aos meus socios, para lhe dar parte do que aconteceu na fabrica. E se hei-de ir amanhã, vou hoje com o snr. doutor...

— Bem: lá se me vae uma bella occasião por agua abaixo! pensou Alfredo.

A' tarde, porém, partiram. Alfredo apenas pôde trocar com Ermelinda um aperto de mão. Nem uma palavra, nem um signal que lhe podesse garantir o terreno já conquistado.

Mas, chegado ao Porto, teve uma

ideia feliz: escrever-lhe! Escrever-lhe, depois da sua promessa, era tomar posse das primeiras concessões, legitimal-as, fazel-as bem suas. Isto abrir lhe-ía o caminho para os successos posteriores, e todos os seus manejos subsequentes se lhe tornariam mais faceis e exequiveis.

E então em uma folha de papel perfumado compoz uma longa cantilena amorosa, uma declaração com todos os chavões do estylo e segundo todos os preceitos e regras da arte. Elle era um incomprehendido, ella a primeira mulher que o entendia. Só n'ella achava o coração que sonhára para companheiro do seu. Que fatalidade não se terem encontrado mais cedo, quando ambos livres poderiam santificar aquelle amor perante o altar! Mas ainda assim nada os poderia separar no mundo, porque a lei do amor estava acima de todas

as considerações sociaes, e ella só por si era bem grande e alta para tudo justificar aos olhos de Deus. E por aqui adeante as eternas banalidades do *Secretario dos Amantes*.

Ermelinda respondeu n'uma carta laconica e breve, dois dias depois. Dizia-lhe que o amava, que sentia saudades d'aquella boa manhã tão duramente interrompida e terminava pedindo-lhe que voltasse depressa.

Alfredo partiu n'essa mesma tarde para a Cardenha.

Mas lá, por mais que ambos procurassem as occasiões, por mais que Ermelinda prolongasse o jantar e o almoço, a ver se o marido se levantava da mesa antes d'elles, por mais que tivessem tentado encontrar-se, como por um acaso, no jardim—havia sempre uma circumstancia

qualquer que lhes gorava os manejos, concertados de longe em olhadellas rapidas, n'algumas breves palavras trocadas de passagem, ou em pequeninos bilhetes que Alfredo lhe mettia no cesto da costura ou entre as paginas dos livros. Soares acompanhava-os sempre; fizera-se a sombra d'Alfredo, o seu cão fiel, seguindo-o pela casa, pelos jardins, pela quinta, indo com elle muitas vezes até á administração.

Ermelinda chegou um dia a notar-lhe:

— Tu não tens ido á fabrica... Isso vae a caminho?

— Vae, respondeu elle. Deu-se de empreitada ao Vieira o resto da obra de pedreiro. E' um homem de toda a confiança... Não tenho nada lá que fazer.

Os dois roíam-se de impaciencia. Cada vez mais peiados! cada vez menos livres! E agora com o mau tempo que sobre-

viera,— chuveiros continuos, o jardim alagado, caminhos espapaçados em lama, não saíam uns de cima dos outros, e ficavam-se na sala um dia inteiro, silenciosos, bocejando somnolentamente, os dois homens com o nariz sobre os jornaes, Ermelinda fazendo o seu *crochet* vagarosamente.

Uma manhã, porém, depois do almoço a que assistiu o abbade, Soares que lia o seu correio disse de repente:

— Parece-me que tenho de ir á Regoa vêr os engenhos d'uma fabrica de papel que se desfez ha tempo... —E mostrando uma carta ao abbade, continuou:—E' do Souza, do meu socio. Pede-me para ir com elle *lá acima* tratar d'isso...

— E quando vaes? perguntou o abbade.

—Talvez ámanhã á tarde, respondeu o brazileiro.

Alfredo olhou-o de soslaio. Que devia fazer? retirar-se para o Porto — era claro! Ficar seria d'uma inconveniencia verdadeiramente comprommettedora.

Mas Soares, que continuára a lêr a carta, interrompeu-se de novo:

— E' amanhã com effeito que tenho de ir... E ainda bem que o snr. doutor por aqui está para fazer companhia á Ermelinda, que fica sósinha...

O abbade olhou-o um tanto pasmado. Alfredo, muito vermelho, sem saber bem o que dizia, resmoneou umas palavras confusas de excusa e de agradecimento.

— Máu!... Deixemo-nos de cerimonias, snr. doutor, respondeu-lhe Soares, deixemo-nos de cerimonias. Isso não está no nosso ajuste... E' um favor que me faz

ficando—creia... O snr. doutor entretem muito a Ermelinda com as suas historias... E ella então, coitada! que lhe custa tanto ficar só...

— O' snr. Soares... é muita honra... agradecia o administrador, fazendo por disfarçar o intimo contentamento.

Ermelinda entrava, e então o abbade chamando de parte o irmão disse-lhe em voz baixa:

— O' Joaquim, não me parece lá muito corrente ficar o homem aqui assim com a Ermelinda... É uma rapariga nova...

Soares olhou-o pasmado.

— Ora o que tu quizeres! disse elle. Pois tu és capaz de duvidar da Ermelinda?!...

E estas ultimas palavras tinham um tom de agastamento.

— Não, homem de Deus! Não te zangues! Eu não duvido nada... Mas, já vês, póde fallar-se... póde dizer-se... Sempre é desagradavel.

— Quem falla lá cousa nenhuma, Ignacio! Então toda a gente não sabe quem é minha mulher?!

— Pois não te digo que não, tornava o padre. Mas olha que isso não é grande cousa... Ao menos podia vir para ahi a mãe fazer-lhe companhia... Era mais decente... Não dava tanto nas vistas.

— Tu estás a brincar?! replicou o brazileiro, erguendo a voz. Eu fazia lá tal cousa. Isso era uma desfeita para a Ermelinda e para o doutor Sampaio... era desconfiar d'elles... pôr-lhes uma guarda á vista... Que disparate! — Homem,

concluiu, não me incommodes mais com essas tolices...

—Bem, bem... murmurou o abbade.

E voltáram ambos para ao pé da mesa.

XVI

Soares partiu para o Porto na tarde seguinte.

O abbade, Francisco da Silva e a mulher tinham vindo á Cardenha despedil-o, e a pedido de Ermelinda passaram a noite com ella. Logo depois de servido o chá, Alfredo deu-lhes as boas noites e retirou-se ao seu quarto. Ahi, porém, foi

sentar-se no vão da janella para lhes espiar a saída. Cousa de uma hora depois, sentiu abrir o portão. Espreitou : e ao luar distinguiu os tres vultos seguindo a larga rua central do jardim.

Sem perder um momento foi collar o ouvido á porta do quarto. Absoluto silencio. Abriu cautelosamente um dos batentes e olhou : lá ao fundo, no extremo do grande corredor, viu ainda luz na sala onde habitualmente se passàvam as noites. Ermelinda estaría só? Eis o que o preoccupava. Escutou a vêr se presentia algum ruido de vozes. Nada : tudo calado. Encheu-se de animo e, pé ante pé, dirigiu-se vagarosamente para a sala.

Ermelinda estava sentada n'um sofá, com um bordado esquecido no regaço. Parecia meditativa e concentrada. Esperal-o-ía ? Esta ideia animou-o a mostrar-se.

— Está só? disse da porta a meia voz.

Ella olhou-o com um ligeiro movimento de sobresalto.

— Estou, respondeu simplesmente. Entre.

Alfredo entrou cerrando a porta atraz de si. Dirigiu-se ao sofá e sentou-se ao pé de Ermelinda tomando-lhe as mãos.

— Emfim! exclamou n'uma emphase ridicula.

Ella abandonou-lhe as mãos e fitou-o, sorrindo lascivamente. Alfredo percebeu então que as palavras eram inuteis e até comicas em tal momento. Approximou-se mais, tremendo de commoção, e a sua bocca procurou nervosamente a d'ella. Collaram-se os labios n'um beijo longo e mudo, Ermelinda deitou-lhe as mãos aos hombros, Alfredo estreitou-a contra si n'um abraço convulsivo...

XVII

Nas quatro noites que Soares passou fóra de casa, Alfredo pela volta da uma hora cosia-se com a parede do longo corredor, entreabria a porta do quarto de Ermelinda e fechâva-a depois por dentro. E até ás quatro, cinco horas da manhã, o leito conjugal era deshonrado nos delirios d'um adulterio, que uma lubricidade insa-

ciada alimentava. Ermelinda tinha o cuidado de preparar o despertador para os alarmar antes que os creados acordassem, podendo surprehender Alfredo. E era o seu rufo metallico, aspero e irritante, que os fazia despegar dos braços um do outro, meio embriagados de prazer, ainda com beijos vagos e frouxos, como as ultimas petalas caídas da flôr desfolhada dos seus desejos...

E nas manhãs seguintes Ermelinda tinha a mesma impassibilidade serena do costume, o mesmo ar natural e innocente, como se tivesse passado a noite na companhia do marido. Alfredo, porém, trahia-se ás vezes nos seus rubores subitos, nos seus receios deante dos creados, na frieza estudada que affectava para com a amante, e nos longos silencios de que nada o podia tirar.

De dia, para fugir á tentação de um encontro, de uma scena que os podesse comprometter, Alfredo saía para a administração, onde ficava longas horas estirado deante da sua banca, manejando machinalmente a faca do papel, com os olhos fitos no tecto, entregue á divagação das doces recordações da noite. A's vezes atacava-o um desejo subito, sentia a sua carne espicaçada pelo aguilhão do prazer e inconscientemente, erguendo-se, dirigia-se para a porta, como para fugir d'ali, correr á Cardenha, tomar Ermelinda nos braços e n'um contacto longo, peito contra peito, os labios collados, o olhar magneticamente fixo, aniquilar-se n'um desmaio voluptuoso, expandir a seiva do seu amor n'uma florescencia ardente de beijos.

Mas ao sentil-o tocar no fecho da porta, corria pressuroso o continuo da adminis-

tração a saber se o snr. doutor queria alguma cousa.

— Chame-me o snr. Guedes, dizia elle.

E o snr. Guedes — o escrivão — entrava desfazendo-se em cortezias. Alfredo, para dizer qualquer cousa, fazia-lhe algumas perguntas sobre o expediente e vol tava de novo á sua concentração de namorado saudoso.

Em casa Ermelinda fazia a sua vida habitual, n'um absoluto descanso intimo, como se nenhum acontecimento grave tivesse modificado as condições moraes da sua existencia. E quando Sampaio apparecia ao jantar dava-lhe deante do creado um aperto de mão de uma delicadeza fria, sem córar, sem trahir em nada o segredo do seu adulterio.

Mas ao fim do quarto dia de ausencia

Soares appareceu na Cardenha, de guarda-pó de linho, todo empoeirado, no *char-à-bancs* da carreira. E ali deante do amante, que sentiu um calafrio de medo, misturado com uma picada de remorso, ao rever a corpulencia athletica e a larga face bondosa do brazileiro — Ermelinda lançou-se aos braços do marido e, procurando-lhe a face n'um beijo tranquillo, disse-lhe sem affectação, com um carinho natural:

— Ters-me feito tanta falta, Joaquim!...

Alfredo pasmou comsigo mesmo de tanto cynismo! Quasi lhe custava a acreditar que fosse elle o primeiro amante d'essa mulher, que parecia ter já uma larga pratica, um habito completamente educado dos disfarces, das comedias da traição conjugal. Elle é que era o fraco, o ingenuo, a creança — n'aquella conquista!

Apezar das suas exteriores fanfarronadas domjuanescas, Ermelinda fôra na verdade a sua primeira victoria nas grandes batalhas do amor. Tinha namorado algumas mulheres casadas, mas simples *coquettes*, com as quaes nunca havia passado além dos modestos limites d'algumas trocadelas d'olhares. E assim ia percebendo vagamente o mysterioso caracter de Ermelinda, e, no fundo da sua alma, descobria-se como escravisado por aquella mulher, sem sentimento e sem coração, que lhe dava apenas a sua carne—egoistamente e com o fim exclusivo de satisfazer a sensualidade da sua organisação de hetaíra.

XVIII

O administrador voltou ao Porto, e de lá todos os dias escrevia á amante longas cartas, cheias de uma pieguice babosa desde o *Meu anjo*, com que abria a epistola, até á assignatura com que a fechava.

Mas para Ermelinda começavam cedo os espinhos do adulterio. Sentia-se inca-

paz de vencer a repugnancia que lhe inspirava o contacto do marido, e temia que elle suspeitasse alguma cousa atravez da sua frieza e dos modos seccos que ás vezes não podia reprimir.

As noites eram para ella um tormento. Confrangia-se ao sentir na sua epiderme fina a dureza cornea e a aspereza cabelluda da pelle de Soares. Parecia-lhe que as suas mãos de brutamontes a esmagavam, e toda aquella corpulencia herculea e boi de ceva inspirava-lhe uma repulsão invencivel de nojo. Ás vezes quasi chorava ao recordar-se do corpo effeminado e branco de Alfredo, da sua pelle fina e setinosa, de todos os seus requintes de goso — essa arte delicada que elle punha nos seus contactos, nas suas caricias, nos seus longos beijos demorados,

que soavam docemente, como uma queda vagarosa de gottas d'agua no marmore de uma taça.

E, sem se poder reprimir, desprendia-se-lhe dos braços, pretextando uma dôr de cabeça, uma indisposição; mas reconsiderava depois, e era n'um duro sacrificio que lhe supportava os beijos grosseiros. Mais tarde quando o presentia adormecido, roncando como a trompa de um musico principiante, encolhia-se contra o lado opposto da cama e, ao adormecer, os seus labios contraíam-se, como procurando no sonho a bocca fresca e o halito puro do amante.

No dia seguinte só respirava quando via o marido caminho do rio Leça, a choutear na sua egua lanzuda.

Foi durante um d'estes passeios de Soares que Alfredo appareceu um dia na

Cardenha. Havia uma semana que se não viam: Alfredo não viera de proposito durante esse tempo para não excitar suspeitas.

Ella viu-o da janella subir a escadaria ao fundo do jardim e, tremula de prazer, fez lhe signal para que subisse depressa. E sem mais precauções, apenas elle entrou na sala, fechou a porta por dentro e atirou-se-lhe aos braços, caíndo ambos embriagados e felizes sobre o largo sofá de *reps*.

D'ahi em deante a paixão de Alfredo e o erotismo de Ermelinda esqueceram todas as conveniencias e precauções. Beijavam-se nos corredores, nos vãos das janellas, entre as arvores do jardim, e na ausencia de Soares a *toilette* azul era o seu refugio, a sua alcova — o seu *ninho*, como Alfredo dizia alambicadamente.

Este ia ao Porto e voltava ás vezes no mesmo dia, pretextando trabalhos eleitoraes. De resto passava as manhãs, as tardes e as noites na Cardenha, dando fugidas á administração, onde assignava os officios que o snr. Guedes lhe apresentava.

O seu arrojo crescia perigosamente. Ermelinda combinára com Alfredo entrevistas nocturnas na *toilette* azul. O quarto tinha uma porta para o aposento conjugal e outra para o corredor. De forma que se Soares acordasse de repente e désse pela falta da mulher na cama, esta desculpar-se-ía com uma indisposição qualquer que a obrigára a levantar-se, ao passo que Alfredo pelo corredor se safaria sem perigo para o seu quarto.

E assim se encontraram umas poucas de vezes, sem que Soares despertasse.

Uma noite, porém, Ermelinda, sem querer, deixou tombar uma cadeira contra uma commoda. O silencio adormecido da casa augmentou o estrondo do choque, e Soares murmurou da cama, n'uma voz de somno:

— O' Ermelinda...

Alfredo, enfiado, eclipsou-se pela porta do corredor, emquanto a amante com o maior sangue frio respondia ao marido:

— Sou eu que ando aqui; não te assustes. Estou com uma dôr de cabeça!... Vim vêr se me passava com agua de Colonia... Eu já me deito...

— O' filha, que te constipas!... observou-lhe com voz affectuosa o marido.

E ella serenamente, com o castiçal em punho, dirigiu-se á cama.

— Estás tão vermelha... disse elle ao

vêl-a de perto... Mas ficas assim mais bonita.

E beijou-a.

Era a febre de uma hora de amor nos braços do amante—a dois passos do leito onde o esposo adormecido roncava o honesto somno da sua fidelidade!

XIX

Dois mezes durou esta vida. O seu acanhamento transformára-se n'um arrojo descarado. Agora até nas costas de Soares se beijocavam, ou de longe, na presença d'elle, sorriam lascivamente um para o outro.

Por vezes Alfredo fallava em procurar

casa, mas Soares oppunha-se sempre, pois que amiudadamente precisava da intervenção do administrador nos seus negocios.

Os moleiros do Leça faziam uma guerra aberta á fabrica de papel, e tinham se realisado capturas de homens que destruíam de noite as construcções principiadas, sangravam as aguas do rio, ou tentavam incendiar as pilhas de madeira. Para tudo isto a cooperação e a amizade do administrador eram indispensaveis.

Mas o publico ía rosnando d'aquella longa hospedagem e o proprio Francisco da Silva, com o seu scepticismo de aldeão manhoso, dissera um dia ao abbade:

— Homem, o Joaquim é decididamente tolo. Todos sabem que a Ermelinda

é uma mulher de juizo. Mas, com mil demonios! chegar assim a estopa para o lume parece-me asneira...

— Já lh'o disse, mas tu que queres? exclamava o padre desolado e triste.

E ambos encolhiam os hombros.

O presidente da camara, um cirurgião cheio de finura e de malicia, a quem na terra chamavam o *Mestre Raposa*, tambem certa vez em dôce cavaco familiar com os collegas, antes da sessão camararia, largára a sua piada sobre o caso:

— Na verdade, o Soares da Cardenha recebe como poucos. E' casa, meza, roupa lavada... e esquentador para a cama.

E os snrs. camaristas haviam rido muito com a chalaça.

Por outro lado a snr.ª Joaquina do Beiral fazia á porta da sua tenda os mais

desbocados commentarios sobre as intimidades do administrador com a Ermelinda:

— Olá! a rola já tem rolo... Ah! ah! ah! Eu bem o dizia... Anda-me assim, filha! que a vidinha são dois dias e o que se leva d'este mundo, é o rico corpo consolado...

E estes ditinhos repetiam-se a cada instante.

Mas onde a cousa se tornou deveras notada foi na romaria da Santa Eufemia.

Havia muito que Soares fallava n'esse passeio ao administrador.

— E' preciso ir lá um dia. E' um sitio lindissimo... Olhe que ha de gostar, verá.

De maneira que, quando o abbade disse uma vez na Cardenha que a festa da Santa Eufemia era no domingo seguinte, assentou-se em que o passeio fosse n'esse dia.

Iriam todos n'um *char-à-bancs*. Leva-va-se o jantar no carro e comia-se por lá n'uma bouça, debaixo dos pinheiros, se o dia estivesse bonito.

Alfredo lembrou que se fizesse um *pic-nic*. E para pôr em destaque deante de Ermelinda os seus costumes civilisados acrescentou:

— Eu cá dou o Champagne.

Mas o Ricardo, que era casca grossa e portuguezão á antiga, revoltou-se contra a proposta:

— Deixemo-nos d'esses extrangeirismos, amigo doutor. O que ha de ser é uma boa merenda á portugueza... Peixe frito... o bello salpicão... uma boa posta de lombo e vinho — cá do verdasco... que é o nosso Champagne.

— Anda-me assim! disse o brazileiro rindo. Isto por aqui, snr. doutor, é tudo

Portugal velho... Eu cá sou tambem pela merenda.

E assentou-se n'isto.

Na vespera foi na Cardenha um dia de azafama. Soares queria que se fosse cedo para gosar o fresco da manhã, dizia elle. E por isso toda a noite se lidou na cosinha na confecção d'esse jantar empanzinador, feito segundo as praxes da nossa velha culinaria provincial. Era comida para se servir n'um refeitorio de frades bernardos. Ia preparado um leitão para se assar no espeto, ia o alguidar da sarrabulhada, a classica cabidella, a boa peça de lombo com as competentes rodelas de limão, não sei quantas pescadas fritas ás postas — tudo isto em terrinas, travessas e alguidares, dentro de grandes cestos cobertos por toalhas frescas cheirando a lavado.

Ao anoitecer, quando o Ricardo, que chegára do Soutello no seu macho hespanhol, subia as escadas da Cardenha, disse ao sentir o cheiro forte das frituras que se espalhava por toda a casa :

— Olá ! já se anda com as petisqueiras ás voltas... Bom signal!... bom signal !

E franzia o nariz, aspirando com uma voluptuosidade de glutão esse perfume consolador de cosinha farta.

Na manhã seguinte, logo ás seis horas, o *char-à-bancs* do Zé Côxo, puxado por tres pilecas castanhas, com ramos de carvalho nas colheiras por causa da mosca, entrou pelas ruas do jardim e veio parar á porta de casa.

O cocheiro passou as guias á roda do ferro do travão, saltou abaixo da almofada, enrolou um cigarro e ficou-se a passeiar

deante da porta, á sombra das latadas, atravez das quaes a luz se coava esbatida, amaciada em tons verdes, n'uma penumbra recolhida. Lá fóra chilreavam os passaros, as grandes magnolias erguiam as suas folhagens paradas, ainda humidas do orvalho, reluzindo ao sol na serenidade fresca da manhã, e sobre a agua immovel e polida do lago, onde as verduras se reflectiam profundamente, dois cysnes brancos nadavam deslizando com suavidade, n'um fundo de paizagem idyllica.

Soares, que sentira o rodar do carro, appareceu á janella.

— Já ahi estás, ó Zé Côxo? perguntou de cima.

— A's ordens, patrão! respondeu o cocheiro descobrindo-se.

Momentos depois as creadas em vestes domingueiras, larga roda de saias,

muito oiro ao pescoço, assomavam ás portas com grandes cestos á cabeça. O Zé Côxo, de pé na almofada, acondicionava os volumes no tejadilho, com todo o cuidado, dizendo a sua laracha ás raparigas.

Mas Soares appareceu tambem com dois creados, cada um dos quaes trazia um gordo garrafão revestido da sua respectiva couraça de verga.

— Isso lá para cima, ó Zé... Olha que fique bem seguro, disse para o cocheiro.

E dando de cara com o Ricardo, que havia muito tempo passeava no jardim, perguntou-lhe sorrindo, mostrando-lhe os garrafões:

— Chegarão?...

— Para mim hão de chegar... respondeu o medico n'um gracejo de bebedor

de fama. — Mas isto vão sendo horas... Quando não depois aperta ahi o calor, e com o pó da estrada nem o diabo se aguenta. Esse raio d'esse Ignacio ainda não appareceu?... E' o Francisco e a Maria?...

— Elles ahi veem todos, disse Soares olhando ao fundo do jardim.—Bem. Vou vêr se o doutor se mexe. A Ermelinda já está prompta.

Os tres vinham radiantes: Francisco da Silva envergava a roupa de panno fino, com o chapeu alto, muito lustroso, que depois da sua elevação ás grandezas da vida publica arvorava sempre nos dias festivos ou solemnes. O abbade cuidadosamente escanhoado, todo domingueiro, volta muito azulada, seguia-o, trazendo na mão um sacco de damasco — um dos seus luxos! — onde se guardavam a batina nova, os

sapatos de fivela e as meias altas, porque tinha de tomar parte na festa. E a snr.ª Maria do Rozario pozera a sua manta de renda e o vestido de seda preta, uma rica peça que tinha mandado fazer ao Porto, quando foi do casamento da filha.

No carro estava tudo em ordem. O Zé Côxo dava as ultimas voltas á corda que cingia e segurava ao toldo os cestos da comida e da louça, a snr.ª Maria do Rozario tinha já tomado o lugar ao fundo d'um dos bancos, quando a Ermelinda desceu a escada lentamente, entre o marido e o administrador, conversando emquanto abotoava com vagar as altas luvas de pelle da Suecia. Vinha muito bonita: — um vestido de *voile* azul guarnecido com largos galões brancos, e um pequeno chapeu de campo com um ramo de myo-

sotis a um lado, meio encoberto pelo grande véu de gaze.

D'ahi a um instante o carro rodava pela estrada, entre as bouças polvilhadas por essa luz rosea da manhã, que as agulhas dos pinheiros tamizam finamente.

Iam todos n'uma alegria despreoccupada de excursão, sacudidos pelos solavancos das sob-rodas, rindo, conversando, acariciados pelo ar fresco, que fazia tremular vivamente as pontas do véu branco de Ermelinda.

De instante a instante deixavam para traz grupos de romeiros, as mulheres peneirando grandes rodas de saias negras, com os lenços vistosos cruzados no seio, onde reluziam os enormes corações de filigrana d'oiro, os homens de chapeu braguez para a nuca, collete desabotoado, casaco ao hombro, marmeleiro ferrado na

mão e a viola passada a tiracolo por um cordão vermelho. E aqui ou acolá, arrastando-se entre as muletas ou sobre jumentòs lanzudos, magros e cobertos de mataduras onde as moscas pousavam, alguns mendigos esqualidos, de aleijões repugnantes e monstruosos, como os pobres de Callot, seguiam miseravelmente pedindo esmola, com as suas lamurias que se arrastavam n'uma melopeia chorada.

Das casas que bordavam a estrada mulheres em pé, encostadas ás hombreiras, rodeadas da pequenada em camisa, olhavam pondo a mão em viseira sobre os olhos, por causa da luz. A's portas das tabernas viam-se grupos pittorescos de romeiros, que paravam para beber. Cá fóra, presos á argola, os garranos atarracados e as gordas eguas, de sellote e retranca, enxotando a mosca com a cauda, en-

chiam-se gulosamente da herva fresca, que um rapaz lhes despejava aos braçados na mangedoura; e um ou dois carros d'aspecto poeirento e sujo, a cujas pilecas esgalgadas o cocheiro dava n'uma escudella as sopas de vinho, esperavam á porta com algum passageiro mais sobrio que não entrára para tomar o decilitro reconfortante. De dentro vinha um ruido de vozes, um tinir de copos, a chiadeira das frituras e, de espaço e d'espaço. o *dlin dlin* d'uma guitarra achocalhada, que alguem afinava.

Quanto mais se approximavam maior era a concorrencia. Grupos de lavradores a cavallo seguiam-nos, ao travado, envolvidos n'uma nuvem de poeira; os romeiros a pé marchavam dançando e cantando; outros carros, apinhados de gente até ao tejadilho, íam vagarosamente oscillando sobre as molas duras.

— Muita gente, notou Alfredo. Deve estar animada a romaria...

— Verá logo, verá logo, atalhou o abbade. E' assim...

E mostrava ao administrador a mão direita com os dedos juntos pelas pontas.

— A ultima vez que vim a esta romaria, observou Soares, foi no anno em que o pae — que Deus haja!—-teve as febres e que a mãe, coitadinha, fez a promessa da novena. Vocês lembram se?

E vieram-lhe duas lagrimas aos olhos.

— Se nos lembramos! disseram os irmãos com voz saudosa.

Mas o carro começava a subir ao passo uma ladeira. Ermelinda e Alfredo que íam conversando animadamente, aproveitando o estrepito que as rodas travadas faziam na descida — calaram-se de subito.

O abbade notou que a sobrinha ia

um tanto vermelha. Que diacho estariam elles a cochichar?... E lá com os seus botões ía remoendo os conselhos que em tempo déra ao irmão. Os outros, porém, entretidos, não reparavam em nada e a conversa generalisou-se, fallando-se na decadencia das festas populares, sempre com recordações do passado, evocadas n'essa eterna phrase saudosa — *No meu tempo...* — phrase com o que os velhos se vingam dos annos, condemnando o presente.

— Estamos perto, notou o Ricardo. Subida esta rampa temos de nos apear. Para cima vae-se á pata, que não ha estrada para carros.

Com effeito um momento depois o *char-à-bancs* parou á porta d'uma tasca, atulhada de gente. Outros carros esperavam com as lanças nuas, sem cavallos. Sentia-se já um borborinho d'arraial pro-

ximo, rufos de Zé P'reira, estalos de foguetes, pregões de vendeiras e as notas asperas das gaitas de barro sopradas pelos garotos.

Os Soares apeiaram-se. As duas creadas e o creado, que vinham na almofada, carregaram com os cestos e os garrafões. O abbade tomou então a dianteira e, seguidos dos creados, metteram por uma vereda ensombrada de carvalheiras, que ía n'uma curva larga colleando ascencionalmente a collina.

D'um lado e d'outro, debaixo das arvores, enfileiravam se as vendeiras com os seus taboleiros cobertos de toalhas brancas, offerecendo as cavacas doces, a regueifa de Vallongo, o pão de ló de Margaride; e os cantineiros ambulantes circulavam apregoando a *fresca limonada.* N'outros pontos em tascas armadas com

pannos e esteiras, onde se fritava peixe, via-se ao fundo o taberneiro de mangas arregaçadas, debruçado sobre a pipa calçada por duas achas, enchendo successivamente ao torno os grandes cangirões que se despejavam nas guellas dos freguezes. E entre a multidão os quinquilheiros, cercados de gaiatos bulhentos, vendiam-lhes assobios, cornetas de barro ou anneis de chumbo.

A' sombra dos pinheiros, grupos alegres e ruidosos merendavam sentados no chão, emborcando canecas de vinho verde, tasquinhando com gula a grossa chouriça acompanhada a grandes nacos de borôa, emquanto presas pelas redeas aos ramos das arvores algumas pobres cavalgaduras, melancholicas, somnolentas, abatidas por uma longa marcha, tosavam o matto para entreter a fome.

Os Soares íam subindo, acotovelando-se com a multidão, cumprimentados por um ou outro conhecido, com quem topavam, trocando uma saudação cordeal. O abbade, que ía á frente, apressava o passo com receio de não chegar a tempo para a festa; Soares conversando com Francisco da Silva evocava recordações da sua infancia, d'essa novena a que alí fôra com a mãe; e o medico, um velho satyro brutal, deitava olhadelas concupiscentes ás raparigas bonitas, trigueiras, de ancas largas, seio repolhudo, olho negro e quente, que a cada passo encontrava em recantos discretos, derriçando com os conversados.

Quasi ao alto da subida o administrador offereceu o braço a Ermelinda, que esta marcha difficil fatigára. E quando n'uma volta do caminho attingiram a plataforma da collina, saíndo de repente da

penumbra esverdeada do arvoredo para a plena luz e para o grande ar d'um ceu desafogado, pareceu-lhes que a alma se lhes dilatava n'um largo hausto de vida. A seus pés desdobrava-se uma extensa massa de pinhaes, alastrada n'uma area de leguas, rolando de socalco em socalco em cachões immoveis de verdura sombria, como os redemoinhos d'uma torrente. Ao fundo, debruado pela orla branca do areal, o horisonte estendia-se, morrendo n'essa indecisão de linhas de entre mar e ceu, que se confundem esbatendo-se levemente n'uma aguada azul. E no contorno suave da costa, arredondada em bahia, as casas brancas das povoações maritimas reluziam ao sol, com manchas berrantes de telhados vermelhos...

—Que lindo! disseram os dois quasi a um tempo.

E as suas almas, enlevadas n'esse extase espiritual que dá a contemplação dos horisontes largos vistos d'uma eminenci a, sentiam-se como que alliviadas do naturalismo grosseiro d'aquella orgia aldeã, que acabavam de atravessar.

Mas o abbade, que os viu parados, chamou-os. Era preciso irem á festa. O seu amigo cura já os esperava. Tinham um bom logar ao pé da sacristia. E os dois lá marcharam em direcção á capella, uma ermidinha pobre, caiada de branco, com portão verde e uma pequena torre onde um pequeno sino repicava festivamente. O adro, juncado de funcho, tinha á entrada arcos de murta enastrados de grandes *jarros*, de petalas nevadas e frescas. Em roda algumas tascas e barracas de arraial. E por toda a parte um apinhamento de gente alegre, um batuque continuo de

danças espinoteadas ao som das violas, e sobre os fatos de panno negro ou de cutim pardo dos homens os salpicos dos lenços domingueiros das mulheres, n'um mosaico movimentado de côres vivas e crúas.

Na capella o aperto era grande. Abafava-se. Mas deante do abbade e do administrador, aquella massa de gente empilhada abria um estreito carreiro, por onde os Soares foram seguindo até a sacristia. A cerimonia ia começar. No throno, sobre o altar-mór, erguia-se a imagem da santa padroeira, rodeada de palmitos em vasos azues e de cirios accesos, sobre o fundo vermelho d'um docel de damasco. Sentia-se o cheiro caracteristico das egrejas em festa—cheiro de flores, de incenso, de cêra derretida e de corpos transpirados. Os Soares tomaram logar n'um banco ao pé do

altar-mór, e ahi casualmente o administrador ficou junto de Ermelinda. Isto não passou desapercebido ao mulherio, alinhado nas primeiras filas. Lá estava com o seu lenço muito gommado e o capote domingueiro a snr.ª Joaquina do Beiral, que com um sorriso malicioso fez um signal expressivo á sua comadre Justina:

—Hein? lá está ella com o amigo...

E a outra, com esse despeito profundo da plebeia que vê aburguezar-se uma mulher da sua condição, respondeu com os dentes cerrados, n'um ar de honestidade offendida pelos torpes exemplos do mundo:

—Não que sempre deu n'uma...

D'ahi a pouco todo esse pequeno mundo cochichava, sorrindo, deitando olhadelas furtivas para o grupo dos Soares. Ermelinda percebeu claramente onde essas

frechadas d'uma ironia grosseira vinham bater. Era claro que já na aldeia se murmurava da familiaridade de Alfredo na casa da Cardenha. E ella receiava que essas murmurações chegassem por qualquer via aos ouvidos da familia. Esse facto poderia acordar no espirito do marido ou dos tios suspeitas que os levassem á descoberta da sua falta.

Porisso toda a festa foi para ella um martyrio. Perdera a sua serenidade habitual. O livro de missa tremia-lhe nas mãos, e os seus olhos repassavam dezenas de vezes a mesma pagina sem lerem uma só palavra. Depois da sua culpa era a primeira vez que apparecia em publico com o amante, a primeira vez que ostentava as suas intimidades com elle, deante de testemunhas extranhas, sem a benevolencia amiga e credula dos parentes. Sen-

tia-se espiada, descoberta, escarnecida, discutida brutalmente por esse mulherio mexeriqueiro, que desprezava. As orações da missa cantada, a musica, o sermão — tudo isso lhe vinha bater aos ouvidos como um som indistincto, uma resonancia de barulhos longinquos. Os minutos pareciam-lhe seculos. Não via fim a essa tortura. E uma vez que Alfredo, massado d'aquella longa cerimonia, se curvou para lhe fallar ao ouvido, ella respondeu-lhe seccamente a meia voz:

— Cala-te. Olha que nos descobrem...

O administrador empallideceu. De subito a difficil situação em que se achavam mostrou-se clara e nitida ao seu espirito. E, como Ermelinda, suspirou pelo momento em que se podesse vêr fóra d'essa exposição, terrivelmente compromettedora.

Assim, quando a festa acabou, senti-

ram-se alliviados, como desopprimidos d'um pezadello esmagador. Alfredo afastou-se discretamente e veio conversar com o regedor de Simães, que o comprimentára do fundo da capella. Ermelinda mais tranquilla ficou-se ainda ao pé da mãe, concentrada, resando.

Mas o abbade, que fôra deixar os paramentos á sacristia appareceu com o cura.

— Vá, vamos á comezaina, disse elle, que estou a morrer de fome. Aqui o padre Antonio offerece-nos o passal, onde ha uma latada que é um regalo. E' a dois passos d'aqui. Não se póde arranjar melhor...

—Lembras bem, notou Soares. Está-se lá mais á vontade, sem que todo o mundo nos venha metter o nariz nos pratos.

— E' melhor, é... disse Ermelinda, que achava n'este alvitre a sua salvação.

O passal era um quinteiro pequeno, pegado á residencia do cura, logo no primeiro declive da vertente do monte. Do muro, sobreposto em terraço a um socalco, via-se ao fundo, entre os pinheiros, uma nesga de mar. Havia uma latada cheia de sombra, debaixo da qual um fio d'agua pura corria d'uma pequena cascata, com os seus musgos, os seus seixos e o seu respectivo S. João, de barro pintado. Era um recolhimento fresco de cerca de convento, um retiro discreto onde o barulho d'essa violenta *kermesse* meridional chegava esmorecido e confuso.

O cura, um padre gordo, nedio, epicurista, amando as boas merendas e as sestas calmas, especie de anachronismo fradesco, preciosa reviviscencia dos monges bernardos, espessos, fartos e felizes, fazia rasgada e cavalheirosamente as honras do

seu passal. E todo amavel offerecia a cosinha para se assar o leitão e aquecer a comida. As creadas, ajudadas pela ama do cura, uma matrona branca e frescalhota, estenderam a toalha sobre a larga mesa de granito, que havia junto á cascata; e o Ricardo, com todo o cuidado d'um escrupuloso devoto do Baccho minhoto, foi mergulhar os dois garrafões do vinho verde, para os refrescar, na pequena taça, onde a agua caía.

Tinham trazido cadeiras. Sob a frescura acariciadora da latada, entre o tilintar dos copos, dos pratos e dos talheres, que as creadas dispunham sobre a mesa, animára-se o cavaco. Fallou-se da festa, do sermão, da musica, fallou-se do tempo, do aspecto das searas, das probabilidades d'um S. Miguel farto, da maturação da uva—toda uma mistura d'assumptos

ecclesiasticos e rusticos, que faziam o exclusivo interesse d'aquella pequena roda de padres e lavradores. O administrador, que desde a scena da egreja se quizera mostrar indifferente a Ermelinda, metteu tambem a sua colherada, fallando muito de papo da crise agricola, do estado dos mercados, das quintas regionaes e d'outras formulas e cousas burocraticas, a que no governo civil se chamava *a questão da agricultura*.

Era perto d'uma hora da tarde. Lá fóra a romaria redobrava de animação. Sobre o quinteiro recolhido e tranquillo passava uma onda sonora, feita de todos os ruidos d'essa festa orgiaca. Começou-se o jantar, para o qual o cura offerecera a sopa, uma terrina enorme cheia do mais appetitoso caldo verde. Houve um momento de silencio — essa concentra-

ção exclusiva do homem esfomeado em frente do seu prato. Sentia-se o tinir dos talheres, a deglutição ruidosa d'esses comilões grosseiros e o murmurio dormente da agua, pondo no ar uma nota de frescura. Mas gradualmente a conversa reanimou-se. Entrou a circular o vinho verde. Os grandes copazios esvasiavam-se deixando nodoas arrubinadas nos beiços dos homens. Vinham as travessas fumegantes, com um cheiro forte a especies e a estrugidos. Os pratos eram saudados com acclamações joviaes que o vinho excitava. Soares, já muito animado, exigia que o deixassem trinchar; e atulhava os pratos d'um modo brutal, que chocava o administrador.

—Coma-lhe e beba-lhe! dizia o medico com auctoridade. E' cá a minha receita...

E voraz, insaciavel, embuchava-se de arroz e de grandes nacos de toucinho muito branco, que tremiam gordurosamente nos dentes do garfo.

O cura e o abbade, esses comiam em silencio, mortos de fome pelo longo jejum. Soares exprobou-lhes o mutismo:

— O' reverendos, isso então é só dar aos queixos?

— Regra de frade, amigo Soares! respondeu o cura. Ou bem que se falla ou bem que se come...

Mas quando se serviu o leitão é que a alegria chegou ao cumulo. O medico deteve a travessa no caminho e exclamou d'um modo solemne:

— Cá essa autopsia é commigo...

Todos riram, e elle em pé, com a gravidade d'um professor em frente d'um cadaver, tomou um prato e apoiando-lhe

uma das bordas sobre o pescoço do leitão, muito tostado e tenro, degolou-o com todo o rigor classico d'um bom trinchante. Depois sabiamente desossou-o, separando as costellas, as pernas, as mãos, e fel-o servir em roda.

O leitão foi declarado delicioso. Todos repetiram á excepção de Alfredo e Ermelinda. O vinho verde espumava nas canecas. Um cheiro forte da comida subia da mesa, atulhada de pratos com viandas gordas. Ria-se, fallava-se, gritava-se; e o proprio abbade, que cuidadosamente espiava os menores movimentos da sobrinha e do administrador, parecia porfim despreoccupado das suas suspeitas, todo entregue aos prazeres da boa mesa.

Quando se serviu o arroz doce, o cura pediu licença para offerecer um mimo da sua garrafeira. Era um Porto divino, de

1815, licoroso, aromatico, que luzia nos copos com reflexos de topazio. Beberam-lhe rijamente. Fizeram-se saudes. Esse vinho capitoso acabava de os excitar, subia-lhes á cabeça deixando-os alegrotes, n'uma meia embriaguez ruidosa e jovial.

Foi assim que se levantaram da mesa, uns atraz dos outros, fartos, ligeiramente tontos do alcool, os colletes desabotoados pondo á larga os ventres cheios. E aos grupos iam-se espalhando pelo quinteiro do passal, fallando, rindo, no socego do dia sereno, ouvindo o correr da agua entre as hortas. Ao fundo havia um pequeno pomar, um massiço de laranjeiras crescidas. Era um canto sombrio e humido, discretamente afastado. Foi ahi que Alfredo e Ermelinda foram ter, emquanto a Maria do Rosario ficava sob a latada conversando com a ama do cura, e os ho-

mens, debruçados no muro que defrontava com o mar, discutiam animadamente. Era o primeiro minuto que se viam sós, depois de tantas horas de uma approximação vigiada com desconfiança. Em volta d'elles, por toda a encosta da collina, a festa continuava com frenesi. Ouviam-se as musicas, as cantigas, o sapatear das danças. Sentia-se o ruido d'essa multidão feliz, solta á lei dos instinctos animaes, comendo, amando, espojando-se. E de todo esse monte em festa vinha como que um aroma embriagador de sensualidade forte e bruta, de naturalismo desenfreado, de orgia bacchica, excitada pelo vinho, congestionada pelo sol, mordida pelo pó da terra, assanhada pelo contacto dos corpos, tocando-se, roçando-se no empilhamento d'aquella massa humana.

Essa febre de luxuria barbara esquen-

tou-lhes o sangue. A longa repressão de todo o dia, o ar vivificador e fecundo da larga natureza, os echos d'esse delirio orgiaco, como os dos ritos da Venus oriental, acirraram-lhes, esporearam-lhes rudemente os desejos. Olharam-se tremendo, e occultos entre as laranjeiras, com o ouvido á espreita, como dois namorados d'aldeia, uniram-se n'um abraço, collando os labios...

Mas quando saíam d'esse retiro, onde se tinham afastado por minutos, viram deante de si o abbade, que parecia procural-os com um ar inquieto. Alfredo fez-se um tanto vermelho, mas Ermelinda deitando a mão ao braço do padre, disse-lhe tranquillamente:

— O' tio, venha vêr como estão bonitas estas laranjeiras...

Era quasi sol posto quando saíram do

passal. Muitos romeiros debandavam já, descendo o monte. Outros dançavam ainda na plataforma esperando o fogo e a illuminação da noite. Em baixo o Zé Côxo esperava com os cavallos engatados. Entraram, e o carro começou a rodar, descendo a estrada coalhada de gente, que se afastava aos avisos do cocheiro :— Eh patrão! Eh tiosinho!...

O cansaço invadia-os. Iam todos calados, n'uma concentração triste. Ao entrarem em casa o Ricardo cambaleiava de somno e Soares queixava-se de dores de cabeça.

Desde esse dia, porém, o caso entrou a ser largamente discutido na Guardeira. Era o thema de todos os mexericos. Não havia duvida, d'esta vez: todos tinham visto com os seus olhos aquella grande pouca vergonha na festa da Santa Eufemia

sempre juntos, sempre fallando... A gente séria lastimava Soares : mas os que lhe invejavam a riqueza e a sorte, vingavam-se escarnecendo-o e commentando injuriosamente o boato.

Comtudo estas murmurações faziam-se sempre a meia voz, á bocca pequena, porque os *Boa-sorte* eram realmente um potentado na terra, e de resto todos julgaram perigoso fallar ás claras d'esse escandalo em que figurava, como principal personagem, o snr. administrador...

XX

O abbade, a cujós ouvidos chegavam estas parolices de soalheiro, confrangia-se todo, indeciso em aconselhar o irmão, que lhe recebera mal as primeiras advertencias. Certo dia, porém, acirrado pelo clamor crescente da voz do povo, preoccupado com as suas proprias suspeitas e averigua-

ções, procurou-o á hora em que o sabia assistindo aos trabalhos da malhada.

Era ao meio dia. Na larga eira de pedra estendiam-se os montões de espigas de milho, scintillando ao sol com reflexos d'oiro brunido. Homens e mulheres, em linha, erguiam simultaneamente os manguaes que, descrevendo um circulo no ar, se abatiam com força sobre o milho, fazendo despegar o grão. Ouvia-se o *tam-pam... tam-pam* isochrono dos malhos, como a pancada de um grande pendulo, cortando as conversas dos homens e as risadas das rapa rigas. Os lenços vermelhos, azues ou amarellos das mulheres, cruzados no seio, alternavam com o tom uniforme das camizas brancas dos homens, atravez de cujo peitilho desabotoado se via a carne trigueira, bronzeada pelo tempo. Nos campos, entre o restolho, cantavam as codor-

nizes ou erguiam-se ruidosamente revoadas de lavercas. Ao longe, d'um pinhal distante, vinha repercutido em echos extensos o ruido de machados entalhando-se em troncos seccos. E sob o azul puro, afogado no alagamento da luz intensa e crúa do meio dia, bandos de pombas passavam n'um vôo sereno, com as azas abertas tocadas do sol.

Na torre da egreja, lá em baixo, ao fundo do valle, soaram as tres badaladas do meio dia : a sineta da quinta chamou ao jantar e a linha dos malhadores desfez-se, os homens enfiando as jaquetas, as mulheres ageitando os colletes e os lenços da cabeça. Depois n'uma fila atravessaram o campo e perderam-se além no cunhal d'um muro.

O abbade chegava justamente n'esse momento. Soares viera ao meio da eira

19

e examinava na palma da mão alguns grãos de milho.

—Hein? que bella novidade, snr. padre Ignacio! exclamou logo que o viu. Isto é que foi um anno farto e bom. Que tens tu a dizer a este milho amarello?...

—Rico grão, na verdade! respondeu o outro encantado pelo tamanho e pela côr viva dos grãos de milho.

—E dizem mal da terra! tornou o brazileiro, com esse amor ás cousas rusticas, que fica sempre no coração de quem nasceu e passou os seus primeiros annos no campo.—Trabalhem... trabalhem... Tratem-na bem, que ella agradece tudo o que se lhe faz. Vê lá tu este principado... Nas mãos do snr. Antonio da Silveira, que Deus tenha! mal lhe dava para não mandar comprar couves a casa dos visinhos... O dr. Carlinhos deu com tudo em

pantana... Vê agora como isto está. Olha-me para aquelle lameiro; faze favor de me dizer se já viste por ahi herva como aquella? Olha-me essas vides d'enforcado, de que eu plantei os bacellos apenas comprei a quinta... ali abaixo, onde os vindimadores estão a despegar. Hein? que braços! onde aquillo trepa!... Isto é que é terrinha...—E mudando de tom:—Sabes do que ás vezes tenho pena? E' de não ter um filho a quem deixe isto, para o conservar com amor... Vae em tres annos que estamos casados, e nada...

—Ora, homem, tens mulher nova... Espera, observou-lhe o irmão.

—Hum!... duvidou o brazileiro. Já não creio...

E houve um silencio.

Mas o abbade approveitou a *deixa* para entrar no assumpto.

— Ouve, Joaquim, disse finalmente. Esse teu dito fez-me lembrar uma cousa desagradavel que hontem me contaram... e que te diz respeito...

— Que me diz respeito?...

— Sim. Foi na tenda do Antonio do Beiral. Não sei quem fallou da tua fortuna, que era pena não teres um herdeiro, e a descarada da Joaquina atirou com esta bucha: — Ora o administrador se encarregará de lh'o arranjar...

— Ai a bebada! exclamou Soares, empallidecendo.

— Isto são ditos, bem vês. Mas é desagradavel. Eu bem t'o préguei em tempo... Tu sabes o que são as linguas do mundo. Em o povo entrando a tagarellar... lá vae tudo. E' claro que toda a gente séria crê no juizo da Ermelinda... e na honestidade do dr. Sampaio... Mas estas cou-

sas são o diabo, Deus me perdôe!... Começa-se a fallar, e tu sabes que quem diz um conto sempre accrescenta um ponto... de sorte que se este agora affirma que suspeita, o outro logo jura que viu. Meu amigo: é precisa muita cautela!...

Soares tinha voltado á sua habitual paz de espirito.

— Olha, Ignacio, respondeu elle, eu mando ao diabo as linguas do mundo. Mal de mim se as attendesse! Que cada um viva em paz com a sua consciencia e quanto ao mais... deixar aldravar. Palavras leva-as o vento, o que fica são as acções das pessoas... Em todo o caso a snr.ª Joaquina que tome tento na lingua, quando não paga-as caras... Sou manso, mas em me chegando a mostarda ao nariz não fico por mim! — E de resto eu não ad-

mitto a ninguem que venha metter-se na minha vida. Da Ermelinda até hoje, como tu sabes, só tenho tido provas de estima e de fidelidade... Tu bem viste o que ella foi para mim, quando morreu o pae...—E vieram-lhe duas lagrimas aos olhos.—Eu cá fio-me no que vejo, e não no que as más linguas taramelam. Lá quanto ao administrador devo-lhe muitos serviços, e em minha casa tem sido sempre um cavalheiro. Eu raras vezes abandono a casa, eu cômo com elles, eu estou com elles — eu vejo tudo. Mas além d'isto — tu bem me conheces—não sou homem de duas caras: ou bem que se confia ou que se não confia... E, em consciencia, julgo-me obrigado a acreditar mais na minha mulher e n'um homem de gravata ao pescoço, do que n'essa safada da Joaquina, que é a vergonha das mulheres

d'esta terra. Portanto que se calem... e cuidádinho!...

—O' homem! mas tu podias talvez evitar... balbuciava o abbade.

—Qual evitar, nem meio evitar! Que queres tu que eu faça?... Que metta a Ermelinda n'um convento? que ponha no meio da rua o administrador?... E tudo isto por que motivo, por que rasão? Pelos ditinhos da snr.ª Joaquina do Beiral e d'outras desavergonhadas como ella!... Ora, Ignacio, isso não tem pés nem cabeça! Ninguem me convence de que devo ter menos fé em minha mulher do que nas maledicencias do mundo. Lá isso é que não pega!—Deixa-te d'essas tolices, Ignacio...

O padre desconcertado murmurou a meia voz:

—Está bom... Basta!...

E meio corrido, meio revoltado contra a boa fé cega do irmão, abandonou logo o assumpto.

Mas as murmurações não cessavam. Alfredo quasi se não tirava da Cardenha, e para os creados da casa era já indiscutivel a existencia de relações amorosas entre a sua ama e o snr. administrador. O creado de mesa jurava que uma tarde os tinha visto aos beijos na sala onde se passavam as noites, e a creada de Ermelinda dizia ter encontrado um lenço do hospede debaixo do sofá, no quarto azul.

XXI

Um dia Ermelinda recebeu pelo correio uma carta anonyma. Era n'uma folha de papel esta meia duzia de palavras, em lettra de um disfarce evidente:

«Pessoa que a estima aconselha-a que mude de vida. Seu marido póde, com a maior facilidade, ter conhecimento dos seus

amores com o snr. A. S., e não lhe respondo pela existencia se tal succeder.»

Meia desorientada pela certeza de que o segredo do seu adulterio fôra porfim descoberto, Ermelinda mostrou a carta ao amante, que, tremulo de medo e receoso das consequencias de uma delação, disse, querendo disfarçar as suas apprehensões n'um tom de ironico desdem:

— Temos ahi algum Othello...

Mas as cartas anonymas succediam-se amiudadas, sempre no mesmo tom. Os creados começavam já a mudar de maneiras para com os dois amantes, como sentindo ali um acontecimento a explorar; e um certo dia um bilhete de Alfredo, mandado do Porto, não chegára ás mãos de Ermelinda. Comtudo, n'uma carta anonyma recebida depois, referia-se o mysterioso espião ao desapparecimento d'esse

bilhete, transcrevendo-o em seguida textualmente. Era claro que mais de uma pessoa estava de posse d'aquelle segredo; e Ermelinda começou desde esse momento a preoccupar-se com o seu destino.

Então, subitamente, pozeram a maior reserva nos seus amores. Alfredo foi para a cidade e de lá fez constar que adoecera de repente. Soares chegou a ir vêl-o, e encontrou-o com effeito em casa, queixando-se de uma pontada nervosa.

Comtudo as cartas anonymas não cessavam, e agora reduziam-se a relatar por miudo a vida dos dois amantes. Uma d'ellas dizia:

«Na terça-feira o snr. Soares foi ao Porto e encontrou muito incommodado o snr. A. S. Comtudo n'essa mesma noite, ás duas horas da madrugada, este ultimo cavalheiro entrou pela porta da capella

na casa da Cardenha, e por essa mesma porta saíu ás quatro horas para as cinco. O cavallo que o snr. A. S. montava ficou na bouça da Carreira, preso a um pinheiro. Já se suspeitava d'estas entrevistas nocturnas, mas agora a pessoa que a vigia certificou-se d'ellas com provas irrecusaveis. Pede-se á destinataria d'esta carta que medite no caminho que vae levando a sua vida.»

Ermelinda, é claro, era pois severamente policiada. Quem seria o auctor d'essas cartas? qualquer dos creados? mas, se o fosse, havia terceira pessoa mettida n'aquella espionagem, pois a redacção e a lettra não podiam pertencer a nenhum d'elles, visto serem todos quasi analphabetos. E além d'isto o interesse que transparecia n'esses bilhetes, trahia claramente a mão d'uma pessoa de familia.

Seria, portanto, o irmão? era impossivel. Esse fôra empregado para uma alfandega da raia a empenhos de Soares, logo depois da morte do avô, e lá de certo lhe não chegariam os *zuns-zuns* da Guardeira, nem era homem para se intrometter em tal negocio, mesmo que d'elle tivesse absoluta certeza.

Não podia tambem acreditar que essas cartas lhe proviessem do pae ou da mãe. E, assim, por exclusão de partes, era sobre os dois tios que recaíam as suas suspeitas.

Mas como luctar com elles? como convencer pessoas que se mostravam tão sabedoras das minuciosidades da sua culpa? como justificar-se perante provas tão evidentes? E se tudo isto acordasse a eterna boa fé de Soares? Se alguma das cartas lhe fosse parar ás mãos? Se o inimigo

anonymo se lembrasse de revelar ao marido affrontado a sua vergonha? Que faria elle?

De certo, desvairado, se vingaria com cega crueza como esse Othello, a quem desdenhosamente o comparára Alfredo, e cuja lenda theatral ella conhecia de um modo vago pelas citações de romances tetricos, publicados em folhetins, nos jornaes. Porque Ermelinda, com a sua espontanea e sagaz penetração, comprehendera que a docilidade pacifica, a mansidão de boi de charrua de seu marido, eram susceptiveis de se transformar, sob a crise da ira, na ferocidade cega, indomita e vingativa de um toiro atacado e ferido. E ella adivinhava-o tão duro na colera, como condescendente na bonhomia; ella percebera que a sinceridade da sua rude boa-fé, da sua franca lealdade,

davam a medida da intransigente justiça, da implacavel indignação, que revoltariam aquella alma ingenua e crente, n'um momento de desespero e amargo desengano...

E assim Ermelinda começava a sentir o falso da sua situação. Não podia permanecer ali, sempre rodeada de uma espionagem temivel, sempre arriscada a uma surpreza em flagrante, capaz de lhe comprometter a propria vida. Os seus amores, entre sobresaltos e desconfianças, eram de uma insensatez perigosa, como a de uma pessoa que brincasse com lume sobre um paiol de polvora. Mas, por outro lado, que lhe restava? Acabar com essa ligação criminosa, despedir Alfredo, voltar a entregar-se exclusivamente ao marido? Era já tarde para uma resolução tão decisiva!... O vicio enraizára-se; a

carne hàbituára-se ao goso; o temperamento tivera emfim uma expansão irreprimivel. Já não a prendiam as antigas cadeias da virgindade, o tenue fio de respeito pela sua propria pureza. Uma vez mordido o pomo, o paraizo estava irremediavelmente perdido. Que caminho lhe ficava, pois, aberto? O da fuga, o da deserção, o do abandono definitivo da vida apparentemente honesta. Restavam-lhe o mundo, as paixões, o goso, os amantes, a independencia miseravel da prostituta, a aventura indefinida do amor livre. Restavam-lhe a vida facil, as loucuras da bohemia galante, o culto orgiaco do prazer. Restavam-lhe, emfim, a alegria de uma mocidade caprichosa e leviana, e ao fundo a tristeza, o *spleen* lamacento de uma velhice de peccadora decaída—talvez arras-

tada na miseria, talvez espicaçada pelo remorso...

Mas a ideia da fuga aterrava-a. Hoje, apesar do seu adulterio, era ainda para o publico uma mulher honesta, que o marido faria respeitar apresentando-a pelo seu braço. Amanhã, fugindo — mesmo sem trocar com Alfredo mais um só beijo que fosse — seria já uma adultera reconhecida, uma concubina degradada, a quem o mundo voltaria as costas.

E então n'esta lucta intima, n'esta oscillação de um instante, a mulher fria e calculista d'outr'ora surgiu repentinamente. De que lhe valia esse respeito exterior imposto ao mundo por uma pura convenção — se ella ficava sob o risco constante d'um desastre intimo, talvez da propria vida?! E que lhe importava por outro lado a fama d'honestidade, agora

que justamente ia abandonar o unico meio em que isso lhe poderia servir para alguma cousa?... Lá longe não conhecia ninguem, não tinha que baixar os olhos deante de pessoa alguma. Que se diria d'ella? que era uma mulher casada que deixára o marido—um facto trivial, uma accusação que a não incommodava, pois nada queria d'esse mundo que a podia condemnar. Não. A logica da sua vida era aquella: devia acceital-a. Casára com o tio para obter a liberdade do gôso: seria, pois, absurdo recuar perante um primeiro passo de emancipação na vida. De resto não precisava de ninguem. Era rica: tinha um rendimento de perto de tres contos, absolutamente garantido por um dote ante-nupcial; tinha as suas joias que valiam algumas centenas de libras; tinha, emfim, a belleza, um capital ines-

timavel, que o seu bom tino continuaria a saber administrar com formidavel usura. Era pois uma creancice indecidir-se por mais tempo. A sua unica salvação estava na fuga: fugiria, portanto!

Resolvida a este expediente extremo, precisava de assentar um plano e fazer alguns preparativos. Para ella não era uma condição da fuga projectada o facto de Alfredo a acompanhar. Não o amava. Ali precisava d'elle. Em Lisboa, para onde determinára ir, Alfredo era-lhe dispensavel. Lá sorria-lhe essa vida livre, essa independencia de amor physico, que era o seu sonho doirado, fazendo dos homens o que elles costumam a fazer das mulheres — um simples instrumento de prazer, o gôso d'uma noite que se esquece no dia seguinte.

Assim, escreveu laconicamente ao amante:

«Decidi-me a fugir. Aqui não me sinto segura, porque as cartas anonymas não me deixam e o Joaquim póde vir a saber tudo de um momento para o outro. Vou para Lisboa. Vem dizer-me se queres ou não acompanhar-me.»

Alfredo, entre o medo da aventura e a paixão louca que se lhe desenvolvera por Ermelinda, cedeu a esta ultima tentação e foi á Cardenha jurar-lhe que a seguiria para toda a parte. Ao fim do jantar, no jardim, a alguns passos do marido que conversava com o irmão medico, os dois combináram largamente e em todos os seus detalhes o plano da fuga.

Soares tinha de voltar á Regoa dentro de dois dias, e demorava-se lá perto de uma semana. Alfredo fingir-se-ia no-

vamente doente, não fazendo porém, d'esta vez, as visitas nocturnas. No dia em que elle recebesse um aviso da amante, iria á Guardeira n'um carro, devendo estar no cruzamento da estrada de Leça com a estrada do Porto á Povoa ás duas horas da noite. Ermelinda promettia apparecer-lhe ahi.

No dia immediato Alfredo voltou para o Porto, e no seguinte a esse Soares partiu para a Regoa.

Então só, Ermelinda, com a maior tranquillidade, dispôz tudo para a realisação do seu plano. Durante a noite, com as chaves que o marido lhe deixava sempre, abriu o cofre e tirou todos os papeis de credito, que lhe pertenciam, e o dinheiro, em rolos, dos ultimos juros das suas obrigações do Credito Predial, que Soares tinha intactamente apartado a um

canto, com a designação escripta da sua proveniencia. Depois guardou tudo n'um pequeno sacco de mão de marroquim vermelho, juntamente com as suas joias, e um retrato de D. Catharina, que ella estimava immenso. N'uma pequena trouxa metteu dois vestidos e alguma roupa branca. Finalmente, fechou os dois volumes n'um velho armario de parede, e escondeu a chave.

No dia seguinte, um tanto commovida, mas reprimindo-se energicamente, foi á Portella ver os paes, encobrindo o seu adeus n'um pretexto de passeio habitual; e no caminho deitou ao correio o bilhete avisando Alfredo.

Entrou em casa pela volta das tres horas. Antes de jantar chamou a mulher do feitor e mostrou-lhe uma carta de uma senhora do Porto das suas rela-

ções, que lhe pedia um costume de lavradeira para tirar um retrato.

— Póde vocemecê emprestar-me a sua roupa? perguntou-lhe.

— Pois não, minha senhora; já cá lh'a mando, respondeu a outra.

Ao fim do jantar deu um demorado passeio no jardim e voltou só ao lusco-fusco. Mandou accender luz e esteve até ás dez horas e meia trabalhando e lendo, segundo o seu costume.

O abbade entrou um momento e conversaram. Ella notou-lhe o olhar inquiridor, e adivinhou n'elle porfim o terrivel espião das cartas anonymas. Com effeito era o abbade o policia incansavel que a não deixava. Vendo a cegueira do irmão, sentindo-se incapaz de abalar a sua boa fé e receando uma explicação frente a frente com a sobrinha, tentou desvial-a

nha ao ponto onde marcára o *rendez-vous* gastava-se perto de meia hora, mesmo andando bem. Era facil ser descoberta pelos madeireiros que dormiam na matta, por qualquer homem de guarda ás eiras, ou até por algum retardatario de esfolhadas distantes; e uma *toilette* de senhora, mesmo disfarçada com um lenço e um chale, podia trahil-a, sujeitando-a a um insulto, ou indo talvez levar á povoação um alarme antecipado e perigoso. Porisso inventou o pretexto de uma amiga lhe ter pedido um costume de lavradeira, para, sem levantar suspeitas, obter o vestuario indispensavel ao seu disfarce. De resto esse pequeno detalhe da sua aventura interessava-a, fazia-a sorrir intimamente, dava ao caso um pittoresco de romance, que a seduzia. E quanto ao embrulho que deixára para a mulher do

feitor, esse continha unicamente um dos seus melhores vestidos, cujo destino o bilhete explicava assim:

«Snr.ª Maria: Guarde esse vestido em paga do que me emprestou, e que não lhe posso já restituir.»

A' meia noite tudo dormia profundamente na Cardenha. Mas instantes depois, Ermelinda saíu cautelosamente do quarto vestida de lavradeira, com um lenço na cabeça, o capotilho sobre os hombros e a trouxasita na mão. Para evitar qualquer ruido ía em palmilhas, levando as chinelas debaixo do braço. Cosida com a parede desceu ao primeiro patamar da escadaria principal ás apalpadelas, tateando na escuridão; ahi abriu sem barulho uma pequena porta dando para um longo corredor, que seguiu em bicos de pés; e um momento depois,

tendo transposto outra porta, penetrava na capella allumiada por uma luz bruxoleante de lampada. Dirigiu-se ao altar-mór, atraz do qual se sumiu, passando á sacristia. Lá abriu uma terceira porta, e achou-se ao ar livre. A frialdade da noite fel-a estremecer ligeiramente. Ao limiar da porta parecia indecisa, talvez picada de um remorso, mordida por uma duvida... Saía d'ali—para onde?... Era um mysterio que lhe cercava a existencia, como essa noite de um negro-azul calado, cheio de segredos, que se estendia deante d'ella... Mas animou-se, sorrindo; cerrou a porta cautelosamente, e calçando as chinelas seguiu adeante com resolução. D'esse lado da casa começavam os campos e áquellas horas mortas não havia ali viva alma. A noite estava clara, com um rutilar d'estrellas profundo, como a palpitação

luminosa de myriades de insectos phosphorescentes. Corria um vento fresco, que trazia dos pinhaes distantes exhalações balsamicas de resinas. N'um casal, para as bandas do rio, um cão latia com furia. Os gallos cantavam por toda a aldeia.

Ermelinda penetrou no campo para os lados da eira. Mas, já perto, lembrou-se se estaria alguem de guarda aos milhos recentemente colhidos; n'isto sentiu o rosnar d'um cão, que presentira gente, e occultou-se atraz de uma grande meda de palha. O cão, porém, veio ter com ella, farejando. Ermelinda teve de se descobrir para que elle não ladrasse. O animal reconhecendo-a começou a agitar a cauda, mas ella a meia voz mandou-o retirar:

— Passa fóra! Fóra d'aqui, Marujo!...

E o rafeiro obedeceu, de cabeça baixa e rabo pendente.

Então, contornando as medas enormes, deixou ao largo a eira e procurou a vereda na orla do pinheiral que cobria o dorso do outeiro. Ladeou muito tempo a massa de sombra dos pinheiros e depois internou-se n'ella, seguindo apressada por entre o matto crescido. A brisa da noite refrescava lhe a cara, agitando-lhe sobre a testa os cabellos crespos e revoltos. Os tojos e as silvas pegavam-se-lhe ás saias; as chinelas difficultavam lhe a marcha. Qualquer sombra a assustava; parecia-lhe distinguir vultos cosidos com os muros de vallação. A voz lugubre e plangente do pinheiral, em extensas escalas, semelhante ao som longinquo d'um orgão sagrado acompanhando um psalmo funebre, acordava no seu espirito terrores negros e supersticiosos, como se atravessasse um paiz extranho de legendas mortuarias. Mas na escuridão

da matta fez-se repentinamente uma claridade: um pedaço de ceu phosphorescente de estrellas abriu-se sobre o pinhal, como rasgando um negrume de nuvens. Agora entre as bouças entalava-se uma leira de terra de semeadura: Ermelinda, mais tranquilla, reconhecendo o caminho, começou a atravessar o campo. Do outro lado desceu um pouco á esquerda e cortou outra vez por entre os pinheiros. Então, saltando um portello, achou-se na estrada de Leça. Mal tinha dado alguns passos viu crescer para ella um vulto da outra banda da estrada. Sobresaltada, parou; mas, receando trahir-se, continuou a marcha. Mais perto distinguiu um vareiro, que trazia ás costas uma rede cheia de pinhas. Cruzaram-se trocando uma saudação:

— Salve-a Deus!

— Salve-o Deus, tiosinho!

E o trote leve do vareiro perdeu-se nas suas costas, entre o ruido manso e lento dos pinhaes.

Ao fim de um quarto d'hora de marcha chegou ao cruzamento da estrada de Leça com a estrada da Povoa ao Porto. Ao dobrar-lhe, porém, o angulo de intersecção, viu um ponto de fogo na sombra, como o lume d'um charuto. Parou indecisa. Seria Alfredo? A pequenina braza parecia avançar. Então sentiu passos. Esperou com um leve receio, mas um instante depois reconhecia claramente o *ulster* alvadio do amante.

— E's tu? perguntou-lhe a meia voz.

— Sou, respondeu Alfredo. Vamos... vamos.

E rapidamente, adiantando-se, conduziu-a ao carro que esperava mais adeante.

Entraram. O cocheiro, despertado á voz do administrador, accendeu as lanternas que tinham sido apagadas de proposito, e fez partir a parelha a trote largo, caminho do Porto.

E ali mesmo, mal o carro se poz em marcha, ella entregou-se-lhe n'um longo abraço...

XXII

Na manhã seguinte, estava o abbade depois do almoço a dispôr sobre o friso de uma velha estante, em compridas filas, as maçãs que colhera esse anno, quando lhe entrou pela porta dentro Francisco da Silva, com as feições decompostas, todo tremulo e brandindo ameaçadoramente um varapau de marmelo.

O abbade fitou-o tão espantado, que nem largou a maçã que ia metter á fileira.

— Que é isso, homem? perguntou.

— Que é isto?! rugiu o outro furioso, atirando comsigo para cima de uma cadeira. E' a minha vergonha, sabes tu?... E' o raio d'esta vida, que antes queria estar agora debaixo da terra, ou ter a alma nas profundas do inferno...

— Credo! Mas que te aconteceu? Minha irmã tem alguma cousa?... Falla...

— Antes tivesse, com um milhão de demonios! Então ainda não adivinhaste nada?... perguntou o lavrador, como envergonhando-se de ter elle mesmo de dar aquella noticia.

— Adivinhar!?... exclamou o padre cada vez mais pasmado. Mas só se tu soubeste alguma cousa desagradavel a res-

peito da Ermelinda... aventou, com um palpite repentino.

—Nem mais! É d'ella mesmo. Foi essa desavergonhada que fugiu com o administrador!...

— Fugiu?!... Ai que desgraçada! tornou o abbade empallidecendo.

— Fugiu, sim, com aquelle mariola que o tolo do teu irmão foi metter de portas a dentro como se fosse um amigo de muitos annos! Isto nem pelo demonio, Ignacio! Antes queria rebentar. Que vergonha! Ter uma filha ahi da laia da Joaquina da tenda e da Justininha do Cego! Eu nem sei onde tenho a cabeça! A minha vontade era ir por ahi fóra, procurar os dois, e contar-lhe os ossos do corpo com este cajado! Era o meu regalo! era o meu desabafo!...

E brandia o marmeleiro como se tivesse em frente os fugitivos.

O abbade tinha ficado preso ás taboas do sobrado, n'uma petrificação de soffrimento mudo. Francisco da Silva, cortado pela dôr, torcia-se sobre a cadeira, e agora explosia n'um choro nervoso.

— O' Francisco, dizia-lhe o abbade; socega, homem, socega! As lagrimas são para as mulheres... E' preciso animo. Quem sabe lá como as cousas se terão passado?... É bom averiguar primeiro...

— Qual averiguar! respondia o pae lavado em lagrimas. Está mais que averiguado. Fugiu — aquella grande desalmada, aquella brejeira, que é a minha vergonha!...

E então relatou como se tivera conhecimento da fuga. De manhã a creada foi

chamar Ermelinda ao quarto e encontrou a cama vazia com a roupa desfeita: como a não tivesse sentido saír, ficou admirada, mas correu o resto da casa e foi ao jardim procural-a. Nada! D'ahi desceu á quinta, interrogou alguns trabalhadores: ninguem a tinha visto. Voltou aos aposentos da ama, e todo o seu espanto foi quando encontrou no quarto azul a *robe-de-chambre*, que ella costumava vestir de manhã, e ao lado um collete de lavradeira. Lembrou-se então do recado de Ermelinda a respeito da roupa da mulher do feitor, mas saia, capa, lenços e chinellas — tudo tinha desapparecido: restava só o collete. Teve de repente um palpite e procurou o embrulho que devia entregar áquella mulher. O embrulho estava sobre a commoda com o respectivo bilhete. Em poucos momentos galgou as escadas, cor-

reu á abegoaria e rapidamente contou á snr.ª Maria Rosa o acontecido. No embrulho acharam um vestido de seda: o bilhete, que a mulher do feitor leu como pôde, deu-lhes a explicação de tudo.

— Fugiu: não ha que vêr, snr.ª Maria, fugiu com o hospede... asseverava a creada.

— Ai Pae do Ceu! o que será do patrão! dizia a outra apertando as mãos na cabeça.

D'ahi, muito em segredo, largaram ambas para a Portella. Francisco da Silva, que estava no celleiro, sentiu barulho em casa. Correndo lá, encontrou a mulher estendida no chão, inerte e pallida, rodeada de Maria Rosa e da creada da filha. Foram as duas que lhe contaram tudo, e elle, sem mesmo se lembrar da mulher desmaiada, saíu desorientado, correndo instinctivamente á residencia.

O abbade facilmente se convenceu de tudo, pois as pesquizas que fizera para julgar das murmurações correntes contra a honestidade da sobrinha haviam-lhe dado uma triste confirmação a essas suspeitas anonymas do publico.

Mas elle queria consolar o cunhado:

— Olha, Francisco: deixa-me em todo o caso vêr. Talvez a fuga se não tenha ainda realisado... Talvez a Ermelinda esteja ainda no Porto... Póde ser que haja um meio de evitar essa desgraça...

— Não ha, não ha... negava o lavrador. Já não espero nada! Para mim morreu: é como se a tivesse visto enterrar agora... Eu não quero saber mais d'ella, não quero saber mais do Joaquim, não quero saber de ninguem! Amanhã, largo com a minha companheira para o Soutello, metto-me em casa do Ricardo—

e arranjem-se por cá como poderem. Não tenho cara para andar por ahi depois de uma vergonha d'estas: nem sei como apparecer ao Joaquim... Que a culpa foi muito d'elle! Metter assim em casa um valdevinos que nunca vira—só um doido! Aquillo ás vezes moía-me cá por dentro. Mas que queres? Ser um pae o primeiro a lançar suspeitas da filha... não era cá para o meu genio! E quem o diria, Ignacio?!... quem o diria! A Ermelinda, toda grave, toda sentenciosa, com o seu ar de senhora, uma rapariga que era a luz dos nossos olhos... dar um couce d'estes!... Ah raio de sonsa! parece que fôram as fidalguias dos da Cardenha que te metteram o vicio no corpo! E eu queixava-me do Augusto... Esse ao menos nunca me envergonhou, e agora lá segue o seu caminho, ganha o pão para a bocca e não

me suja o nome. Maldita a hora em que me casei! Quebradas tivesse eu as pernas quando fui para a egreja!

Custou a serenal-o. Porfim resolveu-se a voltar para a Portella, onde o abbade o acompanhou, seguindo para a Cardenha. Ahi chamou a creada e a mulher do feitor e obteve mais pormenores. A porta da sacristia apparecera apenas cerrada. Faltava bastante roupa branca, um vestido, algum calçado e uma saquinha de mão. Um retrato de D. Catharina, que costumava estar sobre uma meza no quarto azul, havia desapparecido, e a creada achára as chaves da senhora mettidas debaixo do travesseiro. Então o abbade tomou conta das chaves, fechou tudo, e ordenou que se mantivesse sobre o caso o maior segredo.

Ao chegar á residencia encontrou o Ri-

cardo a apeiar-se do seu rijo macho hespanhol. A noticia caíu sobre a cabeça do medico como um raio; e, ao fim de uma longa conversa, resolveram ir ambos á cidade *vêr a volta que se havia de dar áquillo tudo.*

Ao meio dia largaram para o Porto no carro da carreira. Pelo Guedes haviam sabido da morada do pae de Alfredo Sampaio, no Porto.

O procurador estava no escriptorio e recebeu-os com muitas cortezias.

—São irmãos do snr. Soares?... Muito gosto... muito gosto em conhecel-os. É um verdadeiro amigo de meu filho... Queiram sentar-se... Então, snr. abbade... Esta cadeira, snr. doutor.

Mas os dois, apressados, pediam desculpa: apenas desejavam saber do senhor seu filho...

—O Alfredo não está cá... Ora que pena! Pensei que v. s.as sabiam... Pois foi hontem para Lisboa... chamado a toda a pressa pelo snr. ministro do reino. Politica... politica... v. s.as sabem... O rapaz vae fazendo o seu caminho. É necessario trabalhar... hoje em dia é preciso ter-se uma carreira...

Não havia duvida. A ordem do snr. ministro tinha sido um pretexto para a fuga, como ao outro dia o proprio pae o veio a saber avisado pelo govenador civil da demissão que o filho apresentára. E o padre e o medico, desembaraçando-se a muito custo do verboso sollicitador, acharam-se no meio da rua tão adiantados como d'antes.

O lance delicado approximava-se. Como avisar o pobre Joaquim Soares? Em caminho da Praça Nova os dois ir-

mãos discutiam esse ponto difficil e melindroso. Ora lhes parecia que o melhor alvitre era escrever-lhe, ora chamal-o á pressa por um telegramma vago; já assentavam em ir um d'elles á Regoa annunciar-lhe de viva voz o triste acontecimento, já em não lhe dizer nada com antecipação e esperar o seu regresso. Comtudo, na Praça Nova, outro facto lhes veio confirmar a certeza da fuga dos dois amantes. Como o abbade entrasse em casa do seu correspondente na cidade, Santos Cunha & C.ª, para levantar um pequeno deposito, soube casualmente pelo guarda-livros, seu velho amigo, que tres dias antes o administrador de Bouças descontára ali uma lettra de um conto de reis com um juro forte. Para que era esse dinheiro? Decerto para a fuga, para se manter algures com a amante... Alfredo estava

pois realmente apaixonado por Ermelinda para comprometter assim a sua carreira com um abandono de lugar, e as suas finanças de filho-familia com uma divida relativamente importante.

Era, porém, necessario tomar uma resolução. De todos os alvitres discutidos o unico que lhes pareceu rasoavel foi o de o avisar por um telegramma, no qual a noticia não tivesse nenhuma indicação precisa. Nenhum d'elles se achava com força para, frente-a-frente, lhe dar conta de um tal successo, nem para n'uma carta o explicar por miudo, — além do que urgia pôrem-se fóra de qualquer responsabilidade, tomando rapidas e immediatas disposições, como requeria a grave natureza do caso. Optaram pois pelo telegramma, que o medico redigiu de um modo vago :—«Vem aqui immediatamen-

te. Acontecimento muito grave reclama a tua presença.»

Ainda pensaram em esperar o irmão no Porto; mas a mesma falta de coragem que os prendeu, quando se tratou de o avisar directa e claramente, fazia-os tambem recuar agora perante uma explicação cara-à-cara. Porisso, apenas expediram o telegramma, foram tomar a diligencia da tarde e voltaram á Guardeira.

XXIII

Aquella noticia vaga, indeterminada, aberta a todas as suspeitas, a todas as conjecturas, ás mais extravagantes e absurdas hypotheses, lançou Joaquim Soares n'uma agitação febril de duvida cruciante. O telegramma surprehendeu-o em meio do jantar, e elle não pôde mais comer. O comboio da tarde partíra momentos

Estava uma noite serena de outomno, sem luar, profundamente estrellada. D'um e outro lado do rio, erguiam-se os fraguedos asperos das margens em duas pinceladas de negro: e só da banda da villa picavam aquella escuridão indistincta algumas luzes mortiças—de janellas abertas e dos lampiões das ruas. A ponte erguia as grandes curvas da sua armação, como a *silhouette* d'um *steamer* colossal movido por uns poucos de pares de rodas gigantescas. Em baixo o Douro marulhava entre a penedia, reflectindo vagamente as claridades do ceu. Vinha do estreito valle uma frescura de brisa humedecida pelos vapores do rio, e ao longe sentia-se o sussurro monotono d'um *ponto,* no qual as aguas se despenhavam fervendo em cachoeira.

Com a cabeça em febre, o brazileiro

debruçou-se sobre as guardas da ponte. O mysterio de toda aquella sombra dizia com o mysterio que o torturava, com o segredo d'esse *acontecimento muito grave*, annunciado pelo telegramma, e que caía repentinamente na sua vida, como um cataclysmo que o ameaçasse de longe sem elle lhe poder avaliar a natureza, a força ou as consequencias. E ahi, durante horas, revolveu com amarga lentidão os seus negros pensamentos. Que teria havido? Decerto, qualquer cousa de muito intimo e pessoal, para a não terem confiado a um telegramma: ou um desastre de fortuna, d'esses extraordinarios para que as condições do credito commercial exigem um segredo absoluto, ou uma desgraça de familia, muito cruel para se revelar repentinamente, muito particular para se expôr á publicidade d'uma communicação aber-

ta. Uma quebra, um prejuizo, uma doença, uma morte, um incidente desagradavel — o que seria de tudo isto o terrivel acontecimento vagamente annunciado n'essa fatal noticia ? O espirito de Joaquim Soares girava em torno d'esta sombria interrogação, como um naufrago em torno d'uma prancha de que as vagas o afastam continuamente. Ao fundo do turbilhão negro dos sobresaltos e duvidas erguia-se em frente d'elle o vulto de Ermelinda, para quem instinctivamente convergiam todos os seus cuidados e receios. Seria á pessoa da sua adorada mulher que se referia esse acontecimento?... A esta ideia a angustia da incerteza attingia as proporções d'um martyrio: e o pobre homem procurava adivinhar, concentrando todo o poder do seu espirito, como para promover n'elle esse illuminismo dos palpites,

que nos fazem presentir o futuro n'uma ante-visão de agoiro.

A's vezes formavam-se-lhe na imaginação quadros lugubres, que elle afastava passando a mão pela fronte, aljofrada do suor das agonias. Eram visões de allucinado, scenas tristes de morte, em que via o corpo magro de Ermelinda estendido no leito mortuario, as mãos em cruz sobre o seio, o rosto pallido de cera, illuminado por esse ultimo sorriso amargo dos moribundos, que tem qualquer cousa d'um derradeiro raio de luz rompendo as nuvens tristes d'um ceu d'outomno, n'uma tarde de tempestade.

E então de toda a vida, de todo o mundo, de todo o universo, apenas via e sentia aquella visão dolorosa e funebre: o *ser* era para elle aquelle cadaver phantastico: tudo o mais era em torno como

uma sombra opaca de cahos. Distinguia-o claramente a alguns passos de si na corrente do rio, aureolado n'uma claridade de crepusculo, beijado pelas estrellas, envolto no lençol de espuma das aguas sussurrantes, como a sombra meiga e poetica de Ophelia... E ali ía como que o seu mundo, a sua crença, o seu deus — ía toda a razão da sua vida, toda a causa da sua existencia! Esse vulto fluctuante na torrente dos seus sonhos era como que o esquife da sua alma... Na terra apenas lhe ficava a materia impura, uns destroços abjectos de carcassa apodrecida — a miseria do seu corpo!... Foi no auge d'esta allucinação desvairada, que o atacou uma especie de vertigem do abysmo. A vida era nada sem ella: para que ficar ali?... Ermelinda seguia na noite desconhecida do *outro mundo*, como uma som-

bra, uma visão incorporea, uma evocação espiritual dos sonhos. Em baixo o Douro sussurrava: era o deslisar do seu corpo leve... Seguil-a... seguil-a—era o seu destino, era o cumprimento da sua jura sagrada... A sombra tentava-o, a brisa fallava-lhe, a voz das aguas fazia-lhe um appello lacrimoso de saudade... E então, debruçando-se nas guardas da ponte, fez um balanço como para se precipitar; mas n'esse momento um carro, descendo de Lamego, começou a trotar sobre o taboleiro, e, como que despertado pelo abalo e pelo ruido, Soares sentiu-se caír de toda a altura d'aquelle sonho desvairado na realidade desesperadora da sua situação.

Estonteado, voltou á villa; á luz d'um lampião viu o relogio: eram onze horas. Foi á hospedaria, fechou a mala e dei-

tou-se sobre a cama vestido, esperando a madrugada.

Quando se levantou chovia. O ceu pardo, barrado de nuvens sujas, que se desfaziam n'um chuvisco continuo e impertinente, dava ás cousas um aspecto triste, d'uma melancholia, d'um *spleen* indefinido. E a primeira luz da manhã, coada atravez d'esses vapores plumbeos, punha em tudo tons cinzentos, uma monotonia de *grisaille*, aquarellada em pinceladas largas, duras, sem nitidez de linhas, sem desenho.

Quando entrou na carruagem, achou lá dentro installados tres passageiros, estendidos sobre as almofadas, dormitando. Arrumou-se a um canto, a face contra o vidro d'um dos postigos lateraes, por onde os pingos da chuva escorriam tristemente, como lagrimas.

A viagem foi um tormento. Quanto mais se approximava, mais as duvidas, os receios, a exaltação do medo e da incerteza o tomavam. Sentia impaciencias terriveis: parecia-lhe que o comboio marchava com uma lentidão pacifica de charrua; revoltava-se contra as demoras nas estações. A sua preoccupação lia-se-lhe no rosto: a um passageiro ouvira dizer a meia voz para outro: «Este homem, coitado! parece que vae afflicto...»

Na estação de Campanhã nenhum dos seus! Mais duas longas horas de angustia até á Guardeira! Os minutos íam-lhe parecendo seculos: todo aquelle transe pezava-lhe na alma com o cansaço d'uma eternidade rasgada de tormentos. E a tristeza do dia, carrancudo, nublado, humido, sem um sorriso de luz, sem uma

restea animadora de sol, acabava de o envolver n'uma atmosphera de sombria desolação.

Procurou um carro, promettendo ao cocheiro uma boa gorgeta para largar o que podesse. Este enfeixou as pilecas excitando-as com o açoite, e, atravessando como um raio toda a cidade de lado a lado, começou em breve a trotar na estrada da Povoa. Soares comia o espaço com a vista, olhando a longa fita de macadam pela portinhola da tipoia, nomeando com satisfação os logarejos passados. Emfim ao longe, n'uma curva da estrada, descortinou as torres da Guardeira, esfarrapando com as suas pyramides aguçadas a nevoa triste e gottejante, e do outro lado do valle a frontaria solarenga da Cardenha, rodeada das velhas

arvores, erguendo-se pacifica e soberana a meia encosta, como uma rainha orgulhosa no seu throno.

O carro desceu rapido a ingreme ladeira, atravessou sobre a ponte o riacho, e instantes depois enfiava pelo portão da quinta, parando á entrada do jardim.

Soares dirigiu-se a casa correndo. A porta estava aberta: galgou as escadas. Ao cimo encontrou o abbade pallido e como petrificado.

— Que ha, Ignacio?! Dize-me o que ha pelo amor de Deus! bradou-lhe o brazileiro desesperado.

O padre, ao vêr a sua consternação, sentiu-se tolhido de movimentos, com a voz embargada, como um paralytico.

— Falla, homem! Pòr tudo quanto há, dize-me o que houve!...

Duas grossas lagrimas rebentaram dos

olhos do abbade, immovel e mudo como uma estatua.

—Meu Deus, mas falla!... Já sei... Foi a Ermelinda? Está mal?!... Mas dize... Ah! está mal, está mal... Bem m'o dizia o coração...

E louco, perdido de dôr, na ultima crise d'um soffrimento sobrehumano, correu pela casa gritando:—Ermelinda! Ermelinda!...

O irmão seguia-o; Soares abriu a porta do quarto conjugal: mas recuou pasmado ao vêr a cama feita e sem ninguem... Uma ultima vez balbuciou: Ermelinda!... n'uma voz inexprimivel de desespero e incerteza, como o derradeiro grito d'um afogado.

O abbade entrára no quarto.

—Mas o que é isto, Ignacio?... o que é isto?!...

— Escusas de chamar mais por ella... respondeu o padre finalmente.

— Então... morreu?! interrogou no auge do desespero.

O outro olhou-o serenamente.

— Não. Fugiu... disse.

Um rugido monstruoso, uma voz inaudita, cheia de arrancos de colera e soluços de agonia, echoou por toda a casa. Soares torcia no ar os braços como n'uma convulsão de envenenamento, e, deitando as mãos aos hombros do abbade, perguntou-lhe cara a cara, com um aspecto demudado e feroz:

— O que dizes tu?!... Fugiu?...

— Fuigu, repetiu-lhe o outro pallido e tremendo.

— Fugiu com o... administrador?

— Sim... com o administrador.

Soares apartou-se do irmão. Deu al-

guns passos, visivelmente afflicto. Os soluços cortavam-lhe a garganta, o corpo tremia-lhe n'uma convulsão horrivel. De repente suffocado, o olhar fixo, a face vermelha, levou as mãos com desespero ao peito opprimido, e, soltando um grito lancinante, caíu no chão redondamente, a arquejar como um moribundo.

XXIV

Quando voltou a si do longo desmaio encontrou-se deitado na cama e viu á cabeceira os dois irmãos. Lançou um olhar vago pelo quarto, um olhar estupido de quem acorda n'um mundo que não conhece.

O medico receou um ataque repentina de loucura ou uma d'essas absolutas

paralysações de memoria, causadas vulgarmente pelas emoções fortes, e que lançam o espirito na indifferença inerte do idiotismo. Tomou-lhe o pulso para reconhecer o estado febril, mas a este contacto o corpo vibrou como atravessado de uma corrente electrica, e Soares erguendo-se de um salto lançou-se aos braços dos irmãos n'um choro convulsivo e abundante. Sentado n'um sofá, com a cabeça escondida contra o peito de um d'elles e apertando as mãos do outro nas suas, chorou immenso tempo, n'uma expansão forte da sua sensibilidade de creança. Quando as lagrimas foram menos abundantes e os scluços começaram a espaçar-se, os dois julgaram perceber-lhe algumas palavras entrecortadas.

— Queres alguma cousa? perguntou-lhe o medico.

—Não me deixem... não me deixem... balbuciava elle.

Mas como lhe parecesse sentir no quarto proximo — justamente a *toilette* azul de Ermelinda—rumores de vozes extranhas, tornou:

—Não quero aqui ninguem... Só vocês... só vocês... Mandem aquella gente embora...

E o abbade saíu a mandar retirar os creados, que estavam com effeito no aposento ao lado.

—Estás melhor? perguntou-lhe o medico.

—Como hei de eu estar!... respondeu Soares n'uma voz que parecia resignada.

Mas de repente voltou-lhe outra crise de choro, porém d'esta vez, seguida de um desespero de louco furioso. Prague-

java, contorcia-se, corria o quarto apostrophando a mulher e o amante, os irmãos, a sua *maldita sorte*, a sua *triste vergonha!...* Eram gritos, gemidos, soluços, supplicas e blasphemias, risadas e lagrimas, que lhe explosiam da garganta como a lava incandescente do soffrimento que lhe refervia no intimo do peito. Os seus passos pesados e incoherentes abalavam o sobrado. A sua voz cavernosa echoava por toda a casa, como uma trovoada de palavras... Todo o corpo vibrava n'uma excitação geral dos nervos e do sangue: os musculos tremiam-lhe em contracções violentas, a face estava apopletica, os olhos vermelhos e inchados do choro, os cabellos em pé, as narinas palpitantes, o peito arquejando como um folle. De vez em quando levava as mãos á garganta como suf-

focado; parecia que o estrangulavam: as cordoveias salientes e tesas tinham uma rigidez de cordões metallicos; a bocca abria-se-lhe n'um desespero de asphyxia, com a lingua roxa, como a dos enforcados; o thorax alargava-se arfando oppressamente. Então um *ai* horrivel, um *ai* quasi ventriloquo, profundo e cavo, um *ai* como os dos asthmaticos e dos moribundos, rompia-lhe do peito, n'um medonho desabafo da sua agonia violenta... Era o paroxysmo da dôr, a epilepsia terrivel dos grandes cataclysmos moraes!

Os irmãos acreditaram por instantes que elle ia enlouquecer ou morrer. Só uma natureza herculea podia assim resistir a crise tão intensa e tão longa. O medico receava uma apoplexia, a fulminação repentina de um grande rompimento vascular.

Uma tosse secca, d'esgana, começou a atacal-o. A vista turbava-se-lhe, nublada de lagrimas; as palavras — injurias, pragas, rogos, obscenidades—saíam entrecortadas em monosyllabos incomprehensiveis; uma baba espumosa escorria-lhe aos cantos da bocca.

A crise parecia augmentar sempre, crescer indefinidamente, attingir uma tensão, d'onde apenas se resolveria pela morte ou pela loucura. Mas n'um momento a suffocação tomou-o, paralysou-lhe todos os movimentos, e elle caíu de novo, como uma massa pesada e inerte, sobre o tapete do sobrado.

— Foi o que valeu! exclamou o medico.

Desapertaram-no, abriram a janella, borrifaram-no com agua. Mas não vinha a si, caído n'uma prostração profunda.

Entretanto as convulsões iam lentamente diminuindo, os olhos cerravam-se, a respiração, se bem que apressada e forte, restabeleceu-se porfim. Um suor frio cobria-o; um resto de tosse abalava-o, já brandamente, de momentos a momentos.

Então arrastaram-no para o sofá, deitando-o. Começou a murmurar palavras vagas, sem comtudo abrir os olhos; a respiração era cada vez mais regular, as faces empallideciam. O medico não lhe deixava o pulso. O abbade atraz d'elle murmurou uma curta oração...

— Dorme, disse Ricardo. Passou do desfallecimento ao somno. Se tem outra como esta — vae-se...

E cerrando as janellas, sentaram-se ambos a seu lado.

Soares dormiu longamente, horas a seguir. O cansaço de tanto tempo de tor-

tura cruciante, seguida de uma crise de tal fórma violenta, e a falta de alimentação prostravam-no n'um entorpecimento profundo. Agora, pela face macerada, as olheiras roxas, os labios descorados, a physionomia abatida, media-se a intensidade do seu agudo soffrimento. E o seu aspecto tinha a desolação triste de um retalho de natureza depauperada, batida, destroçada pelas convulsões de um temporal.

Era lusco-fusco quando acordou. Os irmãos temiam a repetição da crise, e o medico apenas contava com a sua fraqueza e o seu abatimento para ella ser passageira e fraca. Soares estava de facto debilitadissimo. A voz mal se lhe percebia, os movimentos eram lentos e tremulos como os de um homem exhausto de forças. Apenas repetia aos irmãos:—Não

me deixem...—De resto não perguntava nada, não pedia nada, encolhido ao seu canto, tremulo e sem calor. O medico fallou-lhe em comer; respondeu apenas um *sim* quasi imperceptivel. Veio luz: trouxeram-lhe um caldo forte e vinho do Porto. Nos primeiros momentos comeu com um appetite devorador sem dar uma palavra; mas de repente parou, duas grossas lagrimas bailaram-lhe nos olhos, e erguendo-se no sofá exclamou:

—Não posso... não posso! Isto é um inferno!

Voltava-lhe com as forças a energia para um novo accesso de colera: e o seu pensamento fixo, achando os nervos retemperados pelo descanso, ia explosir outra vez na excitação d'aquella dôr invencivel. Foi a muito custo que os irmãos o contiveram, animando-o, consolando-o.

Rasgou-se assim a longa incommunicação em que se achavam desde a chegada de Soares. O abbade appellava para a sua fé de christão, prégando-lhe a paciencia, recordando-lhe os tormentos de Jesus, resignado e manso como o cordeiro symbolico. O medico começou então a historiar lhe o caso vagamente, excitando-lhe perguntas que não tardaram, cheias de um desejo minucioso de detalhes, de uma necessidade absoluta de se certificar convictamente d'aquelle successo. Elle ouvia, com uma apparencia serena, a face laivada de rubores de vergonha, os olhos baixos, fitando a cadeia do relogio. De vez em quando soltava um suspiro, murmurando apenas: —Que inferno!... Desalmada!... Fui bem pago!...— e outras phrases curtas e amargas.

Parecia conformado, parecia caído

n'um periodo de dôr menos aguda, n'um abatimento desalentado de tranquilla desesperança. Chorou de novo, mas sem exaltação: eram grossas lagrimas espaçadas, rolando-lhe ás duas e duas pela face, que elle enxugava continuamente com o lenço, não cessando de suspirar.

Ao fim da longa narrativa, disse simplesmente muito commovido:

— Bem! acabou-se!... Já era sorte de mais: tardava-me o pontapé... Siga o seu destino, já que assim o quiz... ou Deus lh'o impôz! No fim de contas ella é uma desgraçada... Eu é que devia ter juizo. Já tinha edade para isso!

E ninguem mais lhe arrancou uma palavra.

A's nove horas disse que queria dormir no escriptorio, pois o impressionava aquelle quarto. Saíu apoiado aos irmãos,

que alli mesmo sobre um divan lhe fizeram uma cama ligeira. Elle enterrado na sua poltrona, deante da banca de trabalho, conservava-se sombrio e calado.

— Bem... Agora deito-me, volveu d'ahi a pouco. Tu, Ricardo, tens lá dentro o teu quarto... Ignacio, até ámanhã.

— Não queres que eu fique aqui comtigo? perguntou-lhe o medico.

— Não é preciso, respondeu. Estou já socegado... E tenho tanto somno...

— Pois então dorme, descança, que é o que é preciso, volveu o outro. Em estando para isso sáes d'aqui um tempo, vaes espairecer... Gosa o que tens e coração á larga! Acabou-se. A vida é assim...

E despediram-se, o medico retirando-se ao quarto, o padre descendo a escadaria do jardim.

Sósinho no escriptorio, Soares passeou longamente com as mãos atraz das costas. Voltavam-lhe a febre, a agitação, como pelo attricto continuo da sua ideia fixa no cerebro. A visão de Ermelinda era o seu pesadello, a sua tortura, o seu martyrio. Já não lhe apparecia, porém, impolluta e santa, qual vulto celeste, como na allucinação quasi doce da noite anterior... Agora era uma sombra damnada e escura que deante d'elle se torcia, ebria de goso, nos braços de um outro homem... Era uma evocação do inferno, uma deusa extranha de lascivia peccadora, acirrando-o pela carne, mostrando-lhe a sua nudez deslumbrante que rescendia um aroma de sensualidade diabolica! Via então todas as scenas occultamente passadas a seu lado, ouvia o ruido d'aquelles beijos adulteros, que lhe rasgavam a alma como

punhaladas; distinguia os dois corpos n'um abraço continuo, os troncos unidos, os labios na permutação longa do mesmo halito. E procurava-os no espaço, seguia-os como sombras errantes d'uma visão dantesca, querendo desligal-os, para os estrangular depois n'uma vingança de tigre ciumento. Mas, por momentos, sentia-se misericordioso—invadia-o uma piedade immensa, uma bondade commovida e generosa!... Quem sabe o que ella sofferia do seu erro?... quem sabe o que amargára na sua paixão?... Decerto amava o outro, seguia-o dedicadamente, dando-lhe a vida, o futuro, sacrificando-lhe todo o seu destino, pondo-lhe aos pés a reputação; a dignidade, a riqueza e a fortuna. Era um amor invencivel—peccador mas generoso, culpado mas nobre, perdido mas sincero! E via n'ella então uma desgraçada,

uma infeliz, uma victima innocente da sorte! Ia a perdoar, magnanimo como um Christo; mas sentia atraz de si as gargalhadas do mundo, as chufas do publico; percebia de todos os lados a troça, o ridiculo, a risada cynica dos incredulos... Elle, porém, indignado e desdenhoso, accusava apenas o acaso; erguia uma voz de defeza a favor d'aquella mulher que o envergonhára; respondia ao insulto com a benção! Comtudo as gargalhadas do mundo cobriam a sua voz impotente, e de longe vultos sarcasticos apontavam-no com gestos affrontosos...

Era um martyrio, um grande inferno que se abria deante d'elle... A sua alma balouçava-se entre a vingança e o perdão, entre a cólera e o desprezo, entre a raiva e o abatimento... E no confuso revolver d'essas vagas, no torvelinho d'essas ven-

tanias contrarias, elle sentia-se sem vontade, sem determinação, sem consciencia, como um navio destroçado entregue aos caprichos do temporal.

Mas na sua natureza bondosa e credula a misericordia vencia sempre. E Ermelinda apparecia-lhe agora de olhos baixos e lacrimosos, como uma ré, arrependida talvez do seu crime não premeditado... Essa visão enchia-o de piedade. Que fazer?... Recebel-a outra vez? Não: o seu contacto era agora uma impureza, a sua companhia apenas um peccado immundo... Não queria o seu corpo maculado para sempre, não queria o seu amor polluido no adulterio! Para elle morrera, e tudo o que restava da sua pessoa era uma saudade intima, orvalhada de santas lagrimas... Mas ao menos queria minorar-lhe com a caridade a sua tortura,

entregar-lhe de motu-proprio o que era d'ella, e que decerto agora não exigiria, envergonhada pela falta e pela consciencia de sua ingratidão. Não se vingaria; ia arredal-a só, distancial-a de si, matal-a no seu espirito, sem lhe fazer sentir nem o seu desprezo nem a sua cólera.

Com a chave que o abbade lhe entregára antes de se retirar foi abrir o cofre. Tudo o que lhe pertencia estava intacto; os papeis e os dinheiros de Ermelinda haviam porém desapparecido!...

O que?! Ainda outra desillusão?... Ella fugira sem um tremor de remorso, tendo premeditado friamente este seu passo na vida?! Não era pelo amante que o deixára, não era por um amor louco mas desinteressado que se perdera?!...

Soares não podia mais. Era um cruel despertar de toda uma existencia de boa-

fé e sinceridade. As ultimas illusões do seu bondoso coração de optimista caíam-lhe desfeitas ao vento asperò do desolado outomno da sua vida... Não, elle não fôra para Ermelinda nada d'aquillo que imaginára ser!... Fôra só durante algum tempo um grilhão dourado que ella acabava de partir... Fôra a mina que explorára, o negocio que a enriquecera, o degrau que pisou desdenhosa e fria para subir ao ideal dos seus desejos!... Mentira-lhe sempre, enganára-o, enredára-o, tentára-o, conquistára-o traiçoeiramente. Entrára-lhe no coração, de manso, como uma vibora, para depois lhe cravar os dentes venenosos... Elle não passára de um amante rico mas ingenuo que se deixou explorar; não passára do primeiro *amigo,* que a *lançou,* dando-lhe com o dinheiro a liberdade do gozo,

a independencia do amor e do prazer!...
Tudo fôra uma comedia, tudo uma farçada, onde elle fizera um papel ridiculo!

Percebia agora um milhão de cousas que havia explicado com a innocencia caprichosa da mulher; percebia as suas preferencias hypocritamente ingenuas, as suas creancices fingidas, a sua seriedade postiça! Recordava-se de certas resistencias passivas aos seus carinhos, depois da intimidade de Alfredo, umas pequenas mudanças subitas no trato conjugal, que elle havia tomado por leves indisposições de humor. Percebia o seu interesse pelos negocios, mascarando um artificio para o afastar de si; percebia finalmente todos os segredos, todos os estratagemas, todos os mil invisiveis detalhes d'essa longa conspiração tramada contra a sua fortuna e contra a sua honra!...

Ah! a vida era aquillo?! O mundo era aquella comedia de hypocrisia e mentira?! Em tudo o egoismo, em tudo o interesse, em tudo a cegueira do capricho campeando como lei?... Mas como o percebia elle só agora ao fim de meio seculo de existencia — elle um homem de trabalho, um soldado na lucta da riqueza, um conquistador arrojado e feliz do Oiro e da Fortuna?... Porque nunca traficára elle, porque nunca roubára, porque nunca mentira, porque nunca procurára como os outros os prazeres, os ruidos da vaidade, os gozos egoistas da vida?...

Tinha sido um obscuro, um mediocre, um desconhecido, um pobre diabo honrado e trahido, honesto e coberto de affrontas!... Ah! não se conhecia?! Pensava que ao menos podia ter o consolo de uma intimidade casta, de uma estima

sincera, de uns beijos dados sem preço e sem condições?... Nada! Visse-se a um espelho... Esses beijos eram para os typos finos, para as boccas novas cheias de appetites e voluptuosidades... Para elle o prazer d'aluguer, o gozo ajustado — no catre da prostituta, como no leito da esposa!...

Um riso de desdem assomou-lhe aos labios. Em frente estava uma *console* com um espelho. Allumiou-se com um castiçal e olhou. Achou-se hediondo e teve para a sua fealdade uma gargalhada de desprezo, digna de Diogenes. Que mostrengo! A pelle dura e negra; o cabello basto e curto, já grisalho, fazendo-lhe como um capacete ajustado ao craneo; a suissa aspera, o olhar idiota, as narinas grossas e chatas de *bull-dog*, a bocca larga, de beiços brutaes, arqueando-se n'um sorriso alvar de patego!... E que-

ria amor—aquillo ?! Mas para elle bastava a sensação, o erotismo animal das sadias naturezas campónias, o corpo musculoso e grosso d'uma Venus de freguezia!...

—Ah! Ah! Ah! ria como desvairado... E fui casar-me com uma mulher que parecia um anjo!... Forte besta! Foi bem feito...

Então olhou-se no meio d'aquelle mundo que se lhe revelava agora, aquelle mundo negro e torpe, que lhe succedia no espirito á visão luminosa do seu optimismo. Que vezes lhe haviam dito já os seus amigos no Brazil:—Soares, a sua boa fé ha de perdel-o!—Sim: tinha-o perdido! Vira sempre os homens atravez da limpidez da sua alma; vira o coração humano pelo prisma da sua misericordia benevolente de christão sincero! O mundo era o egoismo, era o interesse, era a lu-

cta, era a guerra, era o parasitismo, a mentira, a fraude, a vingança. Elle era o amor, o desprendimento, a verdade, o perdão... Era-lhes impossivel entenderem-se: viver tornava-se-lhe um martyrio, o mundo transformára-se para elle n'um inferno!

E a ideia da morte, do repouso eterno, da quietação final no aniquilamento, appareceu-lhe luminosa e appetecivel como uma esperança... A morte seria a noiva que o não enganaria, a amante fiel de todas as horas, perdendo-se na eternidade abraçada ao seu cadaver...

Confusamente murmurou:

—Morrer é melhor! Eu já me não conformo com a vida...

E, como somnambulo, abriu uma gaveta da sua banca. Tirou de lá uma velha pistola, a pistola que o acompanhára no

Brazil nas suas viagens de caixeiro ambulante. A sorrir, carregou-a. Era terrivel o seu sorriso. Illuminava-lhe o rosto grosseiro e vulgar de uma maneira extranha. Os olhos tinham uma serenidade de altivez heroica, os labios contrahidos uma expressão dura de resolução suprema: toda a face um ar de melancholia doce, um clarão indescriptivel de bondade, que lhe transformava — espiritualisando-as — as feições irregulares e boçaes.

Lentamente apertou a buxa, deixou escorregar a bala no cano escuro... Depois ergueu o cão e acertou a espoleta sobre o ouvido...

— Prompto... prompto... balbuciou.

Ergueu-se e lançou o olhar pelo quarto: viu o cofre aberto.

— Cá fica... elles o dividirão como quizerem... disse sorrindo-se.

E o seu rosto transformava-se cada vez mais. Aquelle sorriso descrente e superiormente ironico accentuava-se na prega desdenhosa dos cantos da bocca... Havia um não sei que de firmeza stoica, de grandeza d'alma, de superioridade moral na sua physionomia decidida, energica, e ao mesmo tempo altivamente sarcastica.

Machinalmente dirigiu-se ao meio do quarto. Desabotoou lentamente o collete e a camisa, suja da viagem e engelhada pelos movimentos da sua grande excitação da manhã. O peito cabelludo e arqueado mostrou-se atravez da abertura do peitilho, deixando ver tambem o pescoço athletico, grosso e curto como o de um touro.

Afastou o casaco: apontou com sere-

nidade ao coração, olhando a bocca da pistola — e disparou.

A sala estremeceu com o tiro: o corpo cambaleou dois segundos—e elle tombou de costas no sobrado, a mão esquerda sobre o peito vermelho de sangue, a direita segurando a pistola fumegante...

Mas no seu rosto pairava aquella expressão extranha dos derradeiros instantes. Os olhos abertos tinham na sua fixidez terrivel como um clarão profundo de intelligencia: dir-se-ía o desabrochar d'um pensamento elevado e bello no terreno de uma physionomia vulgar... O nariz, um pouco afilado, perdera o seu aspecto grosseiro e duro; a testa contrahida franzia as rugas n'uma expressão de energia orgulhosa e calma. A bocca sorria com um riso indizivel, mixto de despreso,

ironia e piedade, fixado na rigidez da mascara como a crystallisação physionomica dos seus ultimos sentimentos — de scepticismo, de desengano e de perdão!...

Julho a Outubro de 1883.

ROMANCES & NOVELLAS

Ao *Brazileiro Soares* seguir-se-ha um primeiro volume de *Contos*, a entrar no prelo, e logo depois os seguintes romances e novellas:

Maria.
O senhor Doutor.
O morgado de Sever.

Etc., etc., etc.

IMPRENSA FERREIRA DE BRITO

Rua da Victoria, 166

PORTO

LUGAN & GENELIOUX

EDITORES

C. C. Branco

Eusebio Macario........	800
A corja.................	800
A brazileira de Prazins..	800
A freira no subterraneo.	500
Os ratos da Inquisição, poema inedito do judeu portuguez A. Serrão de Castro................	600
Com uma rica cartonagem	900
Criticos do Cancioneiro.	200
Noites d'insomnia. 12 vol.	2$400
Echos humoristicos......	400
Luiz de Camões..........	400

Gervasio Lobato

A comedia de Lisboa.....	600

Eça de Queiroz

Crime do Padre Amaro..	1$200
O primo Bazilio, 1 vol....	1$000
O Mandarim............	500

Thomaz Ribeiro

Delfina do Mal...........	800
D. Jayme, edição completa.	800
D. Jayme, edição popular. 1 vol..................	400
Vesperas...............	1$000
Sons que passam.........	600
A Indiana, entre-acto em verso. 1 vol............	300

Fialho d'Almeida

A cidade do Vicio........	600
Contos..................	600

Garrett

Retrato de Venus, 1 vol....	600
Lyrica de João Minimo...	600
Da Educação. Cartas.....	600
Portugal na balança da Europa...............	600

Amaral

Os habitantes do planeta Saturno..............	600

Anthero do Quental

Thesouro poetico da Infancia................	400
Em papel superior.........	500
Odes modernas...........	400

Francisco Palha

Musa Velha..............	600

Julio Lourenço Pinto

O Homem indispensavel...	500

Monteiro Ramalho

Historias da Montanha...	500

OBRAS NO PRELO

Eça de Queiroz — *Os Maias*. Romance. 2 volumes.

Ramalho Ortigão — *John Bull*. 1 vol.